

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
MESTRADO

ALEXANDRE DRESCH BANDEIRA

**INTERSECÇÃO DOS DISPOSITIVOS MIDIÁTICOS E RELIGIOSOS:
A MUDIATIZAÇÃO COMO LÓGICA DO CONSUMO NA IGREJA UNIVERSAL DO
REINO DE DEUS**

São Leopoldo

2006

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
MESTRADO

ALEXANDRE DRESCH BANDEIRA

**INTERSECÇÃO DOS DISPOSITIVOS MIDIÁTICOS E RELIGIOSOS:
A MUDIATIZAÇÃO COMO LÓGICA DO CONSUMO NA IGREJA UNIVERSAL DO
DO REINO DE DEUS**

Orientador: Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira

São Leopoldo

2006

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

B214i Bandeira, Alexandre Dresch
 **Intersecção dos dispositivos midiáticos e religiosos: a midiatização como
 lógica do consumo na Igreja Universal do Reino de Deus / por Alexandre
 Dresch Bandeira. – 2006.**

276 f.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa
de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2006.

“Orientação: Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira, Ciências da Comunicação”.

1. Mídia - Religião. 2. Igreja Universal do Reino de Deus. 3. Tele-
Evangelismo. I. Título.

Catlogação na Publicação:

Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para o meu filho Rodolfo, por ele representar tudo o que tenho de bom nesta vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e reconheço todo o esforço de meu orientador, Prof. Dr. Jairo Ferreira, pelas suas qualidades intelectuais, morais e afetivas, me apoiando de uma forma brilhante nos momentos difíceis, inclusive sacrificando suas férias para melhor me atender.

À Denair, mãe do meu filho, pelo seu apoio, dedicação e compreensão durante os dois anos envolvidos no mestrado.

Aos participantes da banca de qualificação, Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes e Prof. Dr. José Luis Braga, pelo respeito e as suas observações valiosas em um momento muito importante nos destinos da minha pesquisa. Não posso deixar de fora o Prof. Dr. Atílio Hartmann, meu primeiro incentivador a investir nesta empreitada, e ao Prof. Dr. Antônio Fausto Neto, nos seus prontos atendimentos quando o solicitava. Aos demais professores e colegas que sempre se dispuseram nas para esclarecer as dúvidas.

Esse trabalho foi parcialmente financiado pelo Programa de Bolsa Filantropia da Unisinos (80%).

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. (João, 8:32).

RESUMO

Esta dissertação expressa a investigação sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na perspectiva dos processos midiáticos. Teoricamente, reflete a partir dos conceitos de igreja eletrônica, dispositivos e campos midiáticos. Empiricamente, se desenvolve a partir de procedimentos de observação e pesquisa documental. O método de construção das análises seguiu uma linhagem descritiva, de sucessivas formalizações, utilizando recursos analíticos diversos, inclusive esquemas visuais (mapas, plantas, organogramas e fotografias), até se aproximar de conceitos centrais em torno dos quais procuramos pensar o midiático nesta Igreja. Esta análise procura mostrar todo o processo midiático através da intersecção dos dispositivos midiáticos e religiosos, envolvendo os vários conceitos nos problemas estudados, com a intenção de procurar entender como a IURD trabalha no campo midiático, misturando práticas das lógicas de consumo junto com as de religião.

Palavras-Chave:

Midiatização, Tele-Evangelismo, Dispositivos, Campo das mídias.

ABSTRACT

This dissertation only expressed the investigation on the Universal Church Kingdom of God (IURD) in the perspective of the processes midiáticos. Theoretically, he/she contemplates starting from the concepts of electronic church, devices and fields midiáticos. Empirically, he/she grows starting from observation procedures and documental research. the method of construction of analyses followed a descriptive lineage, of successive formulation, using several analytical resources, besides visual outlines (maps, plants, organization charts, images and pictures), until approaching of central concepts around which we tried to think the midiático in this Church. This analysis tries to show the whole process midiático through the intercession of the devices midiáticos and religious persons, involving the several concepts in the studied problems, with the intention of trying to understand like IURD works in the field midiático, mixing practices of the consumption logics with the one of religion.

Word-key:

Midiatização, Tele-evangelism, Devices, Field of Mídias.

SUMÁRIO

1	<i>Introdução</i>	12
1.1	Definição preliminar do problema de pesquisa	12
1.2	Contextualização histórica	13
1.2.1	Genealogia neo-pentecostal	13
1.2.1.1	As Igrejas Protestantes Tradicionais	14
1.2.1.2	As Igrejas Pentecostais	16
1.2.1.3	As Igrejas Neo-Pentecostais	17
1.2.1.3.1	Quem é a Igreja Universal do Reino de Deus	18
1.2.1.3.2	Pequena Biografia do Bispo Edir Macedo	18
1.2.1.3.3	O Embrião de um Império Religioso	20
1.2.1.3.4	A Multinacional da Fé – A IURD no Mundo	21
1.2.1.3.5	O Fundamentalismo Iurdiano	22
1.2.2	Tele-evangelismo	23
1.2.2.1	Os Tele-Evangelistas Pioneiros	27
1.2.2.2	AIMEE SEMPLE McPHERSON. Fundadora da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular	27
1.2.2.3	CHARLES E. FULLER. Precursor Moderno do Tele-Evangelho	28
1.2.2.4	FULTON SHEEN. O Primeiro Bem Sucedido Tele-Evangelista	28
1.2.2.5	BILLY GRAHAM. Outro Pioneiro do Rádio e da Televisão Religiosos Americanos.	29
1.2.2.6	ORAL ROBERTS. O homem do “Aguarde um Milagre!”	29
1.2.2.7	REX HUMBARD. O Pastor da Chave do “Banco de Deus”	30
1.2.2.8	JIMMY SWAGGART. Música para Jesus!	31
1.2.2.9	JERRY FALWELL. O Pai da Maioria Moral	32
1.2.2.10	PAT ROBERTSON. O Aspirante à Presidência	33
1.2.2.11	JIM BAKKER. E Seus Hotéis da Fé	34
2	<i>Referências teóricas, conceituais e procedimentos metodológicos</i>	36
2.1	O Conceito de Igreja Eletrônica, Religião, Templo e Igreja.	36
2.1.1.1	Pistas para Entender a Religião	36
2.1.1.2	Para Conhecer o Templo	39

2.1.1.3	A Igreja e sua Diferença em Relação ao Templo _____	41
2.1.1.4	Um Contato com o Conceito de Igreja Eletrônica _____	43
2.2	O conceito de mediação e midiatização _____	46
2.2.1	A Mediação sob o Ponto de Vista de Alguns Autores _____	47
2.2.2	Para Entender a Midiatização _____	48
2.2.3	Compreendendo o que são os Processos Midiáticos _____	50
2.2.4	O Consumo de Sentido como Chave na Midiatização _____	51
2.2.5	Consumo de Produtos Midiáticos _____	54
2.2.6	Os Dispositivos Midiáticos como Mediação dos Processos Midiáticos _____	57
2.3	Conceito de campo social, campo midiático e campo religioso _____	61
2.3.1	Conceito de Campo Social _____	62
2.3.2	Conceito de Campo Religioso _____	64
2.3.3	Conceito de Campo Midiático _____	65
2.4	Ritual, teatro e espetáculo religioso _____	67
2.4.1	O Ritual _____	67
2.4.2	Teatro e Espetáculo _____	70
2.5	Espaços, lugar e temporalidades _____	76
2.5.1	Espaços _____	76
2.5.2	Lugar e Temporalidades _____	81
2.6	Hibridismos e sincretismos midiáticos na iurd _____	82
2.7	Metodologia _____	85
2.7.1	Os Procedimentos para Coleta de Dados Específicos da Pesquisa Exploratória _____	87
2.7.1.1	Televisão _____	87
2.7.1.2	Pesquisa documental _____	87
2.7.1.3	Fotografias _____	88
2.7.2	Pesquisa Bibliográfica _____	89
2.7.3	Procedimentos de Análise _____	89
3	<i>Espaços, tecnologias e disposições dos templos _____</i>	91
3.1	Localização e acessos _____	91
3.1.1	Igreja Universal do Reino de Deus _____	91

3.1.2	As Fachadas _____	94
3.1.3	A Fachada da Catedral da Fé (IURD) _____	94
3.1.4	A Fachada da Catedral Metropolitana _____	96
3.1.5	A Fachada do Shopping Praia de Belas _____	97
3.1.6	A Fachada da Concorrência Pentecostal _____	98
3.1.7	O Lado Interno dos Templos _____	101
3.1.8	O Interior do Templo Iurdiano _____	101
3.1.9	O Interior do Templo Católico _____	103
3.1.10	O Interior dos Templos Concorrentes _____	105
3.1.11	O Interior do Shopping _____	106
3.1.12	O Templo Iurdiano Comparado a Uma Casa de Espetáculos _____	107
3.1.13	A Teatralidade no Culto Religioso _____	108
3.1.14	A Produção Religiosa Midiática no Templo _____	109
3.1.15	A Incitação ao Consumo na IURD e nas Igrejas Pentecostais Concorrentes	117
3.2	As tecnologias usadas para o consumo religioso _____	117
3.2.1	O Portal da IURD na Web _____	118
3.2.2	Televisão _____	121
3.2.3	Rádios AM e FM _____	123
3.2.4	CD, DVD e CD Rom. _____	125
3.2.5	Mídia Impressa: Folha Universal, Revista Plenitude e Revista Ester. _	126
3.2.6	Mídias em Rede _____	127
3.3	O programa ponto de luz - as disposições. _____	129
4	<i>Análises relacionais</i> _____	133
4.1	O dispositivo templo catedral da fé (iurd) em comparação com a catedral metropolitana e o shopping praia de belas _____	133
4.1.1.1	A fachada como espelho do mundo do consumo. _____	136
4.1.1.2	Espaço Interno e suas funções. _____	138
4.1.1.3	Mediações entre os dispositivos. _____	141
4.1.1.4	Dispositivos de consumo. _____	144
4.1.1.5	A arquitetura com seus dispositivos: Uma leitura com Foucault. _	145
4.2	O dispositivo templo Catedral Metropolitana _____	148

4.3	Desdobramento dos dispositivos	153
4.4	Um conflito de campos	155
4.5	É um templo ou uma emissora de tv? os acoplamentos	157
4.6	Os atores midiáticos	158
4.6.1	As Igrejas Neo-Pentecostais Concorrentes	160
4.7	Conograma de dispositivos midiáticos usados pela iurd	162
4.8	Intersecção dos Dispositivos Religiosos e Midiáticos Direcionados para o Consumo	163
5	Conclusões	168
6	Bibliografia	171

1 Introdução

1.1 Definição preliminar do problema de pesquisa

Meu interesse em pesquisar mídia e religião tem dois motivos: o fascínio e curiosidades em torno do tema religião, suas origens e rituais. O segundo motivo é que por ser eu oriundo da comunicação social (publicidade e propaganda), sempre me chamou a atenção à questão da midiaticização das religiões. Acredito que religião se discute, pode ser pesquisada e estudada para uma compreensão menos hermética do assunto, como afirma Oliveira:

Eis aí um tema ao quais os pesquisadores da comunicação não têm prestado a devida atenção. Em nossas universidades, os estudos de religião ainda constituem uma área marginal, dominada pela antropologia e pela sociologia, mas na qual a importância dos fenômenos comunicacionais ainda não foi suficientemente destacada. No caso da América Latina, e mais especificamente do Brasil, a relevância da teoria da comunicação para o entendimento dessas novas formas de manifestação religiosa é patente. Transformações profundas e recentes no cenário das religiões no país levaram a antropóloga Maria Lucia Montes a falar em um “rearranjo global do campo religioso no Brasil”, em que as esferas pública e privada se mesclam e os modernos meios de comunicação de massa são “postos a serviço da conquista das almas”. Compreender esse inusitado atributo da mídia é tarefa que se impõe à teoria da comunicação. (1998, p. 68-69)

A pretensão do meu trabalho é contribuir para o entendimento de como a Igreja Universal do Reino de Deus se institui como uma tele-religião que explora todos os potenciais midiáticos, quando vou buscar nos conceitos de dispositivos midiáticos, mediação e midiaticização, juntamente com os do campo social, campo midiático e religioso, as tentativas de responder estes paradoxos que atualmente se apresentam na televisão brasileira, bem como as outras mídias em geral.

O problema investigado foi construído após a qualificação. Ele pode ser enunciado com a seguinte interrogação: quais são os processos específicos de midiaticização que constituem a IURD? Inicialmente, procuramos, no primeiro capítulo, localizar a IURD na genealogia protestante. Em segundo lugar, a questão implica num debate sobre o conceito de Igreja Eletrônica, que é formalizado a partir de alguns conceitos (de igreja, de templo, de religião, de dispositivos, de consumo e campos das mídias e religioso). No terceiro capítulo, o problema enunciado passa a ser abordado enquanto processo descritivo, construído a partir de observações, documentos, análises formais e visuais que desenvolvemos. No quarto capítulo, realizamos análise relacionais, onde conceitos e análises descritivas estão articulados em torno de algumas teorizações. No apêndice, estão organizadas os mapas, imagens, organogramas, fotografias, plantas.

Os objetivos que procuramos realizar são : a) investigar o conceito de Igreja Eletrônica a partir do conceito de dispositivos; b) relacionar o conceito de Igreja Eletrônica ao conceito de midiaticização; c) localizar a IURD no espaço conceitual construído.

1.2 Contextualização histórica

1.2.1 Genealogia neo-pentecostal

Existe uma confusão devido à grande soma de denominações evangélicas. Conforme Dreher (2002), o conceito evangélico veio com “os imigrantes alemães que se dirigiram para o cone sul das Américas, porém, se denominaram de “evangélicos”, conceito que consideram unidos, calvinistas e luteranos”, que a maioria da população chama de “crentes”. Como o protestantismo é dividido em três ramificações, achei por bem organizar o princípio para obtermos uma visão resumida e um pouco mais detalhada das origens religiosas da Igreja Universal do Reino de Deus.

1.2.1.1 As Igrejas Protestantes Tradicionais

A propósito, a Igreja Universal do Reino de Deus é uma herdeira das protestantes, o que demonstro no diagrama em anexo (Organograma 16. P. 33). Uma genealogia para facilitar a compreensão destas várias dissidências, culminando com o surgimento do neo-pentecostalismo, é uma possibilidade para entender as influências do passado no momento, em referência ao neo-pentecostalismo, assim busquei no Jornal Zero Hora alguns dados para ajudar a compor a genealogia.

A Reforma Protestante foi fundada por Martinho Lutero, afirmando que Cristo ao ser crucificado, cumpriu os requisitos para a salvação dos seres humanos, e que tal salvação de cada fiel era obtida não por meio de ações, mas pela fé.

Em 1517, “Ele sustentou a idéia de um clero culto que pregasse o Evangelho ao povo, sendo a este respeito seguido por Calvino e outros reformadores protestantes” (BURKE, 2003). João Calvino fundou a Igreja Reformada Calvinista (1536), pregando através de suas doutrinas que cada ser humano foi predestinado por Deus à salvação ou ao inferno. Quem está predestinado a salvar-se recebe sinais disso na vida terrena, como por exemplo, ter sucesso no trabalho.

Em 1534 o rei da Inglaterra Henrique VIII fundou a Igreja Anglicana porque o Papa não permitiu que se divorciasse e se casasse novamente. Separou-se da Igreja de Roma e tornou-se o chefe da Igreja na Inglaterra, inspirada no Calvinismo tinha outra inovação na época, aceitava a ordenação de mulheres.

No ano de 1609 Jonh Smith fundou a Igreja Batista e a Igreja Metodista por John Wesley em 1739, o nome vem do fervor metódico dos seguidores na prática devocional e no estudo da bíblia. Wesley defendia a salvação pela fé, abandonou a noção calvinista de “eleição”, optando pela graça: “A graça podia ser mantida de três maneiras: pelo serviço na

igreja, pela experiência religiosa contínua e através de uma disciplina metódica em todos os aspectos da vida, principalmente no trabalho.” (FRY, 1982). Da Igreja metodista, surgem as correntes pentecostais, que são uma diferenciação dos evangélicos.

Os evangélicos se diferem dos pentecostais em relação ao batismo no Espírito Santo, preocupando-se mais com o ensino teológico e o trabalho social, não se envolvendo muito com os usos e costumes, como corte do cabelo, roupas e adornos.

Na Região Sul, a Igreja Luterana foi trazida pelos alemães e europeus no ano de 1824 e, na Região Nordeste, através dos holandeses em 1835, espalhando-se pelo solo brasileiro os Luteranos, Metodistas, Presbiterianos, Batista, Anglicanos e Congregacionalistas.

No ano de 1855, o escocês Robert Reid Kelley funda no Rio de Janeiro a Igreja Congregacional do Brasil. Os luteranos se instalaram a partir de 1824 nas cidades de São Leopoldo, Três Forquilhas (RS) e Nova Friburgo, Rio de Janeiro (RJ).

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil é a maior e mais antiga, mas os metodistas foram os primeiros grupos de missionários protestantes a chegar ao Brasil numa missão fracassada ao fixar-se no Rio de Janeiro em 1855, retomada em 1867 por Junnius Neuman, que começa sua pregação em 1867 no oeste do estado de São Paulo.

A primeira igreja metodista brasileira é fundada por John James Ranson no Rio de Janeiro em 1876. Já a Igreja Presbiteriana do Brasil é fundada em 1863 no Rio de Janeiro pelo missionário norte-americano Ashbel Simonton. Em 1903, surge a Igreja Presbiteriana Independente, porém existem outros grupos, como a Igreja Presbiteriana Conservadora (1940) e a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (1966), esta última é a igreja protestante brasileira mais aberta ao ecumenismo.

Na década de setenta surgiram grupos com características pentecostais, como a Igreja Cristã Presbiteriana, a Igreja Presbiteriana Renovada e a Igreja Cristã Renovada.

Em 1879, no Estado de Santa Catarina, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, tornou-se a maior do ramo, fixando-se na cidade de Gaspar Alto (SC), no ano de 1896. Desenvolveram-se outros ramos como a Igreja Adventista da Promessa e a Igreja Adventista da reforma.

Logo após a guerra civil americana, eles chegam ao Brasil estabelecendo-se no interior de São Paulo, quando um grupo se instala na cidade de Santa Bárbara D'oeste, de língua inglesa. Os primeiros missionários desembarcam no Brasil em 1881, criando no ano seguinte em Salvador (Bahia), a Primeira Igreja Batista Brasileira. No ano de 1907, lançam a Convenção Batista Brasileira e nos meados do século surgiram os batistas nacionais, os batistas bíblicos e os batistas regulares.

1.2.1.2 As Igrejas Pentecostais

O movimento pentecostal nasceu nos Estados Unidos em 1901. Esta corrente trouxe certas mudanças ao protestantismo, a principal delas é a crença de que o Espírito Santo continua a manifestar-se até os dias de hoje. A Festa de Pentecostes marca o dia em que o Espírito Santo se manifestou, e é descrita na Bíblia em Atos dois. Nessa passagem o Espírito Santo manifestou-se aos apóstolos por meio de línguas de fogo e fez com que eles pudessem falar em outros idiomas para serem entendidos pela glossolalia (o ato de falar línguas desconhecidas), da cura e da profecia, exorcismos, entre outras. Abordaremos, sucintamente, essa trajetória como referência à Congregação, à Assembléia de Deus, evangelho e Brasil para Cristo.

O pentecostalismo chega ao Brasil em 1910 trazendo conceitos novos dentro do protestantismo, rompendo com normas rígidas de conduta impostas pelas igrejas históricas. O pentecostalismo clássico de 1910 a 1950 trouxe a fundação da Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembléia de Deus (1911). De 1950 a 1970, missionários americanos

criaram a Cruzada Nacional de Evangelização, atuando através do rádio, e foram fundadas a Igreja do Evangelho Quadrangular, do Brasil para Cristo, Deus é Amor e a Casa da Bênção.

Assim, podemos chamar de pentecostais as igrejas que tiveram início no Reavivamento ocorrido nos Estados Unidos entre 1906 e 1910. Os membros que praticaram a experiência do “Batismo no Espírito Santo” foram excluídos de suas antigas igrejas formando comunidades chamadas de Assembléia de Deus, que não pode ser confundida com a denominação brasileira de mesmo nome fundada aqui.

A Congregação Cristã No Brasil é a primeira igreja pentecostal instituída no Brasil. A Assembléia de Deus é Fundada em Belém do Pará no ano de 1911 pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, ambos ex-batistas vindos dos Estados Unidos. Hoje é a maior igreja evangélica da América Latina e a segunda a surgir no Brasil, no início dos anos vinte. Cria-se a Assembléia de Deus do Rio de Janeiro, que torna-se a sede do grupo, sendo o principal expoente do pentecostalismo brasileiro.

O Evangelho Quadrangular foi fundado em 1953, pelos missionários norte-americanos Harold Williams e Raumont Boafinght. Ela enfatiza o dom da cura e a capacidade de falar idiomas desconhecidos. Manoel de Melo fundou a Igreja de Jesus Betel, mas em 1956 mudou o nome para Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo.

Outra denominação, Deus é Amor, igreja instituída em 1962 pelo missionário David Miranda na cidade de São Paulo, usa somente como mídia religiosa o rádio.

1.2.1.3 As Igrejas Neo-Pentecostais

Os neo-pentecostais são grupos oriundos do pentecostalismo original, teve início nos anos setenta e trouxe inovações como o uso da mídia eletrônica e a administração empresarial das igrejas. Nos Estados Unidos surgiram sessenta anos após o movimento pentecostal,

denominando-se carismáticos, nomenclatura que aqui no Brasil é reservada exclusivamente para um grupo dentro da Igreja Católica que se assemelha, nos ritos, aos pentecostais.

Os neo-pentecostais distinguem-se dos pentecostais dando mais ênfase ao louvor, com maior flexibilidade teológica, não permanecendo estáticos na doutrina. Há também uma frouxidão nos usos e costumes, sendo o grupo que mais cresce atualmente no Brasil devido a um maciço investimento na mídia, tendo como expoentes a Igreja Universal e a Internacional da Graça de Deus.

Entre as igrejas neo-pentecostais encontramos a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977 por Edir Macedo; Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por Romildo R. Soares em 1980; Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, fundada em 1980 por Robson Rodovaldo e Igreja Renascer em Cristo, fundada em 1986 por Estevam Hernandez.

1.2.1.3.1 Quem é a Igreja Universal do Reino de Deus

Para melhor visualizar quem é a IURD, abordarei um pouco sobre a vida de seu fundador.

1.2.1.3.2 Pequena Biografia do Bispo Edir Macedo

Edir Bezerra Macedo, nasceu em fevereiro de 1945 na cidade de Rio das Pedras, Rio de Janeiro, filho de um pequeno comerciante de secos e molhados, o alagoano Henrique Francisco Bezerra e de Eugênia Macedo, que segundo relatos do próprio Edir, ficou grávida 33 vezes, mas que só pariu quinze vezes. Destes quinze filhos, somente sete alcançaram à vida adulta: Eraldo, Edir, Eris, Edna, Madalena, Elcir e Celso.

Na adolescência morou em Petrópolis e em São Sebastião, RJ. Atingiu os dezessete anos, apadrinhado por Carlos Lacerda ingressou na então Loteria do Estado da Guanabara, galgou degraus e em 1977 era Auxiliar Administrativo Nível A, chefe da tesouraria. Em 1981 demitiu-se da LOTERJ, largando a carreira para se dedicar à sua igreja, já com quatro anos de existência.

Abandonou os cursos de Matemática na Universidade Federal Fluminense e Estatística na Escola Nacional de Ciências Estatísticas, mas em 1981 é bacharel. Formou-se em Teologia no Seminário Unido do Rio de Janeiro. Converteu-se ao pentecostalismo em 1963, aos 18 anos de idade na Igreja Nova Vida, mas passou pelo catolicismo, umbanda e o espiritismo kardecista. Carismático e líder, sua popularidade cresce do dia para a noite.

Após doze anos, Edir tenta, junto com seu cunhado R. R. Soares (Romildo Ribeiro Soares), já consagrados pastores na casa da Benção, Roberto Augusto Lopes e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, fundar a Cruzada do Caminho Eterno. A IURD torna-se uma igreja de regime episcopal. Após brigar com os irmãos Coutinho, Edir Macedo, Soares e Lopes retiram-se da Igreja Caminho Eterno, e juntamente com o radialista Carlos Rodrigues fundam a Igreja Universal do Reino de Deus. Mas esta união se desfaz, pois Edir sufoca a liderança de Soares na recém nascida igreja de estilo autoritário, centralizador, desponta junto aos fiéis e demais pastores como líder nato.

Edir Macedo se auto-consagra bispo, vindo a ser odiado, admirado e combatido por concorrentes de diversos campos religiosos e das mídias. Superou a fase obscura, quando chegou a ser preso por charlatanismo. Bilionário, dirige toda a organização religiosa de onde reside, nos Estados Unidos da América. Para compreender e conhecer melhor a História da IURD, recomendo a dissertação de mestrado de Wiegratz (1997).

1.2.1.3.3 O Embrião de um Império Religioso

Em 1977, Edir Bezerra Macedo não possuía sede de Igreja. Então percebeu que seu primeiro altar seria o romântico e simples coreto de uma Praça no Jardim do Méier (foto 67, p. 10), situado no bairro do Méier, Zona Norte do Rio de Janeiro. Sempre às 18 horas dos sábados, Edir Macedo fazia suas pregações, acompanhadas de uma antiga caixa de som e um pequeno teclado para os curiosos que transitavam no local.

Ali, já no embrionário empreendimento religioso, tem como primeiro templo a sala de uma ex-funerária (foto 68, p. 10). Ele começou a dar um nome às suas reuniões: “Cruzada Para o Caminho Eterno”. Com este slogan, Edir Macedo começou a conquistar almas para a sua Igreja Universal do Reino de Deus (foto 69, p. 10). Mas, para crescer, era necessário o recrutamento de colaboradores, formar missionários. Assim, Edir criou a figura do obreiro no seu enxuto organograma: o bispo, pastor e obreiro. Este último é um serviço voluntário, sem remuneração, feito por estudantes, donas-de-casa e trabalhadores. Somente os obreiros fixos, que trabalham nas igrejas, recebem remuneração.

De domingo a domingo, a IURD nunca fecha. Com suas portas sempre abertas na beira das calçadas e em média com quatro cultos diários, elas recebem as pessoas aflitas com assuntos que vão desde a ordem financeira, espiritual, saúde e psicológica.

Chegam ali com promessas de milagres divulgadas na propaganda das correntes, no uso de todas as mídias como: TV, rádio, internet, jornal, etc. É uma auto-ajuda orientada, recaindo numa ação social midiática. O sucesso popular iurdiano é o investimento da auto-estima de quem frequenta a igreja, geralmente de pessoas humildes, abandonadas pelo sistema político. Esses “serviços sociais” estão vinculados a uma dimensão, especificamente religiosa, o fundamentalismo.

1.2.1.3.4 A Multinacional da Fé – A IURD no Mundo

Somente no Estado do Rio de Janeiro existem aproximadamente 750 igrejas e 1.470 pastores. Após dois anos de fundação, a Igreja Universal do Reino de Deus já se fixava em São Paulo e Minas Gerais; em 1980 chegou à Bahia e ao Paraná.

Comparada às outras igrejas evangélicas, a expansão da IURD foi realizada em tempo recorde, sempre ancorada pela mídia impressa e eletrônica, que substituiu o lugar do pregador domiciliar, figura conhecida de muitas religiões evangélicas, ou mesmo a tradicional evangelização “boca a boca”.

A própria igreja desconhece o número preciso de templos, estima-se que existe hoje em torno de 6.500 igrejas no Brasil, com oito milhões de membros, computando-se os freqüentadores, este número se multiplica. Fazendo uma comparação, a IURD de Campo Grande (RJ), na zona Oeste, uma das cinco primeiras a funcionar no país, quando abriu suas portas, reunia aproximadamente cem pessoas, hoje atrai três mil fiéis.

Atualmente, a IURD está em 88 países, onde anualmente cerca de cem pastores brasileiros são enviados ao estrangeiro, evangelizando em inglês, espanhol, francês, russo, japonês, africâner e vários dialetos, inclusive o zulu, da África do Sul, onde passam a conviver com diferenciadas culturas e costumes exóticos, inclusive no Japão. Usando os meios de comunicação de massa para atingir cada vez mais pessoas com a pregação do Evangelho, a IURD montou uma organização que acompanha a evolução da informação e da tecnologia em todas as áreas.

1.2.1.3.5 O Fundamentalismo Iurdiano

Não podemos deixar de nos referir ao fundamentalismo religioso da IURD, porque sendo ela uma religião que nasceu praticamente midiática, investindo no tele-evangelho, tornou-se fundamentalista.

“Os tele-evangelistas situam-se no ramo religioso identificado como fundamentalismo religioso. Nesse sentido, ser fundamentalista adquire predominantemente uma conotação negativa. Utilizando a Bíblia profusamente, eles a aplicam literalmente.” (GOMES, 03/2002 – 02/2004).

Mas, é necessário compreender o que é fundamentalismo. Demant (2004) busca a explicação do termo para se referir sobre esta prática no Islamismo:

O fundamentalismo, na verdade, refere-se a um movimento religioso que surgiu a um século dentro do protestantismo norte-americano. Hoje, no entanto, o termo é também usado para movimentos vagamente paralelos a outras religiões. O fundamentalismo foi nos EUA, onde nasceu, um apelo para a volta aos fundamentos da fé cristã diluídos pelo modernismo: a veracidade absoluta da bíblia, que deve ser entendida literalmente; a necessidade de conduzir uma vida virtuosa, com rezas e rituais regulares, rejeitando as tentações e a permissividade associadas à grande cidade e enfatizando valores familiares; uma reafirmação de dogmas tais como a volta de Jesus Cristo e o último julgamento; um compromisso com um estilo de vida frugal, modesto e trabalhador. (DEMANT, 2004, p.194,196)

Dreher (2002) se aprofunda em seu livro sobre o tema Fundamentalismo, tratando mais especificamente do assunto, ampliando o conceito:

No início do uso do conceito, porém, a situação era outra. Grupos de cristãos protestantes conservadores deram a si mesmos essa designação no início do século XX, nos Estados Unidos da América do Norte. Entre 1909 e 1915, foi publicada nos Estados Unidos uma série de textos, com edição superior a três milhões de exemplares, sob o título *The Fundamentals – A Testimonium to the Truth* (os fundamentais – um testemunho em favor da verdade). Do título dessa série saiu o nome de um movimento, formado no último terço do século XIX por grupos de cristãos conservadores evangélicos. (DREHER, 2002)

Porém, os fundamentalistas atacavam o modernismo que permeava o mundo protestante, mas um fato curioso abre questionamentos. A IURD é fundamentalista, sem

dúvida, mas abre exceções para a modernidade: os dispositivos técnicos e midiáticos. Ela convive e se relaciona muito bem com o que poderíamos chamar de pós-moderno, sejam nas práticas de administração de igrejas, na arquitetura, usos e costumes, ficando mais conservadora somente no que se refere á interpretação da palavra bíblica. Hall (2002) analisa o fundamentalismo vinculando-o a uma problemática de cunho político social:

Em condições de extrema pobreza e relativo subdesenvolvimento econômico (o fundamentalismo é mais forte nos estados islâmicos mais pobres da região), a restauração da fé islâmica é uma poderosa força política e ideológica mobilizadora e unificadora. (HALL, 2002)

Isso nos leva a concordar com Campos (1999), que nota uma diferença e atribui à esfera religiosa as diferenças entre o neo-pentecostalismo e o protestante norte-americano, chamando a atenção para este detalhe que ocorre na IURD em relação às práticas religiosas:

A predominância da ortopraxis é uma decorrência direta do dismantelamento da ortodoxia, o que faz do neo-pentecostalismo algo distante do modelo protestante norte-americano da seita fundamentalista. Isto porque fundamentalismo se caracteriza pela crença no dogma como expressão racional e correta da fé, enquanto o neo-pentecostalismo prima pela prática rigorosa da devoção. (CAMPOS, 1999, p.141)

1.2.2 Tele-evangelismo

Minha intenção aqui não é entrar na história da religião ou teologias, mas fazer uma breve reflexão sobre o local de encontro e sua função como dispositivo. O tele-evangelismo é uma realidade. Diversas denominações religiosas estão buscando nesta oportunidade de evangelizar, uma opção para propagar suas doutrinas e dogmas, conquistar adeptos e crescer em meio a uma enorme concorrência pelas almas dos fiéis.

Vejamos alguns conceitos de tele-evangelismo. Para Gomes (Unisinos – 03/2002 – 02/2004):

O tele-evangelismo é a evangelização à distância (ao longe), de longe ou para longe por meio das técnicas radiofônicas, radiotelegráficas e, mormente, televisivas (teledramas, telefilmes, vídeos e congêneres) para fazer chegar aos ouvintes e/ou espectadores os ensinamentos evangélicos e as doutrinas das igrejas auferidas dos Evangelhos.

Neto, em relação ao tele-evangelismo, chama atenção para esta prática cada vez mais usada no Brasil, por quase todas as religiões que buscam na mídia um meio de divulgarem suas práticas, através do virtual, vejamos:

Hoje, as redes de rádio começam a vender seus horários para pastores, padres, com programas de evangelização, que compreendem uma extensão aos cultos/missas realizados nas igrejas. Nos Estados Unidos, pastores como Keneth Hagin, Billy Graham começam o que veio a ser chamado de “Igreja Eletrônica” com a compra de horários televisivos para transmissão de cultos ao vivo, estudos bíblicos dentre outras atividades. Tais programas, também praticados no Brasil nos diversos segmentos da sociedade cristã/católico/evangélica, interagem com o usuário, com a possibilidade de receber orações ao vivo por intermédio do telefone e de dar testemunhos de vida. No entanto, com as novas formas de comunicação, as igrejas começam a se adaptar ao meio virtual, o ciberespaço e às grandes redes de computadores. (NETO, 2004)

Campos (1999) afirma que os intelectuais e protestantes têm insistido na necessidade de que ambos os grupos, não somente aumentem suas respectivas presenças na mídia, mas que também usem-nas corretamente. Ele cita Luis Roncari (CEDI,1984) sobre o que escreveu:

Se Deus quiser existir, tem que aparecer na televisão, e se quiser se fazer ouvir, não é mais suficiente à palavra, ela tem que converter-se em imagem, (...) se a Igreja não conseguir se fazer presente nas telas deixará de participar do mundo criado pela TV, um mundo quase à parte, que forma hoje o imaginário da maior parte da população. (CAMPOS, 1999, p.281).

Nos primeiros tempos, a religião foi mediada¹ diretamente pela palavra, não havia templos. Baseada numa teologia clânica, era disseminada de acordo com a mobilidade pastoril no deserto onde o altar era erguido para encontros e sacrifícios no local. Mas, como afirma Neto:

Desde a época de Jesus Cristo que o homem “temente a Deus” começou a cumprir o anunciado por Jesus. E para isso vem se utilizando de inúmeras formas de se fazer o evangelismo. Os discípulos, e apóstolos de Cristo começam a viajar para Roma e Grécia para começar a implantação da Igreja de Jesus, naquela época usavam da forma oral e escrita. De lá para cá muita coisa mudou e/ou expandiu na forma de se fazer crer no evangelho de Cristo. Após a morte de Cristo, os cristãos se reuniam em casas igrejas. Somente depois a religião católica se torna estatal, chegando mesmo a se tornar supra estatal. (2002, p. 80)

O tele-evangelismo brasileiro está crescendo, tanto aqui como no exterior, estamos exportando modelos de neo-pentecostalismo através da IURD. O sucesso delas deve-se à figura carismática de seus líderes idealizadores, porém, não podemos afirmar que após a morte deles, estes empreendimentos religiosos se sustentarão, ou continuarão a expandir-se. Segundo Shultze, Citado por Wiegratz nos Estados Unidos eles não perpetuaram seu legado midiático religioso.

Como um fenômeno da mídia a Igreja Eletrônica é mais dependente dos líderes carismáticos que as igrejas locais. Na maioria das denominações há uma considerável mobilidade pastoral, às vezes voluntária ou determinada pela autoridade eclesiástica. Um contraste com os ministérios eletrônicos. Há muitos ministérios de rádio e televisão que tem sobrevivido muito tempo depois da morte de seus fundadores. Ainda assim, os ministérios de maior sucesso têm murchado com a saída de seus líderes carismáticos. (...) De fato, não há sequer um caso na história das redes religiosas sobre a sucessão exitosa ao trono de um grande tele-evangelista. Embora muitos deles tenham criado posições para seus filhos em seus ministérios, a barreira entre a família e a personalidade da mídia parece intransponível. Os membros da Igreja Eletrônica continuam a planejar uma monarquia religiosa, mas a história sugere que a revolução eletrônica na América Protestante não passará ao longo do trono sem a perda da confiança em meio aos fiéis. (WIEGRATZ, 1997, p. 39)

¹ *A mediação implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro, implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para sua produção.* Silverstone, Eduardo. **Por que Estudar a Mídia?** Edições Loyola

Essa formulação coloca o problema das relações entre mediação e temporalidade das religiões, que podemos vincular a lógica do consumo. Não há mais religiões e figuras que atravessam os tempos, mas que tem um ciclo de vida típico dos produtos de consumo. Por outro lado, isso tudo evidencia uma relação anterior às mídias contemporâneas. A religião já teria, segundo alguns, nascido mediada.

Com o surgimento das iluminuras medievais, os monges fazem uma mediação religiosa para consumo interno, mantendo um vasto arquivo de livros e conhecimento registrado, arquivado pelos processos manuais de codificação das mensagens, possuindo imagens e desenhos. Depois surgiu o advento da invenção da imprensa por Gutenberg, que a Igreja Católica, soberana, não viu com bons olhos, sentindo-se ameaçada, com medo de perder o monopólio deste conhecimento, da religião e escrita.

Na Idade Média, porém, a maioria dos professores e alunos das universidades era constituída por membros do clero, muitas vezes membros de ordens religiosas, principalmente dominicanos, que contavam com o mais famoso dos professores medievais, Thomas de Aquino. (PETER, 2003, p. 28)

Na mesma época, Lutero aproveita a invenção da mídia impressa e usa o livro para propagar o protestantismo. Seu grande êxito foi sem dúvida essa nova mídia de massas que apareceu no tempo certo. Para aqueles tempos medievos, causava mais temor que a televisão nos dias de hoje. Sempre que uma nova mídia aparece na sociedade, causa mudanças, paradigmas, e apropriações nos vários campos, sobressaindo-se naturalmente quem melhor sabe fazer uso dela. Esse “fazer” midiático específico do campo religioso não está desvinculado do surgimento dos jornalistas.

Ao descobrir que a oferta do clero calvinista superava a demanda por pastores e pregadores, alguns deles se voltaram para a profissão das letras e em particular para a imprensa periódica. Esses ex-pastores figuram entre os primeiros “jornalistas”,

termo que apenas começava a ser usado em francês, inglês e italiano por volta de 1700 para designar os que escreviam em revistas cultas ou literárias, por oposição aos gazetiers, de menor status, que relatavam as notícias em base diária ou semanal. (NETO, 2004, p. 34)

Pular da Idade Média para o Brasil, tem como intenção mostrar o oportunismo que acontece com o surgimento de uma mídia nova, sendo ainda aproveitada pelo campo religioso para a propaganda e divulgação. O livro e o jornalismo no passado atestam isso, esta afinidade entre mídia e religião não tem como negar, pois sempre houve aproveitamento dos meios de comunicação para mostrar-se e convencer.

1.2.2.1 Os Tele-Evangelistas Pioneiros

Os pioneiros na experiência da pregação na Televisão e Rádio tiveram sua origem nos Estados Unidos, levando em conta a cultura televisiva e religiosa deles. Aqui no Brasil, foi adaptada à cultura local e ao próprio estilo de fazer televisão brasileiro.

Para compreender este processo midiático de tele-evangelização, busquei em Assmann e Gomes as fontes para compreender a trajetória, duração, técnicas e origem do uso dos dispositivos para a mediação.

1.2.2.2 AIMEE SEMPLE McPHERSON. Fundadora da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular

Filha de um pai metodista e de uma mãe salvacionista, converteu-se ao pentecostalismo com 18 anos de idade. Casando-se com um missionário, torna-se pregadora da Assembléia de Deus, após a morte prematura do marido. Empregou a mídia para divulgar o seu nome e mensagem, estimulou o emprego do rádio por lideranças pentecostais, usava o rádio para transmitir as suas pregações, introduz as práticas de cura pela fé. Conseguiu

inclusive colocar no ar, em 1924, a sua própria emissora, a JFSG, que transmitia diretamente de Los Angeles.

1.2.2.3 CHARLES E. FULLER. Precursor Moderno do Tele-Evangelho

Influente pregador radiofônico, nascido de uma família cristã, aos vinte anos inicia os estudos teológicos e se torna pastor de uma Igreja Presbiteriana. Em 1930, ele começa um programa radiofônico numa estação de *Long Beach*, Califórnia. Ambicioso, abandona o ministério pastoral e cria uma associação, *The Gospel Broadcasting Association*, que recolhe donativos do público para assegurar a difusão de seus programas. O programa *Old Fashioned Revival Hour* é transmitido aos domingos, durante uma hora. Em 1939 o *Mutual Broadcasting System* retransmite o programa para 152 estações de sua rede, tendo cerca de 10 milhões de ouvintes, mas depois da Segunda Guerra Mundial, aparece a televisão e esvai-se a audiência. Após vinte anos no ar, seu programa desaparece em 1967.

1.2.2.4 FULTON SHEEN. O Primeiro Bem Sucedido Tele-Evangelista

O Bispo católico Peter John Sheen, que depois mudou o seu nome para Fulton Sheen, abriu as portas da televisão para os outros pregadores. Ele era uma exceção, já que a grande maioria vinha de denominações protestantes. Iniciou no rádio em 1930 e estreou na TV em 1952, com o programa *Life is Worth Living*. Em 1957, por pressão do Cardeal Spellman de Nova Iorque, que o invejava por sua popularidade, é obrigado a abandonar sua atividade na televisão.

1.2.2.5 BILLY GRAHAM. Outro Pioneiro do Rádio e da Televisão Religiosos Americanos.

Graham nasceu em 1918 e sua influência ultrapassa os meios cristãos evangélicos. Foi sustentáculo religioso de vários presidentes dos Estados Unidos. Possuindo uma oratória enérgica e pulsante, usa o discurso da catástrofe iminente, mas em termos de mídia sempre usa as tecnologias inovadoras para conseguir maior poder e ir mais longe que os seus predecessores. Graham tornou-se uma celebridade nacional, o mais popular dos tele-evangelistas devido à sua mensagem e técnica e ao crescente domínio do mundo criado pela televisão.

1.2.2.6 ORAL ROBERTS. O homem do “Aguarde um Milagre!”

O curandeirismo religioso levado a formas chocantes nos anos 50 deu-lhe o título nacional de “curador”. Iniciou sua atividade milagreira com uma barraca desmontável, atravessando a América, pregando e curando. Era pentecostal, da linhagem milagreira. Afirmava que tinha entrevistas diretas com Deus.

Até os anos 60 era um pregador ambulante, quando se convenceu de que poderia curar pelas ondas hertzianas. Campeão em arrecadações de fundos, sempre foi um gênio neste aspecto, inventou a saudação personalizada do tipo:

- “Algo de bom está por acontecer a você”!

-“Que Deus abençoe a vocês nos seus corpos, nos seus espíritos e em suas finanças!”.

Ainda inventou a oração pessoal extraprograma (de acordo com a contribuição) através do pedido individual dos telespectadores necessitados. Segundo Assmann (1986)

“essa prática tem origem na Igreja Católica, que nas “intenções coletivas” nas missas, e dos papas, no caso da bênção papal sobre montões de lindos pergaminhos individualizados”.

Oral Roberts inventou o toque de mão através da TV. Com esse gancho comercial vendeu milhões de lenços com uma mão impressa, a representação da sua própria mão curadora. Com extraordinário tino organizativo e notável gênio financeiro, criou um império religioso em Tulsa, Oklahoma. Um complexo arquitetônico imenso, estúdios, vídeo cultos, três enormes arranha-céus que compõem universidade e hospital formando médicos, dentistas, comunicadores e pregadores. Oral Roberts ainda fundou um time de basquete, os “Atletas de Deus” que foi enorme sucesso nos EUA.

1.2.2.7 REX HUMBARD. O Pastor da Chave do “Banco de Deus”

Tido como um super salvador, com muito uso da espetacularidade na montagem de seu programa, investia em muita música, porém mantinha distância do milagreirismo e dos exorcismos chocantes, mas o demônio era a chave da explicação dos males e sofrimentos.

Num *insight* realizado nos anos 50, quando viajava com os cantores da Família Humbard (iniciado por seu pai), viveu uma situação que o despertou para a importância da TV. Numa campanha de “reavivamento” organizada por seu pai, viu uma verdadeira multidão atropelando-se diante de uma vitrine, na qual havia um televisor ligado, era uma transmissão esportiva. Chamando as pessoas, não obteve êxito para atraí-los ao culto, convenceu-se, então, que já não se podia deixar de utilizar a televisão para a pregação.

Alugou um velho teatro e começou a gravar para o rádio e a TV. Bastou oito anos para realizar seu sonho: a construção da Catedral do Amanhã, em Akron, Ohio.

A família era referência fundamental para definir os destinatários preferidos do seu programa, sua ambientação se dá geralmente no seio do clã Humbard, que se exhibe como família feliz, cheia de graça de Deus, vibrando e cantando, onde os telespectadores são convidados para tornarem-se membros da ***Família-chave da Oração***.

Para isso é necessário enviar contribuições, em troca, recebe-se a chavezinha que simboliza muitas coisas: ingresso nessa “família”, chave para o sucesso na vida, a chave para o Banco de Deus, é o símbolo central nos programas e na literatura.

Entre sua leitura bíblica e suas recomendações para o êxito financeiro, usando com tamanha insistência a linguagem dos banqueiros e financistas, ao referir-se à graça, à salvação, aos dons espirituais e a junção de Deus com o dinheiro.

No Brasil, seu programa, que em português chamava-se “**Alguém Ama Você**”, esteve no ar por vários anos, saindo do ar em 1984. Seus livros foram manuais de freqüente consulta por esse tipo de pregadores.

1.2.2.8 JIMMY SWAGGART. Música para Jesus!

Sempre sorridente, com enorme audiência e poder financeiro, filho de um comerciante de bebidas alcoólicas, este tele-evangelista gostava de vangloriar-se da radicalidade da sua conversão. Montava, para efeitos televisivos, a imagem dessa total entrega ao Espírito Santo.

Em seus programas destinados socialmente para quem apreciava o requinte e a *finesse* de ambientes, roupas, gestos e músicas não vulgares, Swaggart tinha um raro talento musical, tocava muito bem o piano e tinha uma voz adaptada ao reforço das emoções. Ele dava o toque vivencial à certeza para que os telespectadores entrassem em contato com um mensageiro da felicidade.

Possuía sua própria gravadora, com dezenas de álbuns gravados e milhões de discos vendidos, sendo apresentado como “o artista de música *gospel* mais popular da história”. Inimigo do *rocking roll*, onde diz que esse tipo de música é inspiração do diabo, chegou a afirmar que descobriu mensagens do demônio embutidas subliminarmente quando os *tapes* eram escutados em retrocesso.

Seus programas possuíam dois tipos bastante diferentes de pregações: as solenes para públicos massivos, onde o pregador se exaltava, gesticulando drasticamente e manejava com maestria as técnicas de manipulação de massas, e os cursos de doutrinação, que pretendiam ser comentários bíblicos, junto com sua esposa Francis, sempre bem vestida e coberta de jóias.

Nas montagens das imagens televisivas surgiam tomadas abertas contrastadas com o close, do close para o detalhe, sendo preservada sempre a espetacularidade do impacto da versatilidade do pregador, mas também de uma sofisticada técnica de montagem. Foi um dos mais extremistas do pentecostalismo, investindo abertamente contra as igrejas estabelecidas (as históricas).

Seu centro era o *World Ministry Center Jimmi Swaggart Evangelistic Association*, em *Baton Rouge*, Lousiana, em uma extensão de 180 acres, com um super templo de sete mil assentos, além de da infra-estrutura de dublagem onde traduzia seus programas em onze idiomas.

1.2.2.9 JERRY FALWELL. O Pai da Maioria Moral

Conhecido como o fundador da Maioria moral, movimento religioso político que articulou o apoio dos fundamentalistas nas duas eleições de Reagan. No início de 1986 lançou

um movimento chamado *Liberty Federation* em favor dos valores tradicionais do “*American way of life*”, defendendo a integridade da família, contra o aborto e a pornografia.

Pastor batista, sua base de pregação dominical era a *Thomas Road Church*, segunda maior igreja batista do país, onde Falwell costumava gravar o seu programa *Old Time Gospel Hour*. Como pregador televisivo possuía estilo populista e manipulador das emoções suscetíveis em relação à identidade nacional ameaçada. Também dele se afirmava que era o maior entendido na exploração das angústias e medos de seus telespectadores.

Possuía o tom apocalíptico na sua maneira de fazer política conservadora, sempre com vistas a objetivos políticos determinados, era o líder religioso mais entrevistado na mídia secular, sendo várias vezes capa de revistas como *Newsweek* e o Jornal *The New York Times*.

Radicalmente contra a prática do aborto, lançou a campanha pela construção do Túmulo da Criança Não Nascida. Vendia aos seus telespectadores um exótico prendedor de lapela chamado *Precious Feet* (pés graciosos), para simbolizar os pezinhos de um feto não nascido. Como ideólogo fundamentalista e político, certamente não deixaram de influenciar lideranças evangélicas latino-americanas.

1.2.2.10 PAT ROBERTSON. O Aspirante à Presidência

Filho de um ex-senador, formado em direito pela Universidade de Yale, ex-oficial da Marinha na guerra da Coreia, trabalhou no sistema bancário, teve uma crise religiosa. Frequentou o Seminário Bíblico de Nova Iorque, que abandonou para converter-se ao pentecostalismo de “cura divina”. Sonhava em ser presidente dos EUA, onde foi candidato em 1988.

Fundador presidente da rede CBN, *Christian Broadcasting Network*, com um status de VIP, *Very Important Person*, usava as curas e as instruções diretas de Deus tão úteis para

explicar mistérios financeiros e táticas políticas. Foi um inovador nos formatos de programas televisivos, como o *Tolk Show*, além de programa religioso de variedades, onde ele próprio assumia o comando do programa.

Criou o seu Clube 700, nome que ficou dos modestos inícios, porque chegou a contar com milhões de contribuintes com a quota mínima de 15 dólares. Era o formulador do que chama “os princípios do Reino”, um código de arrecadação de fundos com apoio de citações bíblicas, afirma que acreditava na livre empresa. “Deus é o mais generoso assinante de cheques, pois retribui sempre os nossos depósitos com excelentes juros”.

1.2.2.11 JIM BAKKER. E Seus Hotéis da Fé

Este tele-evangelista partiu para uma infra-estrutura mais ambiciosa: turismo de repouso espiritual. Cria de Pat Robertson, de quem foi colaborador durante anos e para não viver à sua sombra, partiu para a caminhada independente, criou o Clube PTL, *People That Love*, (Gente que ama). Construiu uma espécie de Disneylândia religiosa, inaugurada em 1978 em Forth Mill, Carolina do sul, compreendendo o império televisivo chamado *Total Image Center* e as fantásticas mansões com estilos nostálgicos, destinadas ao repouso dos que querem reviver as origens da grandeza da América. Jim Bakker e sua esposa Tammy Faye criaram *Heritage USA*, um excitante parque familiar situado no coração das Carolinas, tinham um novo Grande Hotel com 900 suítes de luxo e chalés à beira de lagos.

Manipulador de todas as saudades, nostalgias e frustrações, ele oferecia turismo religioso como implementação de uma ideologia política. O conteúdo de seus programas era

imitativo do show de entretenimento religioso burguês, seguindo o estilo de Robertson e Swaggart.

Em que eles eram imitados: no uso “agressivo” do rádio e TV para conquistar fiéis, na criação de pacotes de produtos ligados ao consumo religioso, grandes templos centrais, discurso emocional, uso do diabo como sujeito causador dos males e ameaças e a arrecadação financeira descarada como pretexto o crescimento da obra do Senhor Jesus Cristo, além de milagres e exorcismos.

2 Referências teóricas, conceituais e procedimentos metodológicos

2.1 O Conceito de Igreja Eletrônica, Religião, Templo e Igreja.

Para atingir aos objetivos propostos, abordaremos alguns pontos importantes sobre Igreja Eletrônica, que servirão de base para a sua compreensão.

2.1.1.1 Pistas para Entender a Religião

Frustraremos aqueles que acham que vamos adentrar em assuntos religiosos como teologia, antropologia, sociologia e filosofia da religião. São assuntos tentadores, mas devemos permanecer no objeto, vigiando-se para não cair em “desvios”. Existe um cuidado para não emitirmos sarcasmos ou deboches, fugindo das finalidades de pesquisa acadêmica que é averiguar, tomar conhecimento do que está se passando no objeto escolhido. Contudo como a pesquisa está envolvida com o tema religião, não tem como deixarmos de falar dela. Assim, iniciaremos com os conceitos para não cometermos “heresias”. Procuraremos conceituá-la para entender a sua amplitude de interpretações.

Caillois (1998) ao estudar as relações do homem com a religião, mergulha fundo nestes questionamentos, conceituando a religião como sendo a administração do sagrado, esta se apresenta como a soma das relações do homem com o sacro.

Mas a religião teve uma origem e Leroi-Gourhan (1964, p.12-13) foi buscar respostas na antropologia para explicar a relação dos homens desde as primeiras formas para traduzir em símbolos a realidade material do mundo que o envolvia, fazendo uma retrospectiva à pré-história no período paleolítico, este autor então formula seu conceito sobre religião de uma forma bem explícita e prática dizendo logo que: “É impossível separar religião de magia, na ausência de uma fundamentação segura. O comportamento religioso é um comportamento tão prático como o comportamento técnico”.

Através da cultura indígena, Men (1986), estudando a religião-ciência dos maias, se propõe a fazer questionamentos filosóficos em relação à religião. Cabe citá-lo aqui para poder comparar vários autores e seus pontos de vista em relação aos conceitos:

Meditando demoradamente, chegamos à conclusão de que a religião se impõe por seu caráter essencialmente ético, uma vez que é necessário reconhecer que somente o ser humano foi capaz de formular, de acordo com seus sentimentos e sensibilidade, o conceito e a idéias de religião. O termo religião deriva da palavra religar, que significa ligar novamente, atar uma coisa, reunir, isto é, voltar a unir alguma coisa. Essa inquietude, essa perplexidade e essa dúvida, surgidas na mente humana, desde o momento em que alcançou o uso da razão e se preocupou em averiguar quais eram as razões de sua presença neste planeta, fizeram o homem se perguntar: De onde venho? O que faço aqui? Para onde vou? E também: quem sou? O que sou? Deste modo o ser humano, de dúvida em dúvida, propôs-se a averiguar a verdade fora da ciência, uma vez que a filosofia – esse incessante buscar da verdade da causa e efeito – através de experiências e pesquisas, ao questionar a ciência, possibilitou o surgimento da luta entre religiosos, filósofos e cientistas. (MEN, 1986, p.11)

Vejamos em Gomes (Unisinos – 03/2002 – 02/2004), que através da origem etimológica da palavra religião, vai construindo seus significados, relacionado-a com a religião eletrônica e conceituando-a:

A origem da palavra religião, segundo a maioria dos etimólogos, seria do latim *religio*, *onis* 'religião', culto prestado aos deuses, prática religiosa; escrúpulo religioso, superstição; santidade, caráter sagrado; objeto de culto, objeto sagrado; uma divindade, um oráculo; profanação, sacrilégio, impiedade; lealdade, consciência, exato cumprimento do dever, pontualidade, cuidado minucioso, escrúpulo excessivo. E como o termo surgiu do latim, questiona ele: O *re* - é prefixo e significa 'de novo'. Sobre a origem da segunda parte da palavra, os autores

divergem. Enout et Meillet (1939) apresentam duas versões: a primeira, apresentada e defendida por Cícero, afirma que provém de *relegere* retomar o que se tinha largado; percorrer de novo, tornar a passar por, tomar o mesmo caminho; tornar a revistar, costear de novo'. Lactância e Sécúrio afirmam que *religio* provém de *religare* 'ligar novamente, ligar-se aos deuses'. Isso é simbolizado por fitas que adornavam as vítimas a serem ofertadas nos altares e pelas coroas e bandeirinhas usadas pelos sacerdotes nos cultos. Figuradamente, então, era uma obrigação assumida para com as divindades, formando, assim, um vínculo, uma ligação. Partridge (1959) refere que *religare* significa 'amarrar novamente', e daí 'amarrar firmemente'. A religião seria, dessa forma, um amarrar de volta (retorno) das pessoas à fé e à ética.

Gomes vê a possibilidade de uma religião eletrônica, pois não seria somente uma religião que se valeria dos dispositivos eletrônicos para se comunicar com os fiéis, mas uma comunidade unida eletronicamente. Dito de outro modo, afirma ele, tendo os dispositivos eletrônicos como ponto de união, espaço mediador para estabelecer comunidade e comunicar-se com Deus.

Muitas definições podem ser lançadas sobre o tema religião, mas para Jahoda (1978) religião e superstição, em sua obra que estuda estes dois assuntos, ambos são discutidos chegando até a se misturarem, andam de mãos dadas, para confirmar suas afirmações conclui que:

Outra definição oferecida pelo dicionário sobre superstição é a seguinte: É uma crença ou prática religiosa irracional. Ocorre-nos aqui imediatamente a pergunta: Quem decide se determinada crença é irracional? O problema é que a religião de um homem é outra superstição do homem. Antigos missionários assim classificavam as religiões indígenas que estavam tentando substituir. (JAHODA, 1978, p. 11)

Bastide (1977) contribuindo com a sociologia ao pesquisar as religiões afro-brasileiras através do misticismo questionam a hesitação de Durkheim (1989) entre religião como produto e expressão, afirma que os dois temas acham-se intimamente ligados e torna-se difícil separá-los, cabe aqui acompanhar como ele faz esta observação:

Se essa separação é difícil é porque todo homem é um animal social e a religião se reduz à consciência da vida coletiva. Ela é, ao mesmo tempo, o produto da comunhão e a expressão própria em que se manifesta esse sentimento de comunhão, a saber, a distinção entre dois mundos: o profano da consciência individual e o

sagrado da consciência coletiva, exterior e superior às consciências individuais. (BASTIDE, 1985, p.12)

Afirmando logicamente, que não existem povos, por mais primitivos que sejam, sem religião nem magia, Malinowski (1984), fecha nossas buscas por autores com olhares sob diversos ângulos onde a religião está atrelada com algum campo, possibilitando para nós uma compreensão em direção dos próximos assuntos. Poderíamos buscar mais autores e conceitos, mas creio que já basta para nos ajudar na compreensão e ainda prosseguir adiante. Ao trabalhar o caráter público e tribal dos cultos primitivos este autor conceitua religião da seguinte maneira:

A religião resgata o homem de uma rendição à morte e à destruição, e ao fazê-lo recorre apenas às observações de sonhos, sombras e visões. O verdadeiro cerne do animismo reside no mais profundo fato emocional da natureza humana, o desejo de viver. (MALINOWSKI, 1984, p. 54)

O caráter festivo das cerimônias de culto é um aspecto notável da religião em geral. A maior parte dos atos sagrados ocorre numa congregação: na verdade, o conclave dos fiéis unidos em oração, sacrifício e súplica ou ação de graças constitui o protótipo de uma cerimônia religiosa. A religião necessita da comunidade como um todo para que os seus membros possam em comum venerar os objetos e divindades sagradas, e a sociedade carece da religião para a manutenção da lei moral e da ordem. (MALINOWSKI, 1984, p. 57)

2.1.1.2 Para Conhecer o Templo

O dispositivo templo faz parte de nossas investigações. Desde suas origens na história das religiões possuiu um papel fundamental como espaço religioso, lugar do culto e relacionamentos através do vínculo social entre os fiéis. Sua representação simbólica procura materializar e identificar a sua pertença. Neste sentido cada religião passa a ser identificada por signos próprios através da arquitetura, disposição dos objetos sacros e até a sua

localização geográfica. É importante conceituarmos o que vem a ser templo e igreja para compreender esta necessidade de espaço sagrado.

Campos (1999) comenta que o templo é o espaço geográfico, onde o céu parece ter-se encontrado com a terra e como tal está carregado de sinais estimuladores de experiências com o sagrado.

Assim valho-me deste autor para fundamentar o que é templo e suas origens:

Os templos e santuários, concebidos para acolher o sagrado são construções mais ou menos recentes, na milenar história das relações dos homens com os seus deuses. Isso porque, inicialmente, a natureza foi o primeiro espaço cúbico de que se tem notícia. Para o homem primitivo, todo o cosmo era um sacramento e cenário de manifestação do sagrado. Tais representações se davam em pontos geográficos, onde a monotonia espacial se quebrava, entre eles os rios, os altos das montanhas, a beira mar, as regiões pedregosas, os oásis, as cavernas e as florestas. Esses espaços atraíam como ainda hoje acontecem, seres humanos necessitados de uma intervenção de forças transcendentais em sua vida e ali invocam o sagrado, solicitam a graça e o auxílio para os mais variados desafios e empreendimentos.

Posteriormente, surgiram os santuários móveis, montados e desmontados pelos adoradores em contínuas mudanças. Podemos apontar como exemplo disso as tribos israelitas, que construíram para o Deus Javé um santuário em pleno deserto, colocando no centro a “arca da aliança”. Javé era um Deus nômade, tal como os seus adoradores, e só posteriormente hebreus construiriam um templo, ao lado do palácio real. Isso também aconteceu com outros povos, os cananeus, por exemplo, cujos deuses se tornaram sedentários, habitando em territórios especialmente reservados para eles, recebendo o nome de Baal, que significa “possuidor”, “proprietário”, “habitante” de um determinado lugar. Por isso mesmo, uma guerra de conquista territorial implicava sempre num conflito de deuses.

Semelhantes conceitos se desenvolveram também entre os maometanos, que crêem que Alá habita o santuário de Caaba, em Meca. Nesse lugar há uma pedra escura, considerada um presente que o patriarca Abraão recebeu do anjo Gabriel.

Os romanos e gregos tinham o hábito de construir um templo sobre um topoi, lugar sagrado, e alguns deles eram vedados ao público, especialmente o núcleo, onde estava à imagem da divindade, lugar exato da manifestação do sagrado. O protestantismo, embora seja considerado um dos agentes do processo de secularização, conseguiu fazer do templo um espaço apenas semidessacralizado. Do interior dos templos protestantes, na Europa luterana e calvinista, foram tiradas as imagens, e os fiéis perderam o hábito de fazer o sinal da cruz ao passarem diante deles. (CAMPOS, 1999, p.116 e117)

2.1.1.3 A Igreja e sua Diferença em Relação ao Templo

É necessário distinguir Igreja de templo. Podemos chamar um templo católico de Igreja católica, mas não é correto fazer o mesmo para uma sinagoga, denominado-a de Igreja Judaica. Penso que a palavra igreja está mais ligada a uma identificação ideológica, política e dogmática de uma circunscrição eclesiástica, usada mais dentro do cristianismo, deixando para o templo o aspecto da materialidade e local de culto de outras religiões ou seitas. O que chamamos de Igreja Eletrônica está atrelada às origens de Igreja Cristã, junto com Igreja Universal do Reino de Deus, que é rotulada de Igreja Eletrônica. Gomes (2003/2004) faz uma busca nas origens etimológicas da palavra igreja, chegando até assembléia. Veja seus resultados:

Se tomarmos o substantivo Igreja, vemos que o termo proveio do latim *ecclesia* - assembléia de pessoas, congregação, a Igreja, assembléia de cristãos. Veio pelo grego *ekklésia*, talvez de *ekklétia* - um chamamento, uma assembléia política de cidadãos; de *eekkléton* - chamado -; o particípio passado de *ekkalêin* - chamar através de pregoeiro. O *ek* - é prefixo, cujo sentido tem a ver com “para fora”; assim *ekkalêin* - é gritar para fora -, isto é, chamar em voz alta. *Kaléo* - eu denomino chamando, chamo pelo nome. A raiz é *kal* -, com a variante *kel* - chamar, convocar.

O verbo chamar e seus derivados enquadram-se também aqui pela forma latina *clamare*, onde *clam* é uma expansão do lexema grego *kla*, *kal*, *kel* ou *kil*. O latim ainda registra o verbo *calare* - clamar, convocar. No irlandês existe *cailech*; no galês *ceilog* - galo (galo que chama as galinhas); o sânscrito usa *kalah* - galo (que chama a aurora). As palavras concílio, classe, claro também pertencem a esse grupo.

Em Homero, *ekklesia* significa “uma assembléia do povo ou de guerreiros”. Em Esquino, significa “uma assembléia de anfitriões”; em Tucídides, significa “assembléia do povo”.

Ekklesiátzo - assistir a uma assembléia; deliberar ou discutir numa assembléia; ser membro de uma assembléia; convocar para uma assembléia o povo, os anciãos -. Ligado ao substantivo Igreja está o de Assembléia. O termo percorreu um longo caminho, entrando no português pelo francês *assemblée* (1155) - reunião; em 1539, passou a significar “grupo de pessoas reunidas, conjunto constituído e chamado a deliberar”; do verbo francês *assembler* - reunir. Houve formas intermediárias no português, tais como *assemblea* (1647) e *semblea* (1671). Sua gênese, no entanto, remonta à forma grega *háma* “junto com”, daí reunido. O lexema indo-europeu é *sem-*. Ao latim passou como *similis*, *simul* “o mesmo” (ajuntando num só), com as variantes *sim* - e *sin* - (como em *singulis*, único). No antigo alemão médio, existe a forma *simble*, da qual o “*bl*” passou ao francês que, junto com “*sim*” - *sem* -, formou *ensembler* - reunir, já visto acima.

Desse conceito inicial de “o mesmo; ajuntado num só; unido; partes ajuntadas”; surgiu a extensão de significado para assembleia como reunião de pessoas também já tratada acima. (GOMES, 2003/2004, p. 5-6)

Fazendo uma leitura através da sociologia, Durkheim (1989) enxerga a igreja como um ambiente social comunitário, que serve para unir as pessoas através de uma comunidade, criando um vínculo. Este fenômeno é mais observado na Igreja Católica através de suas comunidades religiosas nas localidades rurais, ao redor desta igreja ou capela se desenvolvem outras atividades como um salão de festas, cancha de bocha e cemitério. Neste local as comunidades se identificam com um padroeiro e através do dia dele as comemorações se intensificam fazendo um elo entre o religioso e o social.

Uma comunidade moral formada por todos os crentes da mesma fé, fiéis e sacerdotes.

Ainda afirma ele:

Não existe igreja mágica (...) o mago tem clientela, não igreja; e seus clientes podem muito bem não ter entre si nenhuma relação, a ponto de se ignorarem uns aos outros: até as relações que têm com o mago geralmente são acidentais e passageiras. (DURKHEIM, 1989 p.75-76)

Mas vamos encontrar conceitos que juntam igreja e templo como o mesmo significado, fazendo uma interpretação análoga nos dois. O autor Hani (1962) ao estudar os templos cristãos conclui que:

Não se entra numa igreja como num estabelecimento comercial. A área que ela delimita é um espaço sagrado e reside aí, aliás, o sentido etimológico das palavras templum, em latim, e temenos, em grego, ambas provenientes de uma raiz que significa cortar, separar. O recinto do templo delimita e separa nitidamente do domínio profano, definindo um domínio sagrado reservado à Divindade. (HANI, 1962, p. 79)

2.1.1.4 Um Contato com o Conceito de Igreja Eletrônica

O termo “Igreja Eletrônica” aqui no Brasil pode levar a muitos enganos, pois não existe uma Igreja totalmente eletrônica, criada e fundada em estúdio televisivo ou radiofônico. Isso só existiu nos EUA, modelo que teve enorme sucesso devido aos hábitos de compra pelos usuários comuns. Os pastores somente se beneficiaram desta “domesticação” para vender seus carnês de contribuição religiosa. Lá, o fiel assiste o evangelho pela TV e, ao final do mês, deposita, pois o consumo é totalmente midiático, não têm uma rede de templos para o fiel assistir o culto como aqui no Brasil.

Para Neto (2004), os fatores extra e intra-midiáticos são os responsáveis pela proliferação destas novas instituições:

A nosso ver, se historicamente, a Igreja católica mais refletiu do que agiu sobre os meios de comunicação, outras religiões, como o protestantismo não-histórico, realiza as suas primeiras experimentações comunicativas através do que se convencionou de “Igreja Eletrônica” ou “televangelismo”, circunstâncias, que em suas diferentes dimensões, tratam de apontar que a religião não estava destinada a desaparecer da esfera pública.

O que viria ser o status da religião que respondesse ao “mal estar” da modernidade?

As respostas que se praticam têm a ver com uma conjugação de elementos históricos, mas também técnicos e subjetivos, na medida em que a técnica e suas facetas se apresentam para operar os novos processos de religações, mediante conjugação de fatores tecno-interativos e emocionais, os quais vão gerar, nos tempos de hoje, uma nova “rearticulação da comunidade”, fundada em “agrupamentos”, cuja vivência com base na experiência religiosa-midiática, permite dentre outras, não só o retorno do indivíduo, mas que ele seja interpelado, na sua singularidade, pelos protocolos que unem os rituais religiosos às operações midiáticas.

Entendemos que o deslocamento do fenômeno religioso da esfera do templo para o âmbito dos media tem a ver com fatores extra e intra-midiáticos. Dentre outros, a busca de alternativas que possam constituir as trincheiras de defesa e da permanência do religioso; a procura de soluções e de modelos para se viver — ainda que na multidão solitária — as forma de permanências e atualização de vidas comunitárias. (NETO, 2004, p. 47)

O Brasileiro tem uma experiência mais tangível, precisa ver e tocar, além de íconolatra. O que não pode ser desprezado de sua relação: matriz cultural religiosa Católica, passando então à fundação de templos que se desenvolve numa comunidade rural ou urbana. Mesmo que possua largo sucesso na mídia televisiva ou radiofônica, permanece vinculada aos seus pontos de concentração templária, o local do culto ainda passa pela frequência do espaço físico. Porém, mesmo que centrado somente no “espaço midiático televisivo ou radiofônico”, ele é primordial para o seu alavancamento e abrangência de público, pois atinge uma enorme cobertura de massas, meta ambiciosa de qualquer doutrina religiosa. O ideal de todas seria atingir o maior número de pessoas para conversão sem desperdício de tempo e com grande eficácia, o que depende de várias estratégias comunicacionais. Outra possibilidade seria pensar estes espaços como demarcação de poder, ou então de efeitos de espetaculariedade. Neto (2004) dialogou em seu trabalho com uma tradução de Barbero (2002), penso que cabe aqui citá-lo também, pois ele acentua o dispositivo midiático como central quando se refere à igreja eletrônica:

Ao examinar o fenômeno da igreja eletrônica, chama atenção para o trabalho ritualístico dos media como fenômeno antropológico, com os indivíduos vivendo através deles a constituição do sentido de sua vida. Considera que o meio não é simplesmente um suporte de amplificação da voz, mas é um elemento fundamental do contato religioso, da celebração, da experiência religiosa. Para tanto, esta experiência somente pode ser vivenciada pela mediação técnica, o que permite que a “Igreja Eletrônica” faça uso das tecnologias da imagem e do sentimento para captar a exaltação messiânica, apocalíptica e ao mesmo tempo para dar rosto, dar voz as novas tribos, as novas seitas, as novas comunidades. (BARBERO, 2002, p. 26)

O que a mídia religiosa de certas religiões procura fazer é convencer o telespectador, este possível fiel, ir até ao seu templo, acontecendo desta forma a conversão. Os ritos e mecanismos de conversão são mecanismos restritos ao templo, e não pela televisão ou rádio. Dentro desta perspectiva poderia até se afirmar que existem dois tipos de cultos: o total (**exotérico: ritual aberto**) realizado no templo e o editado (**esotérico: ritual fechado**) realizado nas ilhas de edição.

O conceito Igreja Eletrônica está mais em uso nos Estados Unidos. Lá ela não tem a mesma conotação pejorativa que há para os latinos.

Ela chegou a ser chamada até de “Igreja Elétrica”, como afirma Assmann (1986) “uma terminologia que implica uma ignorância técnica bastante óbvia e por isso não vingou”. Outra expressão alternativa foi a de Religião Comercial aplicada por William F. Fore, membro do Conselho Nacional de Igrejas dos EUA, alegando que os tele-evangelistas não representam a Igreja, mas o viés comercial predominante em seus programas. Além desses, outros nomes foram dados a tais fenômenos: *Marketing da fé*, *Messianismo Eletrônico e Assembléia Eletrônica*. Pensando a Igreja Eletrônica no seu contexto inicial, os Estados Unidos, Alexander vê o fenômeno como uma forma de adaptação social em vigência:

A “Igreja Eletrônica” funciona como “formas de rituais compensatórios”, espécie de estratégia adaptadora, pois “o tele-evangelismo oferece aos expectadores um contexto não ameaçador dentro do qual podem viver de forma mais semelhante com a visão e o estilo de vida da sociedade americana em transformação”. (ASSMANN, 1986, p. 45)

Dentro de uma perspectiva de que as mídias favorecem acessos sem precisar de deslocamentos, hoje não precisamos ir aos locais para executar certas tarefas, tais como bancos, lojas, etc., a Igreja Eletrônica também possibilita este conforto. Assim Gomes se aprofunda nos conceitos de igreja eletrônica, fazendo uma busca histórica de suas origens, uma revisão das palavras e conceitos utilizados, para o nosso caso em estudo ele conceitua **Igreja Eletrônica** como aquela que usa dispositivos, aparelhos e parafernália eletrônica (recursos eletrônicos) para atingir seus fiéis ou ao público presente, em assembléia ou em seus lares, substituindo a tradicional obrigação da presença física nos templos. Sabemos que a Igreja Eletrônica é distinguida das outras formas de difusão religiosa. As variedades de religiões, formatos dependem dos valores particulares e dos objetivos organizacionais, nas observações de Schultze (2001) ele afirma que:

a) As principais características norteadoras da prática da Igreja Eletrônica são: o apego aos valores de mercado, o uso de teologias experimentais, os formatos derivados da mídia secular, a fé na tecnologia, a presença de líderes carismáticos e o fato de tudo girar em torno dos ministérios de tais líderes.

b) O ponto mais significativo na definição da Igreja Eletrônica reside no fato de que seus ministros são governados particularmente pelo mercado e por valores corporativos, incluindo eficiência, produtividade e expansão. Enquanto uma igreja local baseia sua prática em valores espirituais, amor, compaixão e sacrifícios, os ministérios eletrônicos firmam-se n os princípios de marketing profissional e da administração gerenciada.

c) Baseados na lógica de mercado, os ministérios independentes, assim definidos por não possuir suporte das denominações ou de seus respectivos concílios, recorrem aos especialistas de marketing para implementar estratégias de arrecadação. O sucesso destes ministérios é medido através da penetração no mercado e seu retorno em contribuições financeiras. A igreja Eletrônica é caracterizada pela sua sensibilidade em procurar pelo seu lugar no mercado, por adotar conceitos de marketing que foram previamente pregados pelas escolas de administração e agora são praticadas pelos pastores. (SHULTZE,2001, p. 18)

2.2 O conceito de mediação e midiatização

A tentativa de entender a complexa relação entre o campo religioso e o campo das mídias para este caso específico de estudo que é a IURD, passa pelos processos midiáticos, mas para isso necessitamos conceituar o que vem a ser mediação, midiatização e processos midiáticos, distintos, mas intrincados dentro dos estudos de comunicação.

2.2.1 A Mediação sob o Ponto de Vista de Alguns Autores

Barbero (1997), pesquisador latino-americano que analisa os meios de massa até as mediações sociais percorrendo várias disciplinas, servindo a todas, vê na cultura a responsável pela própria geração e consumo de mensagens:

O conceito de mediação enfatiza como as mensagens da mídia são negociadas entre diferentes agentes em diversos contextos sociais. Esta maior participação das audiências no processo comunicativo implica uma valorização das experiências culturais pessoais e locais, necessárias para realimentação da própria massa. (BARBERO, 1997, p. 4)

Silverstone (2003), ao examinar o conceito, lembra que a mediação passa por transformações entre os textos e discursos e que todos os envolvidos colaboram para a sua produção de mediações:

Implica o movimento de significado de um texto para o outro, de um discurso para o outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral, e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para sua produção. A circulação de significado, que é a mediação, é mais do que um fluxo em dois estágios – do programa transmitido via líderes de opinião para as pessoas na rua. (SILVERSTONE, 2003, p. 33)

Retorno novamente à Barbero (1997, p. 292), justificando que ao invés de fazer a pesquisa a partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, ele propõe partir das mediações que aponta pelo menos três lugares para se compreender a mediação: “A cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural”.

2.2.2 Para Entender a Mídiação

Sodré (2000) reflete o processo pensando numa mediação social tecnologicamente exacerbada, a mídiatização, com espaço próprio e autonomia nas formas interativas atuais, nas mediações tradicionais, sob o seu ponto de vista, nas suas referências conceituais distingue o que é mediação de mídiatização assinalando que:

É preciso esclarecer o alcance do termo "mídiatização", devido à sua diferença com "mediação" que, por sua vez, distingue-se sutilmente de "interação", forma operativa do processo mediador. Com efeito, toda e qualquer cultura implica mediações simbólicas, que são linguagem, leis, artes, etc. Está presente na palavra mediação o significado da ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes (o que implica diferentes tipos de interação), mas isto é na verdade decorrência de um poder originário de discriminar, de fazer distinções, portanto de um lugar simbólico, fundador de todo conhecimento. A linguagem é por isto considerada mediação universal. Já mídiatização é uma ordem de mediações socialmente realizadas - um tipo particular de interação, portanto, a que poderíamos chamar de tecnomediações - caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada médium. Trata-se de dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo da comunicação é técnica e mercadologicamente redefinido pela informação, isto é, por um produto a serviço da lei estrutural do valor, também conhecida como capital. (SODRÉ, 2000)

Podemos observar no programa Ponto de Luz como o culto no templo transforma-se em produto midiático e ao mesmo tempo a matéria se presta para atrair pessoas ao culto, onde uma engrenagem alimenta a outra sem parar. Ela faz com que os dois campos – o religioso e o midiático - fiquem dependentes um do outro, adequando para isso os dispositivos técnicos e os discursos através dos processos midiáticos. Neto (2004) assinala que:

Do ponto de vista comunicacional, poderíamos avançar, a título de hipótese, que tais processos que buscam a institucionalização de novos laços sociais entre as instituições e seus usuários, passam cada vez mais por mediações de “estruturas que unem”, como aquelas que dão forma e põem em movimento as estratégias da mídiatização. Não basta dizer que a experiência tradicional foi substituída por novos mecanismos que tratam de constituir e fazer funcionar as experiências entre os indivíduos. Nem tão pouco que as instituições, segundo as regras de seus rituais, sejam capazes, hoje, de produzir, por estes modos, as novas interações sociais. Da perspectiva desta pesquisa, procuramos mostrar que há uma nova realidade - a de uma cultura de natureza midiática - que cuida gerir, de constituir e gerar os processos e os elementos que dão conformidade e níveis de explicação à sua existência e ao seu funcionamento. Esta realidade sócio-discursiva que se impondo,

ou sendo apropriada pelas instituições, converte-se num lugar de protagonização, seja na tarefa de organizar as interações entre campos sociais, sejam ainda pelo fato das estratégias de sentidos dos diferentes campos passarem cada vez mais por operações que têm na realidade midiática, suas principais referências. (NETO, 2004 p. 36)

Mas o conceito de mediação apresenta uma abrangência muito maior. Podemos enxergá-lo como um tipo de mediação privilegiada ou especializada como Verón (2001) assinala em seu esforço para compreender os processos de semiose social. No envolve a linguagem, assume a mediação como escala intermediária de processos situados num espectro maior, de que participam atores sociais localizados e a sociedade como um todo. A mediação pode ser percebida como a incidência de estratégias discursivas que se dão no interior do dispositivo midiático, construindo enunciados em torno de tematizações extraídas de campos sociais.

Essa mesma perspectiva aparece ainda em Ferreira J. (2006), quando ele fala em campo midiático:

O midiático resulta da transformação dos dispositivos de comunicação em midiáticos, requisitados pela diferenciação social e constituição de mercados discursivos unificados, operados em sistemas de produção específicos articulados em formações sociais e históricas que singularizam o campo das mídias. (2006, p. 10)

A mediação pode, nesta perspectiva, ser definida em torno de dois processos centrais: apropriação dos dispositivos de comunicação em lógicas específicas dos campos das mídias. Ambos os processos são indissociáveis (Ferreira J., idem).

2.2.3 Compreendendo o que são os Processos Midiáticos

Sob esta ótica a IURD incorpora os dispositivos de comunicação na sua plenitude, pois abrange a produção, tecnologias, linguagens, discurso, recepção e circulação. Porém essas contemporâneas formas de “fazer religião” estão inseridas dentro da comunicação, estão marcadas pelos processos midiáticos, pois são direcionadas e pensadas pela mediação midiática, como lembra Gomes (2004, p. 33) “A totalidade dos processos midiáticos não é formada pela sua estrutura em si, mas pelos padrões de interconexões que eles constroem com a sociedade, com ela interagindo para a construção de sentido”.

É importante para nós compreender o que vem a ser processos midiáticos, pois esta pesquisa se insere no programa de Pós-Graduação da Unisinos na área de concentração em Mídias e Processos Sócio-culturais. Mas o que será Processos Midiáticos?

Ferreira J. (2006), identificado com os estudos de dispositivos midiáticos, vê neles os responsáveis pelos processos midiáticos assinalando que:

Os Processos Midiáticos são entendidos como conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias que operam segundo diferentes linguagens, através de dispositivos como jornal, televisão, rádio, fotografia, publicidade, revista, produção editorial, produção eletrônica, comunicação organizacional, vídeo e outros processos emergentes. (FERREIRA, 2006, p.4)

Silverstone (2003) em seu texto adverte que é fundamental para nossa vida cotidiana estudar a mídia como dimensão social, cultural, política e econômica. Ele vê, ainda que a mídia esteja sempre mudando, que a mesma deve ser entendida como um processo, reconhecendo-a como fundamental e eternamente social, específica e historicamente:

Teremos que investigar as maneiras como a mídia participa de nossa vida social e cultural contemporânea. Precisaremos examinar a mídia como um processo, como

uma coisa em curso e uma coisa feita, e uma coisa em curso e feita em todos os níveis, onde quer que as pessoas se congreguem no espaço real ou virtual, onde se comunicam, onde procuram persuadir, informar, entreter, educar, onde procuram de múltiplas maneiras e com graus de sucessos variáveis, se conectarem umas as outras. Entender a mídia como um processo – e reconhecer que o processo é fundamental e eternamente social – é insistir na mídia como historicamente específica. Entender a mídia como processo também implica um reconhecimento de que ele é fundamentalmente político ou talvez, mais estritamente, politicamente econômico. Os significados oferecidos e produzidos pelas várias comunicações que inundam nossa vida cotidiana saíram de instituições cada vez mais globais em seu alcance e em suas sensibilidades e insensibilidades. (SILVESTONE, 2003, p. 16-17)

2.2.4 O Consumo de Sentido como Chave na Midiatização

Com interesse pelos fenômenos discursivos e ideológicos fazendo deles análises profundas, neste contexto, examina a produção social de sentidos:

Toda producción de sentido, em efecto, tiene una manifestación material. Esta materialidad del sentido define la condición esencial, el punto de partida necesario de todo estudio empírico de la producción de sentido. Siempre partimos de “paquetes” de materiales sensibles investidas de sentido que son productos; com otras palabras, partimos siempre de configuraciones de sentido identificadas sobre um soporte material (texto lingüístico, imagem, sistema de acción cuyo soporte es el cuerpo, etcétera...) que son fragmentos de la semiosis. Cualquiera que fuere el soporte material, lo que llamamos um discurso o um conjunto discursivo no es otra cosa que uma configuración espacio-temporal de sentido. (VERÓN, 1980, p.126)

Las grandes líneas de la organización económica, social o política son objeto de representaciones del mismo modo que la organización religiosa; más exactamente, organización y representación son siempre dadas em conjunto; uma organización no existe antes de estar representada; tampoco existe razón para pensar que uma organización representa a outra, ni que la verdad de um ‘nivel’, em el lenguaje de las metáforas verticales, se situe em outro nível. (VERÓN, 1980, p.137)

La semiosis, por conseguinte, solo puede tener la forma de una red de relaciones entre el producto y su producción; solo se la puede señalar como sistema puramente relacional: tejido de enlaces entre el discurso y su “otro”, entre un texto y lo que no es esse texto, entre la manipulación de un conjunto significativo destinada a descubrir las huellas de operaciones, y las condiciones de producción de esas operaciones. (VERÓN, 1980, p.139)

Em seu livro A Produção de Sentido, Verón (1980) volta a fazer formulações sobre o sistema produtivo advertindo que existem diversos tipos de sistemas diferenciados no funcionamento da produção de sentidos:

Todo sistema produtivo pode ser considerado como um conjunto de coerções cuja descrição específica às condições em que algo é produzido, circula, é consumido. Assim também para o sentido. Ora, essas coerções, no que concerne ao sentido tal como é demarcável nas matérias significantes investidas na rede semiótica, não constituem certamente um conjunto homogêneo; as coerções não se originam de uma mesma fonte, não têm todos os mesmos fundamentos nem remetem todas ao mesmo tipo de “leis”. Isto é uma consequência necessária da natureza encaixada da rede semiótica. Existem, por outras palavras, sistemas diferenciados de funcionamento da produção do sentido cuja descrição sem dúvida recorrência a conceitos e a modelos diferentes. (VERÓN, 1980, p. 191)

Ainda em VERÓN (2001) num olhar mais específico sobre a produção de sentido aprofunda-se afirmando que “*analizando productos, apuntamos a procesos*”, e em seguida diz que:

La teoría de los discursos sociales es un conjunto de hipótesis sobre los modos de funcionamiento de la semiosis social. Por semiosis social entiendo la dimensión significativa de los fenómenos sociales: el estudio de la semiosis es el estudio de los fenómenos sociales en tanto procesos de producción de sentido.

Una teoría de los discursos sociales reposa sobre una doble hipótesis que, pese a su trivialidad aparente, hay que tomar en serio:

Toda producción de sentido es necesariamente social: no se puede describir ni explicar satisfactoriamente un proceso significativo, sin explicar sus condiciones sociales productivas.

Todo fenómeno social es, em uma de sus dimensiones constitutivas, um proceso de producción de sentido, cualquiera que fuere el nivel de análisis (más o menos micro o macro sociológico). (VERÓN, 2001, p.124-125)

Com os processos discursivos e de produção social de sentido, propicia-se ao telespectador um consumo de sentido mediados através de um sistema de produção de sentido.

O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais. (BARBERO, 1997, p. 290)

Com um olhar mais específico sobre o imaginário e o sentido lembrando que o simbólico tem uma importância muito grande em relação aos sentidos:

Partimos de uma concepção simbólica da imaginação, quer dizer, de uma concepção que postula o semantismo das imagens, o fato de elas não serem signos, mas sim conterem materialmente, de algum modo, o seu sentido. Ora, podemos pretender que ao reagrupar positivamente as imagens teremos desse modo condensado os seus sentidos múltiplos, o que nos permitirá abordar a teoria do sentido supremo da função simbólica. (DURAND, 1997, p. 59)

Parte-se depois para outra obra de Durand (1997) que ao se reportar à mitologia contemporânea, referem-se aos três níveis míticos presentes na nossa sociedade atual e que atuam em conjunto como forma de produzir sentido:

Do qual um data do século passado, é o da pedagogia; outro data de uma libertação em nível de meios mitológicos enormes, os media. (...) Mesmo revistas como *jours de France* ou como *Paris Ma'ch* pegam no acontecimento, deformam-no, aumentam-no, retocam-no com a ajuda da imagem visual, e apresentam-no de uma forma paradigmática, de uma maneira exemplar e mitológica. E penso que não podemos viver no universo tecnológico senão graças a esses estupefacientes ou a esses álcoois, espirituais e visuais, que nos distribuem os media. Eles permitem ultrapassar as monotonias da vida burocrática e tecnológica que é a nossa, da vida demasiado condicionada por horários. (DURAND, 1997, p. 34)

Canclini (1998) nos seus estudos sobre cultura e a massificação e sentido assume, segundo ele mesmo, as dificuldades para resumir uma história ainda aberta e indecisa. Ele deixa registrado que enfrenta ao mesmo tempo a dificuldade de incorporar aos estudos culturais os seguintes tópicos:

- Novos processos de produção industrial, eletrônica e informática que reorganizam o que chamávamos de culto e popular.
- Outros formatos, que aparecem às vezes como um novo tipo de bens (desde a fotografia e as histórias em quadrinhos até a televisão e o vídeo).
- Processos de circulação massiva e transnacional, que não correspondem apenas às inovações tecnológicas e de formato, pois são aplicáveis a qualquer bem simbólico, tradicional ou moderno.
- Novos tipos de recepção e apropriação, cuja variedade vai da concentração individual a que se é obrigado quando se está muitas horas diante da tela da televisão ou do computador, até os usos horizontais do vídeo por grupos de educação alternativa para fortalecer a comunicação e a integração crítica.
- É impossível sintetizar formatos e processos tão variados sob um único nome. Alguns rótulos, os de cultura de massa ou para a massa, podem ser usados com a precaução de que designam um único aspecto e não o mais recente; as noções de indústria cultural, cultura eletrônica ou tele informação são pertinentes para designar aspectos técnicos ou pontuais. Mas a tarefa ainda mais árdua é explicar os processos culturais globais que estão acontecendo pela combinação dessas inovações. Desenvolvem-se novas matrizes simbólicas nas quais nem os meios de comunicação, nem a cultura massiva operam isoladamente, nem sua eficácia pode ser avaliada pelo número de receptores, mas como partes de uma recomposição do sentido social que transcende os modos prévios de massificação.
- A noção de popular construída pelos meios de comunicação, e em boa parte aceita pelos estudos nesse campo, segue a lógica do mercado. “Popular” é o que se vende maciçamente, o que agrada multidões. A rigor, não interessa ao mercado e à mídia o popular e sim a popularidade. Não se preocupam em preservar o popular como cultura ou tradição; mais que a formação da memória histórica, interessa à indústria cultural construir e renovar o contato simultâneo entre emissores e receptores. (1998, p. 258-260)

2.2.5 Consumo de Produtos Midiáticos

A discussão da fé como objeto de consumo não é tarefa fácil para se discutir. É difícil encontrar uma denominação que se assuma como uma “empresa religiosa” para fins de venda explícita da fé, com isso obtendo lucros, afinal a fé e a auto-ajuda, como sabemos, na IURD são vendidos e cobrados, seja por ofertas, dízimo ou compra de produtos midiáticos. Sempre

que fazemos perguntas aos fiéis em relação ao assunto dinheiro e ao consumo nas igrejas, a resposta é a mesma: Isso é necessário e normal para a manutenção da organização religiosa que tem custos, investimentos, etc. Mas nossa hipótese é em relação aos meios, como se dá essa relação de consumo, de sentido e de produtos na esfera da mídia. No primeiro momento é em Neto (2004) que ao examinar o fenômeno, chama a atenção para esta prática da transformação e venda de bens simbólicos em mercadorias:

A midiatização da religião resulta do avanço que as igrejas fazem sobre o controle de estruturas, espaços e realidades sócio-organizacionais da comunicação, através do funcionamento de uma indústria cultural das mais complexas estruturadas em torno de veículos e outras atividades que se instalam tendo hoje como referência o infoentretenimento e a infopropaganda. A indústria cultural religiosa se constitui numa estrutura que, embora voltada para fins institucionais específicos, opera no mercado da comunicação com os mesmos instrumentos e lógicas da indústria cultural convencional, uma vez que para que a religião se faça consumível e visível, se torna necessário que seja produzida segundo a lógica vigente, com seus objetos nos formatos das mercadorias em oferta, e tenha seus processos de consumo “insuflados” segundo as mesmas regras com que se vende iogurte, sabonete e cerveja. (NETO, 2004, p. 67)

Perspectiva parecida já havia sido formulada em 2002 por Kilpp². Chama atenção para o fato da inserção da televisão na indústria cultural e no campo da comunicação a onde a televisão se presta para a venda:

Ao inscrever a televisão, uma *ethicidade* complexa na indústria cultural, ofereço à consideração algumas alternativas em função do “lugar de produção”: que a televisão se atualiza em certos momentos de certas tevês como produtora de mercadorias culturais; que lhe cabe a vitrinização das mercadorias produzidas pela indústria; que ela seja pensada como uma usina de reciclagem de restos culturais; e principalmente, no âmbito e na perspectiva desta abordagem, como produtora de molduras, moldurações e *ethicidades* televisivas. Ao inscrever a televisão no campo da comunicação, ofereço à consideração outras alternativas em função da discursividade televisiva, percebendo nela um caráter fundante e um caráter “*sui generis*” nos tensionamentos presentes nessa discursividade. (KILPP, 2003, p. 8-9)

² Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. A tese foi publicada. Veja-se: KILPP, Suzana. *Ethicidades televisivas*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003

É na esfera da publicidade que Barbero (1997) vê como o consumo se converteu em elemento de cultura. Consumir se transforma um modo de ser feliz, um encantamento:

Acha-se na mudança radical sofrida pela publicidade, por essa época, quando passou a invadir tudo, transformando a comunicação inteira em persuasão. Deixando de informar sobre o produto, a publicidade se dedica a divulgar os objetos dando forma à demanda, cuja matéria-prima vai deixando de ser formada pelas necessidades e passa a ser constituída por desejos, ambições e frustrações dos sujeitos. Só agora o processo de secularização iniciado séculos antes chega de verdade às massas: quando o ideal de salvação for “convertido” no de bem estar, essa figura objetiva da felicidade, já que é única comprovável e mensurável em objetos. Ideal secular e democrático que estava na própria declaração de independência: “todos os homens têm direito à felicidade”. Para a cultura de massa a publicidade não será somente a fonte mais vasta de seu financiamento; é também a força que produz seu encantamento. (BARBERO, 1997, p. 193)

Bourdieu (1996) atrela as produções simbólicas e as condições sociais de sua produção através das diferentes mediações sociais dizendo o seguinte:

Assim, as produções simbólicas devem suas propriedades mais específicas às condições sociais de sua produção e, mais precisamente, à posição do produtor no campo de produção. Este último comanda, por meio de diferentes mediações, tanto o interesse expressivo, a forma e a forçada censura que lhe é imposta como também a competência que lhe permite satisfazer esse interesse no limite de tais constrangimentos. (1996, p. 133)

Aprofundando-se na questão do consumo midiático-religioso Esteves acha que a religião não está imune e fora das práticas mercadológicas, devendo ser eficaz também nesta exigência, o consumo:

Por outro lado, a emancipação da política não pode ser dissociada de uma espécie de privatização do mundo religioso. o pluralismo que caracteriza a sociedade moderna secularizada já não permite a imposição da religião como outrora: Os ex-monopólios religiosos já não podem dar como garantida a adesão das suas populações, a fidelidade passa a ser voluntária e, por conseguinte, incerta, o que significa que a tradição religiosa, que antes era imposta de forma autoritária, é agora um produto que deve ser colocado no mercado (...), nessa situação grande parte da atividade religiosa passa a ser dominada pela lógica da economia de mercado. As novas condições sociais empurram a religião para um processo de secularização interna, a seqüência do qual o próprio universo interior das religiões se altera (segundo uma

racionalização burocrática que passa a ser exigida pela eficácia). (ESTEVES, 2002, p. 115)

Seguindo o contexto citado acima, se refere ao consumo onde vê as igrejas obrigadas a seguir as regras de mercado para sobreviver, tendo exigências contratuais. Essa metamorfose pela qual vem passando rapidamente a religião nos obriga a pensar que, se a religião se transforma em consumo e o fiel em consumidor, numa relação de mercado que a sociedade está equipada para regulamentar, como qualquer outro produto, vale pensar como o próprio Estado, agora separado da religião e dela desinteressado como fonte transcendente de legitimidade, pode envolver-se para preservar interesses do cidadão-consumidor. (PRANDI, 1996, p. 260)

Das perspectivas da cultura do consumo, Canevacci (2001) chama a atenção para o fato que ocorre na sociedade do consumo: as diferenças. Este artifício é o que move as pessoas a se atirarem no consumismo:

A cultura do consumo é fundada na constante produção e reprodução de sinais bem reconhecíveis por seus donos e por seu público; ela não encoraja um conformismo passivo na escolha das mercadorias, mas, ao contrário, procura educar os indivíduos a ler as diferenças dos sinais, a decodificar facilmente as infinitas minúcias que diferenciam as roupas, os livros iguais a outras empresas comerciais do mercado:

Os alimentos, os automóveis, os ambientes. Dessa forma, as distinções de classe e dos diversos segmentos de classe, e ainda as sub-culturas, ao invés de diluir-se, se fortalecem e se complicam: novos mini-símbolos precisam ser descobertos para manter as diferenças. (CANEVACCI, 2001, p. 239)

2.2.6 Os Dispositivos Midiáticos como Mediação dos Processos Midiáticos

Para poder adentrar nas formulações de minha pesquisa foi buscar no conceito de dispositivo midiático, pela sua abrangência de possibilidades dentro do conjunto de fazeres, que a IURD lança mão da mídia para existir e divulgar-se. Vários conceitos foram elaborados

e outros ainda estão em construção atualmente. Ferreira discute o conceito de dispositivo formulando-o da seguinte maneira:

A midiaticização pode, nesta perspectiva, ser definida em torno de dois processos centrais: o campo das mídias e os dispositivos de comunicação. Ambos são indissociáveis. Genericamente, ao falarmos de dispositivos de comunicação estamos falando de diversas dimensões que o constituem. Com o conceito de dispositivos seguimos a trajetória aberta por autores que colocam o conceito no cruzamento de uma dupla superação: a) a dos processos de produção num lugar não neutro, como seria o de unidades de produção; b) a da produção social de sentido como um poder central como sugere o conceito de Aparelho Ideológico.

O dispositivo de comunicação abrange a produção, tecnologias, linguagens, discurso, recepção e circulação. Todas essas dimensões podem ser estudadas em diversas perspectivas, conforme o problema colocado. O dispositivo recorta, em termos de experiência social, a problemática comunicacional, mas não necessariamente a midiática. Em nossa formulação, sugerimos o dispositivo midiático como central para investigar a problemática da produção de sentido e das interações sociais no campo das mídias. Os dispositivos midiáticos se constituem, em geral, no agenciamento de vários dispositivos de comunicação, articulados entre si, relacionados a determinadas condições sociais de produção e recepção. (FERREIRA, Jul/Dez, 2003)

Rüdiger (2003) estuda os dispositivos dentro da teoria social moderna como forma de comunicação e de mediação, mas ao passar para a era pós-moderna tornam-se redes técnicas de informação e comunicação:

Na perspectiva da teoria social moderna, as tecnologias de comunicação constituíram sempre uma temática relacionada à reflexão sobre a estrutura e sentido da conversação social, do diálogo público na sociedade. A comunicação representava, em essência, uma entidade social primária. Entretanto também era passível de mediação (distribuição) tecnológica. No pensamento pós-modernista, esboçado nos últimos anos, verificou-se uma formidável mudança nesse entendimento. As tecnologias de comunicação tornaram-se um fator básico para explicar o conjunto da cultura. A sociedade passou a ser vista como um conjunto de circuitos e canais, mantido pelas redes técnicas de informação e comunicação. Segundo seus porta-vozes, as telecomunicações provocaram o surgimento de novas formas de interação, não se limitam a reduzir as barreiras do tempo e espaço que se lhes antepunham anteriormente. A sociabilidade pós-moderna caracteriza-se pelo valor conferido à conexão do indivíduo a um sistema de mídia global, sobreposto às relações de convívio direto. Os comentaristas modernos sustentam que o aparecimento da tecnologia eletrônica não produziu diferenças substanciais na natureza e resultado da comunicação. (RÜDIGER, 2003, p. 5)

Dubois³ ao falar das máquinas de imagens através da expressão “novas tecnologias” como os instrumentos técnicos que vêm da informática permitindo a fabricação de objetos visuais, refere-se aos dispositivos como condição de eficácia assim como de um saber:

Todas essas ‘máquinas de imagens’ pressupõem (ao menos) um dispositivo que institui uma esfera “tecnológica” necessária á constituição da imagem; uma arte do fazer que necessita, ao mesmo tempo, de instrumentos (regras, procedimentos, materiais, construções, peças) e de um funcionamento (processo, dinâmica, ação, agenciamento, jogo). (p. 33)

As trocas comunicacionais feitas diretamente pelas pessoas ou através da mediação e dos mercados, para Ferreira J. (04/01/2006) significa que quanto maior a unificação do mercado discursivo e seus acoplamentos de tecnologias, o conceito de dispositivo midiático acaba favorecendo o conceito de dispositivos sócio-semio-técnico:

O que tem unificado o conceito até o momento: o conceito de trocas comunicacionais (dizer e escutar), desde as realizadas face à face até as mediadas pelos mercados discursivos unificados e tecnologias de comunicação. Quanto mais unificado o mercado discursivo, e maior o acoplamento de tecnologias, maior o processo de mediação – e, portanto, de inserção no campo midiático. Nesse sentido, o conceito de dispositivo midiático valoriza as dimensões anteriores, que, acopladas, tem favorecido o conceito de dispositivos sócio-semio-tecnológicos.

Novamente retornamos a Verón (2001), que ao estudar os públicos através das condições de produção, aponta os dispositivos técnicos e organizacionais das instituições uma relação muito forte com o discurso midiático produzido:

Um discurso midiático dado produzido para E (um diário, um livro, uma película, uma emisión televisiva) es una red compleja de tríadas em todos los niveles de su organización que se incluye em una red, todavía más compleja que yo llamo las condiciones de producción. Al conjunto de reglas que unem al discurso com sus condiciones de producción, lo llamo gramáticas de producción. Em el caso de los médios, esta gramática remite a los dispositivos técnicos y organizaciones materiales em las instituciones. (2001, p. 5)

³ DUBOIS, Philippe. **Cinema, Vídeo, Godard** Ed. Cosacnaif.

Aumont (1999) ao estudar a imagem discute um capítulo somente sobre os dispositivos, ali ele se convence que não há dispositivo fora da história, e que o contexto simbólico está envolvido nas formações sociais, vejamos:

O dispositivo é o que regula a relação entre o espectador e suas imagens em determinado contexto simbólico. Ora, ao final desse apanhado dos estudos relativos aos dispositivos de imagens, o contexto simbólico revela-se também necessariamente social, já que nem os símbolos nem a esfera do simbólico em geral existem no abstrato, mas são determinados pelos caracteres materiais das formações sociais que os engendram. Assim, o estudo do dispositivo é obrigatoriamente estudo histórico: não há dispositivo fora da história. Essa observação pode parecer trivial há algum fenômeno que esteja fora da história? Mas deve ser formulada explicitamente, já que a própria noção de dispositivo tem sido elaborada no contexto de uma abordagem teórica que busca a universalização de seus conceitos – a começar pelas noções de inconsciente ou de ideologia, que talvez não sirvam para analisar os efeitos simbólicos produzidos em todas as sociedades humanas. (1999, p. 192)

Afirmando que a comunicação não é um processo linear, ao estudar o gênero de discurso, Maingueneau (2002), chama a atenção que não basta só considerar o conjunto de circuito que organiza a fala, mas partir de um dispositivo comunicacional:

Quando tratamos do médium de um gênero de discurso, não basta levar em conta seu suporte material no sentido escrito (oral, escrito, manuscrito, televisivo, etc.) é necessário também considerar o conjunto de circuito que organiza a fala. A comunicação não é, com efeito, um processo linear: inicialmente, uma necessidade de se exprimir por parte do enunciador; a seguir, a concepção de um sentido; depois, a escolha de um suporte e de um gênero; posteriormente, a redação; a seguir, a busca de um modo de difusão; finalmente, o hipotético encontro com um destinatário. Na realidade, é necessário partir de um dispositivo comunicacional que integre logo de saída o médium. O modo de transporte de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso. Muitas mutações sociais se manifestam por meio de um simples deslocamento “midiológico” (relativo ao médium). (2002, p. 72)

Pesquisadora na área da televisão, Duarte (2004), quando analisa o processo e o produto, adverte que os dispositivos institucionais e tecnológicos são os responsáveis pelos

vários aspectos que acontecem na nossa vida social, responsabilizando-os, ainda, pelo aparecimento de sensibilidades, éticas e estéticas, acompanhamos sua observação:

A comunicação televisiva ocorre hoje intra e inter sociedades e culturas, configurando-se como o meio pelo qual a humanidade se entrega a si mesma como espetáculo: os dispositivos institucionais e tecnológicos próprios da televisão são capazes de apresentar a um número cada vez maior de telespectadores os múltiplos aspectos da vida social, sendo responsáveis pelo surgimento de novas sensibilidades, éticas e estéticas. (2004, p. 68-69)

Finalizo sobre os dispositivos com Machado (1997) quando se refere ao livro como dispositivo, maquinaria de elaboração do pensamento, este autor faz a seguinte descrição:

Mas se considerarmos que as mídias dão continuidade, em nosso tempo, ao projeto histórico do livro, é preciso também considerar que, nesse mesmo movimento elas o transformam, redirecionando-o em razão das novas necessidades do homem contemporâneo. O livro passa a ser pensado agora como dispositivo, como maquinaria, cuja função é não apenas dar suporte ao pensamento criativo, mas também colocá-lo em operação. Se antes considerávamos o livro como um recurso para colocar a memória do homem fora do próprio homem (dando-lhe assim maior poder de difusão e de permanência), memória, todavia estática e resistente às mutações do próprio homem, podemos agora visualizá-lo como uma maquinaria no interior da qual o pensamento já está a laborar. (1997, p. 180)

2.3 *Conceito de campo social, campo midiático e campo religioso*

Os dados que estamos trabalhando indicam explorações possíveis a serem agregadas às conclusões que serão apresentadas, que permitem avançar em direção à ordem da mediatização, incluindo a relação do campo das mídias com outros campos sociais.

Assim, quando o fiel afirma em seu testemunho no programa, tiver obtido a cura através da IURD, ali se instala uma legitimidade vicária em outros domínios da experiência, querendo até em seus discursos dentro de uma linha fantástica, mágico milagreira, sobrepor os

domínios da experiência médica. Assim a IURD mantém o seu campo de referência como o religioso, mas interferem em outros campos como o midiático, econômico, saúde, jurídico, psicanalítico, etc.

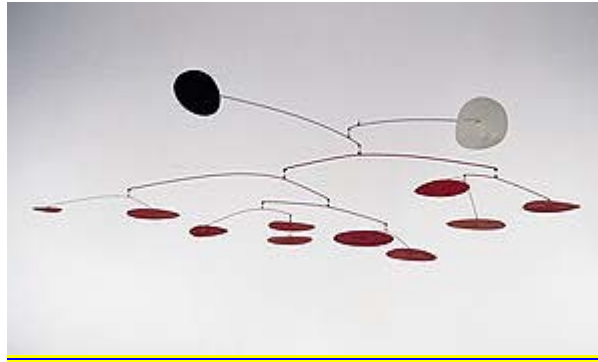
Nossa hipótese é de que a IURD é distinta das outras religiões por estar inserida dentro dos dois campos, o religioso e o midiático, chegando a nos confundir: o que é igreja ou programa de TV? Ora, a Igreja Universal leva tão a sério esta empreitada que direciona seu discurso tanto para o campo religioso como para o midiático, procurando dar conta dos dois.

2.3.1 Conceito de Campo Social

Loyola (2002) quando da entrevista feita a Bourdieu, soube onde este sociólogo francês foi buscar inspiração para elaborar os seus conceitos de Campo sociais:

Pierre Bourdieu se inspirou nos móveis de Calder⁴ (ilustração abaixo) para visualizar a sociedade na formação de pequenos universos que balançavam uns em relação aos outros, representando assim os campos sociais onde a sociedade se forma em um conjunto de espaços de jogos relativamente autônomos não subordinando-se a uma lógica social única. Assim as peças do móvel poderiam constituir vários campos específicos como os: econômico, político, religioso, midiático, jurídico, da saúde, etc. Nesses campos estruturam-se forças objetivas que formam uma configuração relacional, dotada de uma força gravitacional própria, capaz de impor sua lógica a todos os agentes que nele penetram. (LOYOLA, 2002, p. 67)

⁴ Fonte: <http://www.mac.usp.br/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/abstracao/calder/index.html> Alexander Calder (1898-1976) foi um artista da forma e do equilíbrio, que aliou com perfeição, arte e técnica. Com lâminas de metal e arame criou "esculturas em movimento", os móveis, que lhe atribuíram grande popularidade.



MóBILE: Alexandre Calder
Black, White, and Ten Red – 1957 - sheet metal, wire, and paint - 33 x 144 in.
National Gallery of Art, Washington, Gift of Mr. and Mrs. Klaus G. Perls
Registration Number A03764

Vejamos o próprio autor, examinar o conceito de campo advertindo que:

Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa, etc. (BOURDIEU, 1983, p. 89)

No capítulo quatro, a gênese dos conceitos de *habitus* e de campo, se refere sobre este conceito da seguinte maneira:

O *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural, mas sim o de um agente em ação. É um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores cria estratégias que podem ser objetivamente adequadas aos interesses objetivos aos seus autores sem, no entanto, terem sido expressamente concebidas para esse fim. (BOURDIEU, 1998, p.61)

2.3.2 Conceito de Campo Religioso

Continuamos com o mesmo autor por ele possuir um capítulo dedicado à gênese e estrutura do campo religioso, ali ele dedica-se a estudar a religião como um campo social, Com o intuito de melhor conceituar e entender o que significa campo religioso. Bourdieu (1992), nestas perspectivas observamos como ele considera a seguinte prática:

Assim o capital de autoridade propriamente religiosa de que dispõe uma instância religiosa depende da força material e simbólica dos grupos ou classes que ela pode mobilizar, oferecendo-lhes bens e serviços capazes de satisfazer seus interesses religiosos, sendo que a natureza destes bens e serviços depende, por sua vez, do capital de autoridade religiosa de que dispõe levando-se em conta a mediação operada pela posição da instância produtora na estrutura do campo religioso. Esta relação circular, ou melhor, dialética (pois o capital de autoridade que as diferentes instâncias podem utilizar na concorrência que as opõe, é o produto das relações anteriores de concorrência), é a base da harmonia que se observa entre os produtos religiosos oferecido pelo campo e as demandas dos leigos, e ao mesmo tempo, constitui a base da homologia entre as posições dos produtores na estrutura do campo e as posições dos consumidores de seus produtos na estrutura das relações de classes. (BOURDIEU, 1992, p. 58)

White (1997) ao examinar o conceito de campo religioso enfatiza que o *homo ludens* articula por meio de crenças e rituais como resposta para a vida e que o discurso religioso tem um importante papel dentro da sociedade:

O que caracteriza a experiência como sendo do campo social da religião, é o processo de busca que o *homo ludens* põe em movimento, por meio de crenças e rituais, com o propósito de encontrar sentido e valor para a sua existência face à condição de falibilidade da vida. Diante da realidade da morte, a religião é o processo de busca da resposta final, ou, o limite às perguntas sobre o significado da vida. O discurso religioso tem, assim, “um importante papel na forma que as sociedades representam uma síntese de símbolos do âmagô”. A função expressiva do campo religioso consiste, consequentemente, de uma competência enunciativa de seus princípios e regras por meio de metáforas simbólicas, experimentadas através de êxtase, profecia, sonhos, rituais, *rallies* e, nos processos de fixação de significados sagrados de objetos, espaços, tempo e experiências.

2.3.3 Conceito de Campo Midiático

Somos testemunhos da formação de um campo que a cada dia se torna mais complexo em função de seus dispositivos e processos, ou seja, o campo midiático. A reflexão sobre esse campo implica em determinada teorização sobre os próprios campos sociais.

Assim, em Rodrigues (2000), as modalidades de legitimidade de um campo se confundem com a outra: quem é quem? Para este autor existem dois tipos de legitimidade de um campo social: a própria e a vicária. A própria possui dentro do seu domínio próprio a experiência, ao passo que a legitimidade vicária é aquela que um campo social possui num domínio da experiência que não lhe é próprio, mas por delegação de um outro campo social.

Com a autonomização dos campos sociais, autonomiza-se igualmente a competência para a formulação discursiva das regras da competência para intervir eficazmente em cada um dos campos sociais. Autonomiza-se assim, para os campos sociais, a função discursiva da função pragmática. (Rodrigues, 2000, p.190)

Ele ainda defende em seu texto que existem dois conjuntos de simbolismo, o formal e o informal. O formal seria a forma constituída, roupas, rituais. É regulada por regras, tanto constitutivas como normativas, é observado no rigor do uso pelos membros pertencentes ao corpo social, serve também para dar legitimidade aos seus detentores. Já o simbolismo informal consiste no apagamento sistemático de marcas distintivas, destina-se a assegurar a permeabilidade da sociedade por parte do campo em que vigora.

Já a tese central da teoria dos campos de Esteves (2003) se baseia na premissa de interação entre os campos sociais:

Isso significa reconhecer que, os campos sociais são “um espaço social de interação” e neste sentido podem ser considerados “unidades elementares da estrutura da sociedade”. A organização das nossas sociedades desenvolvidas tem por base uma

progressiva individualização e autonomia dos campos sociais. (ESTEVES, 2003, p. 11)

Considerando como a resposta ao alto nível da organização da sociedade atrelado a um conjunto de necessidades culturais que nasceram da linguagem, Esteves (2003) atribui ao campo dos media o regulador dos outros campos sociais:

A formação de um campo social dá origem a um fluxo regular de relações sociais, em torno das quais se estabelece a ordem normativa do próprio campo. Com a constituição do campo dos media, assistimos à emergência de um conjunto de novos valores, relacionados, por exemplo, com a transparência das relações sociais, a liberdade na vida pública, à equidade na participação discursiva, etc. estes valores são como que elementos primários de ligação entre o sistema social e o meio (no caso, representado pelo sistema cultural): a partir deles geram-se padrões de vida que passam a suportar o funcionamento da sociedade. O campo dos media pode, assim, ser considerado como a resposta, ao nível da organização da sociedade, a este vasto conjunto de necessidades de ordem cultural que nasceram da generalização da linguagem. As exigências de legitimação que a modernidade coloca condicionam a ação dos media simbolicamente generalizados (o dinheiro e o poder) e conferem à linguagem (e ao campo dos media) a função genérica da regulação de todos os outros campos sociais. (ESTEVES, 2003, p. 115 e 131)

Continuando a conceituação de campos sociais, Ferreira J. (2006) analisa o conceito a partir de Luhmann, para este autor os campos são configurados num processo de diferenciação social, onde um campo é uma formação social e histórica específica:

O conceito de campo que desenvolvemos acentua o lugar dos sistemas de produção. Os sistemas de produção, pensados a partir de Luhmann (2000), configuram e são configurados nos campos, num processo de diferenciação social. Essa configuração é antes de tudo prática e ação concreta, identificáveis em vários níveis através da investigação. Os agentes ali envolvidos nem sempre, ou na maioria das vezes, têm consciência desses sistemas, mas suas práticas e ações os produzem, reproduzem e transformam permanentemente. Uma das “funções” da investigação acadêmica no campo da comunicação é revelar esses sistemas (na esfera dos produtos – as obras -, das práticas e ações). O campo, entretanto, não é um sistema, mas vários, articulados e diferenciados, em oposição ou identidade. Por isso, um campo é uma formação social e histórica específica. Como cada sistema é auto-referencial tende a desenvolver, relativamente a outros, interpretações críticas, reafirmando suas premissas, negando a dos outros, valorizando os seus enunciados em desprezo dos outros, e colocando o seu sistema no patamar dos processos de classificação dos vários sistemas sociais concorrentes. Essa diferenciação e “disputas” são endógenas – dentro do campo, entre vários sistemas – e exógena – do campo das mídias com outros campos sociais. (FERREIRA J., 2006)

Perspectiva parecida é formulada por Sodré (2001) observando que a vinculação social e as práticas socioculturais ditas comunicacionais ou midiáticas recaem numa forma de vida que ele chama de bios midiático:

Antes de mais nada, a especificidade da vinculação social que, em sentido lato, é o objeto de uma ciência da comunicação. Em sentido estrito, a evidência de que as práticas socioculturais ditas comunicacionais ou midiáticas vêm se instituindo como um campo de ação social correspondente a uma nova forma de vida, que propomos chamar de bios midiático. (SODRÉ, 2001, p. 72)

Convido novamente Ferreira J. (2006), quando adverte que o campo das mídias não é o campo da comunicação, vejamos como ele explica sua comparação:

O campo das mídias, bem entendido, não é o “campo da comunicação”. Todos os campos sociais (os grandes mercados, e os específicos configurados por instituições especializadas) funcionam em processos de interações entre os pares, com objetos sociais que constroem, e ingressam na produção social de sentido, através de práticas, ações concretas e discursivas (através de infinitos dispositivos de comunicação tais como ofícios, cartas, memorandos, normas técnicas, bulas, receitas, etc.), visando diversas modalidades de públicos, e recorrem aos dispositivos de comunicação (na perspectiva da economia do tempo, do poder, da imagem, etc.). Os dispositivos colocam em gênese – uma infância – o que será o midiático na modernidade. (FERREIRA J., 2006)

2.4 Ritual, teatro e espetáculo religioso

2.4.1 O Ritual

Acompanhei vários cultos na Igreja Universal do Reino de Deus, concentrando-me para poder discernir o que se passa lá dentro, se era um culto com ritual direcionado para o

espetáculo ou um ritual religioso. Recorro a vários autores para conceituar o que é ritual e também espetáculo. Da Matta (1979), ao examinar o rito, acha que a convivência social e suas forças são os movedores da realização dos ritos:

Os ritos são “momentos especiais de convivência social”, e devem ser analisados no contexto mais amplo no qual são praticados. Isso porque, a dramatização é um processo de visibilização de poderosas forças sociais que se fazem presentes também no templo-teatro. Ali, as forças se cristalizam, enquanto promovem o drama, exteriorizando-se assim crenças e pressupostos até então invisíveis. (DA MATTA, 1979, p. 34)

Neste instante vejo a necessidade de aprofundar na etimologia da palavra, recorri assim ao Dicionário Aurélio para examinar a origem e seus significados.

Rito. [do latim *ritu.*] S. M. 1. As regras e cerimônias que se devem observar na prática de uma religião: o rito romano da igreja católica. 2. Culta, seita; religião. 3. Qualquer cerimônia de caráter sacro ou simbólico que segue preceitos estabelecidos: ritos mágicos, fúnebres. 4. Sistema de organizações maçônicas. 5. As normas do ritual.

Ritual. [Do Latim *rituale.*] Adj. 2 g. 1. Referente a ritos. 2. Culto. 3. liturgia. 4. Livro que contém os ritos de uma religião. 5. Conjunto de práticas consagradas pelo uso e/ou por normas, e que se deve observar de forma invariável em ocasiões determinadas; cerimonial.

Partindo para os conceitos Huizinga⁵ (p.18) diz que o ritual é a participação no próprio sagrado: “O ritual produz um efeito que, mais do que figuramente mostrado, é realmente reproduzido na ação. Portanto, a função do rito está longe de ser simplesmente imitativa, leva a uma verdadeira participação no próprio ato sagrado”.

⁵ HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura.** Ed. Perspectiva - SP

Mas na página seguinte este mesmo autor se refere ao culto afirmando que: “O culto é, portanto, um espetáculo, uma representação dramática, uma configuração imaginária de uma realidade desejada”.

Canclini (1998) vê nos rituais uma forma de relações sociais para dar continuidade, para perpetuar-se, mas salienta que podem ser usados para transgressões:

Os rituais podem ser também movimentos em direção a uma ordem diferente, que a sociedade ainda rejeita ou proscreeve. Há rituais para confirmar as relações sociais e dar-lhe continuidade (as festas ligadas aos fenômenos “naturais”: nascimentos, casamento, morte), e existem outros destinados a efetuar em cenários simbólicos, ocasionais, transgressões impraticáveis de forma real ou permanente. (1998, p. 45)

Canclini (1998) em seus estudos antropológicos cita Bourdieu (1980) sobre os *kabyla*, ao examinar o rito como forma de reprodução do grupo:

Muitos ritos não têm por função unicamente estabelecer as maneiras corretas de atuação e, portanto separar o permitido do proibido, mas também incorporar certas transgressões limitando-as. O rito, “ato cultural por excelência”, que tenta por ordem no mundo, fixa em que condições são lícitas “transgressões necessárias e inevitáveis dos limites”. As transformações históricas que ameaçam a ordem natural e social geram oposições, conflitos, que podem dissolver uma comunidade. O rito é capaz de operar, então, não como simples reação conservadora e autoritária em defesa da antiga ordem, mas como movimento através do qual a sociedade controla o risco de mudança. As ações rituais básicas são de fato, transgressões denegadas. O rito deve resolver mediante uma operação socialmente aprovada e coletivamente assumida, “a contradição que se estabelecer” ao construir “como separados e antagonistas princípios que devem ser reunidos para assegurar a reprodução do grupo”. (1998, p. 46)

Campos (1999) detalha sua interpretação em relação ao rito como uma ação simbólica e geradora de sentido através da repetição:

O rito é uma grande ação simbólica, em que os grupos ou indivíduos revivem experiências fundamentais, geradoras de sentido e de certeza para a vida presente. Porém trata-se de uma atividade repetitiva. A nós interessa o rito como repetição de algo feito anteriormente pelos deuses ou ações a serem empreendidas a mando deles, para se conseguirem certos resultados, inclusive o de penetrar em espaços e tempos dominados pelo sagrado invisível.

Os ritos religiosos têm funções semelhantes a do texto numa ação dramática, porque ela liga as partes e dota o caos da vida cotidiana de um sentido que a transcende. Por isso, o rito não é apenas um produto de solidariedade social, mas também um centro produtor de significado e de certezas. Um conjunto de ritos forma o ritual, e no caso dos ritos religiosos, há a liturgia que prescreve as maneiras pelas quais os fiéis se articulam entre si, quando em situação de relacionamento com o sagrado. Os gestos, palavras e, às vezes, a música entra na composição do rito. Porém, nem sempre a interação entre essas partes é pacífica. Na liturgia dos protestantes históricos, mais os de tradição calvinista ou luterana, por exemplo, há uma supervalorização das palavras sobre os demais elementos, enquanto no pentecostalismo, em especial na sua vertente neopentecostal, a palavra falada é, muitas vezes, devorada pelos gestos e música. Na IURD, de uma reunião de 90 minutos, não mais do que dez minutos são dedicados ao sermão. O restante do tempo é dedicado ao cântico, às orações, levantamento de coletas, realizações de rituais de cura e de exorcismo. (CAMPOS, 1999, p.139-141)

Gomes (03/2002 – 02/2004), também trata do assunto onde adverte sobre as influências sociais através do ritual no tele-evangelismo: “Fundamental é esclarecer que, como ritual, o tele-evangelismo põe seus seguidores como agentes ativos podendo, de certa forma, influenciar nas circunstâncias sociais, e não ser simplesmente determinados por elas”.

No capítulo abordado por ele, Gomes cita Alexander (2002) em relação ao ritual televisivo com a realidade social do telespectador. Para Alexander:

O ritual televisivo gera uma nova configuração comunitária como uma importante relação social entre os ministros e os seguidores. Os pentecostais, evangélicos e fundamentalistas têm em comum as pregações eletrônicas da televisão como forma de estabelecer significativa parcela de atuação em níveis além do regional.

2.4.2 Teatro e Espetáculo

Recorro novamente ao Dicionário Aurélio para averiguar os significados destas duas palavras, teatro e espetáculo, percebendo assim suas imbricações, pensando em suas relações como os cultos na Igreja Universal.

Teatro. [Do grego *theátron*, “lugar aonde se vai para ver”, pelo latim *theatru*.] S.M. 1. Edifício onde se representam obras dramáticas, óperas, etc. 2. A arte de representar; o palco.

3. Coleção das obras dramáticas de um autor, época ou nação. 4. Lugar onde se passa algum acontecimento memorável; palco.

Teatral. [Do latim *theatrale*.] Adj. 2 g. 1. Relativo ao, ou próprio do teatro, da arte teatral. 2. Que busca produzir efeito no espectador. 3. Fig. Ostentoso, espetaculoso. V. carpintaria – convenção – e golpe-.

Teatralizar. [De teatral + *izar*.] V.t.d 1. Adaptar (um texto) à cena, ao teatro; tornar representável no teatro. 2. Dar feição teatral a; tornar teatral. 3. Fig. Tornar comovente, dramático, buscando angariar simpatia: Para conseguir o que pretendia teatralizou a sua situação.

Espetáculo. [Do latim *spectaculu*.] S.M. 1. Tudo o que chama a atenção, atrai e prende o olhar. 2. Contemplação, vista. 3. Representação teatral, exibição de cinema, televisão, etc., ou qualquer demonstração pública de canto, dança, interpretação musical, etc.; função. 4. Cena ridícula e/ou escandalosa.

Um espetáculo. Pessoa ou coisa excepcionalmente bonita e/ou vistosa, que impressiona vivamente; um show.

As relações estreitas da religião com o teatro são expostas em várias abordagens de diversos autores a quem eu recorro para emergir nossas hipóteses. Valho-me novamente de Campos (1999), que ao relacionar teatro e religião propõe um rápido recuo do olhar para o passado.

Isso porque, foi naquele tempo, que diante de novas necessidades resultantes da vida em grupo, os seres humanos sofisticaram a comunicação e desenvolveram a capacidade de abstração, e de se colocarem no lugar de outros. Dessa forma, o processo de interação social atingiu a sua dimensão total envolvendo, além dos órgãos do sentido, a linguagem verbal, relegando gestos a uma posição secundária no processo de comunicação. (CAMPOS, 1999, p. 63)

Para gerar o espetáculo e prender a atenção do público frequentador a IURD apela para dois textos teatrais: o maniqueísmo⁶ e o embate com outras religiões, onde não há espaços para alternativas ou negociações como adverte Macedo (2004, p.58) “Ou a pessoa está endemoniada ou não está. Ou vive no Reino de Deus ou no de satanás. Não existe meio termo”.

Em relação ao combate sistemático às religiões de cunho afro-mediúnico e espiritismo kardecista que se prestam como estratégia sincrética e apropriação simbólica nos cultos iurdianos, Neto (2004) observa da seguinte maneira:

Os processos de afirmação de um determinado tipo de discurso religioso passam necessariamente pela desqualificação daquele que com ele compete, ou que se constitui numa ameaça a inteligibilidade de suas propostas. Porém, o que parece interessante é constatar que, ao mesmo tempo em que o discurso evangélico desqualifica discursos de outras religiões por ela definida como concorrentes — como é o caso da umbanda e do espiritismo, dentre outros — usa dos elementos simbólicos e discursivos destas práticas religiosas para prover a inteligibilidade de sua própria racionalidade, e dos seus fins.

Através destas estratégias, a Igreja Universal do Reino de Deus mantém em seus horários um enorme estoque de argumentos e discursos para preencher o seu tempo na mídia, assuntos estes que parecem não se esgotar nunca, gerando espetáculos.

Quando falamos da religião como espetáculo é esta capacidade de produção da IURD de tornar seus cultos atrativos agregando a eles recursos do teatro e de outras técnicas

⁶ Fonte: Doutrina Mani ou Manes (Séc. III), sobre a qual se criou uma seita religiosa que teve adeptos na Índia, China, África, Itália e sul da Espanha, e segundo a qual o universo foi criado e é dominado por dois princípios antagônicos e irreduzíveis: Deus ou o bem absoluto, e o mal absoluto ou o diabo. 2. Doutrina que se funda em princípios opostos, bem e mal.

espetaculares como shows, etc. Mas Filho (1968) não considera a religião como espetáculo, argumentando da seguinte forma:

A intenção do drama litúrgico é edificar. Sua finalidade é mostrar Deus na vida cotidiana, fixando na memória dos fiéis à história sagrada e a vida de Cristo. O padre é ator quando renova no altar o sacrifício da cruz e por outro lado o mais humilde ator de mistério é um pouco padre. A religião, assim, se junta ao teatro, mas a função do padre é salvar as almas e não distrair os ouvintes, pois a religião não conhece gratuidade na arte, por isto não podendo ser considerada como um espetáculo.

Ao contrário: o teatro é que foi auxiliar das idéias religiosas, nesse sentido os inovadores foram anticlericais, quando escolheram seus temas fora dos mistérios consagrados. O teatro latino originou-se dos ritos religiosos, de diversos elementos autóctones e se imitações do teatro helênico. Há uma aproximação bem visível entre as iniciações secretas e as primeiras tentativas de teatro.

O teatro na Idade Média pode ser classificado quanto ao seu caráter religioso ou profano, mas de qualquer modo o cristianismo é a base desse teatro, o ator atingindo até a liturgia.

Na França, o Drama religioso é a primeira manifestação do teatro. Torna-se inegável que a liturgia possui um caráter dramático e os promotores do culto não hesitaram em colocar o instinto teatral a serviço do Credo, a liturgia pondo carne em torno da religião pura. As genuflexões, as idas e vindas, os gestos rituais dos padres, bordados de ouro, os cantos invisíveis, as salmodias e os responsos, tudo constitui uma *mise-em-scène* sagrada e destinada a tocar o espírito pelos olhos e ouvidos. (1968, p. 48-49)

Mas o detalhamento arquitetural dos teatros e sua relação com os templos religiosos em Filho (1968), são bem especificados, para nós interessa, pois mais adiante vamos identificar fortes inspirações iurdianas na construção de suas igrejas buscadas nestas obras:

As casas de espetáculos na Grécia eram, a princípio, instalações provisórias de madeira, sendo o texto mais importante do que a moldura, mas com a decadência do drama houve, por assim dizer, uma necessidade maior de preocupação material, construindo-se teatros ao pé de uma colina onde se escavavam os degraus.

Deixando, por enquanto, de lado, o lugar onde tomavam assento os espectadores, vejamos os espaços destinados à representação. Havia um grande espaço nu, em círculo, de mais ou menos quatrocentos metros de superfície, onde o coro fazia evoluções e que se chamava orquestra. Os atores falavam de um estrado acima do coro chamado de *proskenion*, composto por quadros pintados: *pinakes*.

Uma orquestra de terra batida, uma escavação composta de simples degraus de madeira encravados no flanco da colina, uma alta e larga barraca de madeira a guisa de cena, tal era ainda no V século o aspecto que oferecia, sem as representações, o teatro ateniense.

Tal edifício, certamente, nada tinha de faustoso; era apenas uma moldura e a este título não visava atrair a atenção sobre si mesmo. Seu próprio caráter, como os do teatro da França no século XVII, era sua subordinação às obras que nele se representavam. Esse era o teatro dos grandes trágicos. Os enormes edifícios vieram depois: quando se deixou de fazer belas tragédias houve pressa em fazer belos

teatros. Como o de pedra na época de Licurgo. Tinha magníficos lugares de honra reservados aos sacerdotes de Dionísio: os degraus eram de pedra calcária e podiam receber dez mil pessoas; o chão da orquestra era de argila batida e o proscênio de madeira.

Sendo o teatro como um templo, com o seu caráter religioso, os padres tinham lugares reservados. O próprio deus Dionísio, como estátua, assistia à representação que tinha lugares apenas três vezes por ano ou por ocasião de certas festas, sendo as mais importantes às dionisiacas e urbanas. (1968, p. 32)

Continuo com Filho (1968) ao estudar os cenários devido à raridade de livros sobre o assunto, sendo este o mais completo sobre a origem do teatro:

Os cenários variavam segundo se tratasse de uma tragédia, uma comédia ou um drama satírico. No primeiro caso representavam um templo, um palácio, uma tenda, uma paisagem. O templo e o palácio eram divididos em certo número de partes por um pórtico com colunas. Os cenários montados sobre chassis, eram superpostos e podiam ser mudados á vista do público, pois não havia pano-de-boca. Nos teatros existiam máquinas para vários usos. A de voar, por exemplo, dela vindo a expressão deus ex-machina, porque o deus chegava pelos ares, envolvido por nuvens; os trovões eram produzidos por uma espécie de sereia; alçapões para deuses que vinham do inferno; degraus, escadas, praticáveis; e posteriormente até uma espécie de lanterna mágica que fazia os espectadores verem o outro extremo da cidade. (1968, p. 33)

Procurando relacionar espetáculo com a mídia, Sodré (2002), chama para seu comentário as possibilidades de se fazer espetáculo através da comunicatividade nas religiões sem a s mídias:

Não falta quem relativize o poder da mídia, lembrando que as Testemunhas de Jeová, sem rádio e televisão, figuravam entre as maiores igrejas evangélicas do país. Mas é preciso atentar para o fato de que o “midiático”, enquanto categoria particular da forma-espetáculo pode existir fora dos suportes tecnológicos, na medida em que coincida com o “mundo em si” separado da ação política imediata do homem e organizado pela abstração mágica do espetáculo ou da profecia. Ou seja, a comunicatividade em si mesma torna-se espetacular e fascinante. (2002, p. 69)

Bourdieu (1997, p.25), ao analisar a seleção e a construção do que é selecionado para gerar espetáculo em tevê diz: “O princípio de seleção é a busca do sensacional, do

espetacular. A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico”.

Devemos lembrar também que o teatro possibilita a catarse como efeitos psicológicos nos seus participantes, sejam eles fiéis ou platéia. Para me referenciar ao espetáculo religioso do ponto de vista psico-sociológico, valho-me de Cintra (1985). Este autor ao estudar as origens das religiões afro-brasileiras faz uma comparação entre elas e os pentecostais:

A aflição aos terreiros e às igrejas pentecostais (que têm com eles pontos de contato), explicam-se porque os rituais e as práticas religiosas (carismáticas) que aí ocorre proporcionam possibilidades para uma catarse das tensões contemporâneas e fuga das pressões sobre o indivíduo. Pode-se, então, dizer que os fenômenos de transe e de “possessão” exprimem, numa metáfora ritualizada, um protesto contra as convenções e as opressões. (CINTRA, 1985, p. 154)

Mas o que vem a ser a catarse? O que ela tem a ver com teatro e espetáculo? Seu autor, Aristóteles (1967) observa no teatro grego uma inestimável profundidade psicológica muito além da diversão que provocava a *katharsis* (é de origem médica e significava “ato de evacuação” ou de “descarga emocional”) na platéia, onde ele conceitua do seguinte modo:

A *katarsis* provoca no ser humano um efeito de purgação das suas paixões nocivas. A tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas, segundo as partes; ação apresentada não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores, e que, suscitando a compaixão e o terror, tem por efeito obter a purgação dessas emoções. (1967, p. 299)

2.5 Espaços, lugar e temporalidades

2.5.1 Espaços

O espaço é um elemento importante como formador de relações sociais, significados, sentido, tanto na geopolítica, nos mercados e nas religiões como forma de inserção no imaginário. Aparentemente não nos conscientizamos da sua importância no nosso cotidiano, mas toda a nossa trajetória diária e de vida permeia pelos espaços. Para dar conta dos conceitos inicio com Ferreira J. (2006) analisando a comunicação como uma dimensão sócio-antropológica, num olhar mais específico, ele tece a seguinte afirmativa:

Geneticamente, a comunicação é uma forma específica de interação social que responde às dimensões da produção de social de sentido de uma forma específica: a comunicação é rede de relações não objetivadas, na medida em que coloca em jogo a inserção de indivíduos e instituições no espaço social simbólico constituído como alteridade, o que significa compreender a comunicação como circulação, através das trocas incessantes de materiais significantes, onde esse espaço está em permanente construção (ou cultivo, como diz Vizer). Nesse sentido, a comunicação não constitui um campo social, mas sim uma micro-física. (FERREIRA J., 2006, p. 11)

Referindo-se aos espaços físicos em museus como foram de exclusão e inclusão social, se deduz o seguinte:

Em suma, a ritualidade do museu histórico de uma forma, a do museu de arte moderna de outra, ao sacralizar o espaço e os objetos e ao impor uma ordem de compreensão, organizam também às diferenças entre os grupos sociais: os que entram e os que ficam de fora; os que são capazes de entender a cerimônia e os que não podem chegar a atuar significativamente. (CANCLINI, 1998, p.46)

Ao analisar a mediação de significados através dos espaços considera estas perspectivas da seguinte maneira:

Mais porque a mediação rompe os limites do textual e oferece descrições da realidade, assim como da textualidade. É tanto vertical como horizontal, dependente dos constantes deslocamentos de significados através do espaço tridimensional e até mesmo quadridimensional. Os significados mediados movem-se entre textos certamente, e através do tempo. Mas também se movem através do espaço, e de espaços. (SILVERTONE, 2003, p. 36)

Num primeiro momento, examina a cidade grande em relação aos seus espaços como forma de sobrevivência:

Por isso a cidade grande é um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar. Nos tempos de hoje, a cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir. (SANTOS, 2002, p. 322)

Com um olhar mais específico, elabora-se a relação do sujeito com o espaço:

Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história. (SANTOS, 2002, p. 330)

Ao referir-se sobre a relação do homem com seu ambiente, Berger e Luckmann (1996) acham que tal fenômeno caracteriza-se pela abertura para o mundo:

O homem não somente conseguiu estabelecer-se na maior parte da superfície da terra, mas sua relação com o ambiente circunstante é em toda a parte muito imperfeitamente estruturada por sua própria constituição biológica. Esta última, sem dúvida, permite que o homem se empenhe em diferentes atividades. Mas o fato de continuar a viver uma existência nômade em um lugar e voltar-se para a agricultura

em outro lugar não pode ser explicado em termos de processos biológicos. Isto não significa, está claro, que não haja limitações biologicamente determinadas para as relações do homem com seu ambiente. Seu equipamento sensorial e motor específico da espécie impõem limitações evidentes à sua gama de possibilidades. A peculiaridade da constituição biológica do homem repousa antes em sua componente instintiva. (BERGER e LUCKMANN, 1996, p. 70)

Podemos concluir que o espaço assim se torna um dispositivo que faz ininterruptas mediações. Braga (1994) se refere aos quadros, territórios e meios aprofunda-se da seguinte maneira:

O quadro e o território interferem nos esquemas da vez de falar, nas durações da conversa, e nas explicações de abertura e encerramento. Interferem também no grau da conversa, e nas explicações de abertura e encerramento. Interferem também no grau de formalismo, nos objetivos e nos temas da conversa. No espaço de uma cultura, há tipos de trocas que acontecem em circunstâncias territoriais fora das quais os dispositivos não seriam nem mesmo reconhecido – de direito ou de fato. No que se refere à troca pedagógica “sala de aula”, considere-se a proposição de uma “pedagogia de mesa de bar”. Deste ponto de vista, pode-se dizer que de certa forma as conversações são “mediatizadas” pelo quadro que elas se dão ou no qual se desenrolam. Sob esta perspectiva, podemos considerar que o emprego de meios de comunicação é aparentado ao enquadramento em “territórios”. (BRAGA, 1994, p. 289 e 304)

Correia (2004), ao analisar o poder do jornalismo e a mediatização do espaço público faz referência à dimensão simbólica do espaço público, onde cita Habermas e Strydom para dialogar em seu artigo:

Num certo sentido, o espaço público se relacionou de forma incontornável com o aparecimento de media simbólicos, pelo que podemos encontrar uma relação complexa entre variáveis econômicas, culturais e comunicacionais que se interpenetram. (Habermas, 1984; Strydom, 1992:2.-3) Desde o papel das cartas e da imprensa até à recente explosão das novas tecnologias, muitas seriam os pretextos históricos para se encontrarem relações profundas entre diversas instâncias sociais e o agir dos media. Com o surgimento dos meios de comunicação social, tais como os entendem hoje, enquanto estruturas profissionalizadas de distribuição de mensagens, aquilo a que assistimos é à própria profissionalização da atividade mediadora que se instaura e consolida como uma dimensão constituinte e estruturante da sociabilidade.

Jameson (1995), quando se refere a um manifesto de estudo cultural em relação à arquitetura parte da premissa de que:

O modernismo clássico arquitetônico via a cidade industrial moderna como uma patologia que competia à arquitetura de alto nível superar: o grande edifício moderno devia começar a fazê-lo através de um ato radical de separação e disjunção do tecido dessa cidade doentia – as ruelas insalubres, malcheirosas, abafadas e saturadas de uma morta cidade medieval herdada, as favelas industriais de uma aglomeração moderna – o melhor seria eliminar totalmente essas ruas, abrir tudo aquilo ao sol e a fresco com um ato de destruição alegre, e erigir, em lugares anteriormente pesados pelos mais impenetráveis *miektkaserne* e pavimentação, alturas joviais erguidas do chão sobre pilotis que simbolizavam o desafio e a recusa ou fuga do velho mundo, a Europa antiga, o século XIX. (JAMESON, 1995, p. 184)

Analisando estado e sociedades, Clastres (1982) acaba deduzindo o seguinte sobre o espaço e o tempo:

O espaço e o tempo, tal área cultural ou tal período de nossa história propõem o espetáculo permanente da decadência e da degradação nas quais se engajam os grandes aparelhos estatais: o Estado pode desabafar multiplicar-se aqui em domínios feudais, dividir-se alhures em chefias locais, mas jamais é abolida a relação de poder, jamais é reabsorvida a divisão essencial da sociedade, jamais se realiza o retorno do momento pré-estatal. Irresistível, derrubado, mas não aniquilado, o poderio do estado acaba sempre por se reafirmar... (CLASTRES, 1982, p. 116)

Barbero (2003) em seu artigo *Razón técnica y razón política* examina os espaços e tempos não pensados, vejamos como se aprofunda no assunto:

Es com la des-integración del lazo social com lo que conectam la atomizada, y socialmente desagregada experiencia de lo político que procura la televisión. Pero em esa experiencia no hay únicamente repliegue sobre lo privado sino una profunda reconfiguración de las relaciones entre lo privado y lo público, la superposición de sus espacios y el emborronamiento de sus fronteras. Lo privado identifica la escena pública com lo que pasa em la televisión no son únicamente las inseguridades y violências de la calle sino la complicidad del sensorium que moviliza la televisión com el de la ciudad no lugar. Pues del pueblo que periódicamente se tomada la calle el público que semanalmente iba al teatro o al cine la transición conservaba el caracter coletivo de la experiencia, pero del público de cine a las audiências de televisión el desplazamiento señala una decisiva transformación: la pluralidad social sometida a la lógica de la desagregación radicaliza la experiencia de la abstracción políticamente no representable. La fragmentación de la ciudadanía es entonces tomada a cargo por el mercado que,

mediante el rating, se ofrece a la política como su mediador. (7, 8 e 9 de Abril, 2003)

Campos (1999) examina vários espaços. A meu juízo, penso que este seja um dos mais interessantes:

Essa tensão entre a sacralização e a dessacralização do espaço de culto se deve à existência de duas lógicas que insistem uma na desterritorialização do sagrado, outra na sacramentalização do lugar, onde o Espírito santo se manifesta. A lógica racionalizadora encara o lugar do culto como um espaço qualquer, onde se misturam livraria, cantina e espaço de adoração. A outra lógica expressa aquela mentalidade, que considera um lugar purificado tanto o terreno quanto as construções, tomando-se como modelo o relato bíblico de Moisés, que segundo a Bíblia, ao se encontrar com o Deus-Javé precisou tirar as sandálias dos pés, porque “estava pisando terra santa”. Talvez estas tensões, também existentes no pentecostalismo, sejam sobrevivências da uma prática católico-romana de sacralização do espaço. (CAMPOS, 1999, p. 120)

Para rematar minhas buscas temporárias com relação ao espaço, finalizo com Kant⁷(1974), este filósofo trabalha aqui a estética designando uma importante parte da teoria do conhecimento, que trata das formas pura da intuição, o espaço e o tempo. Examinamos assim suas afirmações:

O espaço não pode ser percebido empiricamente porque o simples ato de situarmos alguma coisa "fora" de nós já pressupõe a representação do espaço. O espaço não é, portanto uma propriedade das coisas, mas uma forma sobreposta às coisas pela minha intuição delas. (...) que por fim, a estética transcendental não pode contar nada mais nada menos do que esses dois elementos, a saber, espaço e tempo, se esclarecem pelo fato de que todos os outros conceitos pertencentes à sensibilidade, mesmo o de movimento, que une as duas partes, pressupõem algo de empírico. (1974, p. 86)

⁷ KANT, I. *Crítica da Razão Pura* (Trad. Valério Rohden e Udo Moosbrugger) in: Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural

2.5.2 Lugar e Temporalidades

A IURD propõe através do lugar, satisfazer carências via consumo, mesmo que seja no imaginário, no espaço midiático e informacional. Santos (2002) analisa estas possibilidades apresentadas pelo mundo e percebidas no lugar.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2002, p.322)

Para falar de espaços e a inserção da IURD dentro das cidades, sua vocação urbana de ser religião, que se autonomiza ao escolher estrategicamente os seus lugares, convoco Santos (2002) para elucidar a questão:

Este fenômeno é tanto mais significativo porque em nossos dias a cultura popular deixa de ser cantonada numa geografia restritiva e encontra um palco multitudinário, graças às grandes arenas, como os enormes estádios e as vastas casas de espetáculo e de diversão e graças aos efeitos ubiqüitários trazidos por uma aparelhagem tecnocrônica multiplicadora. Sob certos aspectos, a cultura popular assume uma revanche sobre a cultura de massas, constitucionalmente destinada a sufocá-la. Cria-se uma cultura popular de massa, alimentada com crítica espontânea de um cotidiano repetitivo e, também não raro, com a pregação de mudanças, mesmo que esse discurso não venha com uma proposta sistematizada. (SANTOS, 2002, p. 320)

Em relação à temporalidade recorri a Barbero (1997), que em seu texto ao se referir ao tempo do ritual e da rotina que a televisão inscreve no cotidiano diz que:

O tempo com que organiza sua programação contém a forma da rentabilidade e do palimpsesto, um emaranhado de gêneros. Cada programa, ou melhor, cada texto televisivo remete seu sentido ao cruzamento de gêneros e tempos. Enquanto gênero

pertence a uma família de textos que se replicam e reenviam uns aos outros nos diferentes horários do dia e da semana. Enquanto tempo “ocupado”, cada texto remete à seqüência horária daquilo que o antecede e daquilo que o segue, ou àquilo que aparece no palimpsesto nos outros dias, no mesmo horário. (BARBERO, 1997, p. 296)

2.6 *Hibridismos e sincretismos midiáticos na iurd*

José Luiz Braga, em minha banca de qualificação, chamou a atenção para o sincretismo midiático, onde a mídia, segundo ele, é o grande sincretizador. Ela mistura tudo, pega as coisas e põe tudo junto. Através do midiático se observa sincretismos e hibridismos na própria mídia, arquitetura, rituais, cultos, músicas, etc. Porém é tentador e perigoso resvalar em assuntos estritamente religiosos como antropologia, filosofia e sociologia religiosas, não pertencentes ao foco desta pesquisa. Devemos deslocar o assunto para o sincretismo social midiático e o cultural. Nesta perspectiva, podemos observar que a IURD

faz uma apropriação simbólica de elementos diversos das várias matrizes religiosas do catolicismo, candomblé, umbanda, espiritismo kardecista, misturando todos estes componentes com o neo-pentecostalismo de origem protestante, atravessando diversas culturas numa tentativa de situar-se, criar um conceito, uma existência, que é difundida através da mídia, assim ela pega vários sintagmas sociais e tenta compor sua própria identidade. Dentro desta minha hipótese dialogo com estes autores para me ajudar a entender e justificar as suspeitas:

Mais identificado com os conceitos de sincretismo, Canevacci (1996) busca a origem da palavra e logo após conceitua-a:

A própria origem da palavra que mesmo em suas seqüências fonéticas é “timbricamente” sedutora e deixa algo de enigmático e de alusivo – é singular. Dizia-se, de fato, que os cretenses, sempre dispostos a uma briga entre si, se aliavam quando um inimigo externo aparecia, Sin-cretismo = união dos cretenses. Um conceito defensivo, portanto, que ultrapassa a fragmentação política interna, específico dos gregos em geral, para não perder a liberdade e derrotar um inimigo externo bem pior que o amigo-inimigo interno. Essa determinação de unir grupos conflitais, essa busca por alianças entre diversas “partes” da própria Creta, serviu para a posterior migração do conceito: da política à religião. As tentativas sincréticas referiam-se às possíveis alianças momentâneas entre diferentes interpretações da religião cristã em risco de heresia, sem excessivas preocupações quanto às coerências dogmáticas. Assumimos aqui o sincretismo como termo-chave para a compreensão da transformação que está se dando naquele processo de globalização e localização que envolve, transforma e arrasta os modos tradicionais de produção de cultura, consumo, comunicação. O sincretismo é um conceito que lhe pertence e que há tempo ela está remodelando, ainda que na incapacidade dele próprio se “regular” ou de ser “regulado”. (CANEVACCI, 1996 p.15)

No mesmo sentido, encontramos o conceito de hibridismo, muito discutido nos últimos anos motivado pelos estudos sobre a pós-modernidade e sobre a cultura latino-americana. Um dos principais teóricos que utilizou a noção de hibridismo nos estudos culturais latino-americanos foi Canclini (1989). Ele prefere usar o termo hibridação e justifica:

Serão mencionados ocasionalmente os termos sincretismos, mestiçagem e outros empregados para designar processos de hibridação. Prefiro este último porque

abrange diversas mesclas interculturais – não apenas as raciais, às quais costuma limitar-se o termo “mestiçagem” – e porque permite incluir as formas modernas de hibridação melhor do que “sincretismo”, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais. Sua idéia central é a América Latina como uma articulação mais complexa de tradições e modernidades (diversas, desiguais), um continente heterogêneo formado por países onde, em cada um, coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento. (CANCLINI, 1989, p. 28)

Podemos então afirmar que a IURD é uma igreja contaminada por diversos produtos culturais, todos híbridos e sincréticos, causando assim como classifica Canevacci (1996, p. 38): “Uma desordem sincrética. Uma política mestizizada nas linguagens e nas tecnologias é uma dialética sincrética”.

Possuímos então argumentos para afirmar que a IURD pretende através dos sincretismos e hibridações construir uma nova identidade religiosa, numa forte tentativa de ter um status de religião portadora do novo, expressando o que encontramos em Hall (2002, p.92) “...fortes tentativas para se reconstruírem identidades purificadas, para se restaurar a coesão, o fechamento e a tradição, frente ao hibridismo e à diversidade”.

Essa restauração aparece como invenção da tradição, que a IURD não possui. Como afirmam Hobsbawm e Ranger citados por Hall:

Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recentes e algumas vezes inventadas. Tradição inventada significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado. (HOBSBAWM E RANGER, apud HALL, 2002, p. 54)

2.7 Metodologia

Depois de tempos amadurecendo uma forma de ligar a IURD aos processos midiáticos e resolver os problemas de pesquisa, faltava ainda a eureka; como chegar a um método para verificar os experimentos do campo. Katz (1974) ao se referir a esta problemática faz o seguinte comentário:

Todavia, não é comum tão simples seqüência planejar um experimento de campo, porque o cientista social não tem livre acesso ao mundo inteiro, com se este fora seu laboratório, nem a possibilidade de executar a maioria das manipulações experimentais que poderia conceder. Assim deve proceder algo conforme as oportunidades que se lhe oferecem. É freqüente encontrar primeiro uma oportunidade de fazer pesquisa em algum ambiente específico, surgindo ulteriormente à escolha do problema e do método. (KATZ, 1974, p. 98)

Ao apresentar a minha pesquisa através de algumas fotografias em *slides* ao grupo de estudos sobre dispositivos, surgiu então a forma de como eu iria observar e teorizar minhas hipóteses e *insights*, através da comparação fotográfica entre a IURD, Catedral Metropolitana e Shopping Praia de Belas. Como bem observou Ferreira. J e Eduardo Vizer presentes no encontro, minhas habilidades e facilidades cognitivas se encontram na capacidade de interpretar as imagens. Foi uma maneira de enfrentar o desconhecido da forma mais comum para mim, sendo da área publicitária gráfica e fotográfica, tornou-se uma forma muito prazerosa de aprender e pesquisar. Através da comparação fotográfica os caminhos e oportunidades de pesquisa se multiplicaram, como não sou eu o pioneiro neste método, encontrei em um artigo de Sabóia (2003) sobre a análise fotográfica de Margaret Mead e Gregory Bateson na possibilidade de leitura e releitura das diversas pranchas apresentadas pelos autores⁸ justificando esta metodologia:

⁸ A obra foi publicada em Dezembro de 1942, pela The New York Academy of Sciences, em comemoração ao centésimo, vigésimo quinto aniversário da instituição.

O leitor é conduzido sem querer a reflexões segundo seus diferentes patamares de experiência da vida ou seus conhecimentos científicos. Embora isso aconteça, também, com as leituras de um modo geral, a interação do texto escrito com as fotos torna essas experiências muito mais dinâmicas. (SABÓIA, 2003)

Inicialmente, para minha melhor compreensão da dinâmica ritualística e obtenção de subsídios da Igreja Universal do Reino de Deus, freqüentei todas as correntes⁹. Penso que entrar em contato com ela me trouxe bastante experiência ao fazer uma pré-análise do objeto e um reconhecimento ao campo e ao objeto estudado. Depois retornei ao campo novamente para observar como se dava a produção. Esta visita foi específica e concentrada em uma corrente, a sessão do Descarrego. Ela foi escolhida por ser a mais sincrética e que mais expõe referências às práticas e técnicas de consumo.

Nas visitas, falei com diversos fiéis, entrevistei-os, tirei assim muitas dúvidas encontrando respostas de algumas hipóteses. Coletei livros, jornais, e revistas, assisti a muitos programas televisivos escutei a programação do rádio, além de acessar várias vezes o site da Universal.

Grande parte das observações se referem a caracterização do dispositivo midiático da IURD.

Num segundo momento, após esse mergulho e entrar em contato bem próximo com o objeto, me voltei para as leituras teóricas e de autores que então me serviram de referencial por se aproximarem e identificarem com meu tema como Antônio Fausto Neto, Pedro Gomes, Nestor Garcia Canclini, Jesús Martin-Barbero, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, etc.

Num determinado momento, acabei optando por analisar especificamente o Programa Ponto de Luz, abandonamos está intenção quando apareceram as fotografias, abrindo assim outras perspectivas de análises, ampliando a nossa amostra:

⁹ Correntes é a forma como a IURD distribui os cultos religiosos, distribuídas nos dias da semana, sendo cada dia possui seu culto específico, Ex. Sessão do Descarrego. 3ª feira, Vigília dos 318 pastores 4ª feira. Os cultos e o dia é padrão no Brasil inteiro.

Uma amostra é função de certo modo da problemática colocada. Ela não é necessariamente um cálculo estatístico. Ela pode ser qualitativamente escolhida. De qualquer modo, a sua magnitude ou diversificação está relacionada com o campo da realidade empírica que se deseja investigar. (MARRE, 1991)

2.7.1 Os Procedimentos para Coleta de Dados Específicos da Pesquisa Exploratória

Para fazer a análise dos enunciados adotei os seguintes procedimentos de coleta de dados:

2.7.1.1 Televisão

1. Gravação de cinco programas televisivos Ponto de Luz em fitas VHS. Optei por gravar esta quantidade para poder ter um acompanhamento semanal onde estão sendo divulgadas as correntes, serviram para análise mais abrangente durante o trabalho.
2. Transcrição e digitação de dois programas, dando preferência para o de segunda-feira e o de terça-feira, procurando manter-me fiel aos termos e gírias dos participantes.
3. Assisti sempre que podia todos os programas Ponto de Luz e outros programas religiosos transmitidos pela TV, da IURD e de outras denominações.

2.7.1.2 Pesquisa documental

1. Foi feita pesquisa documental em livros, jornais, sites e revistas pertinentes ao tema.
(ver anexa bibliografia)
2. Coleta do material em campo tais como: envelopes de dízimo, de ofertas, documentos, folder e panfletos.

2.7.1.3 Fotografias

1. Foram feitas fotografias da Igreja Universal do Reino de Deus durante o dia e a noite, mas somente da parte externa, no interior não é permitido o registro fotográfico e a pesquisa explícita.
2. Para solucionar este problema, recorri às fotos de jornais e internet citando seus autores e fontes.
3. As fotografias tiradas na Catedral Metropolitana tanto nas partes externas como interna lá o registro de fotos é liberado, exceto no horário da missa.
4. No Shopping Praia de Belas também foi usado o mesmo critério, fotos do ambiente interno e externo foram autorizadas para tirar fotografias no interior, mas com uma ressalva, não poderia focalizar marcas de uma única loja, a justificativa da segurança é por causa de espionagem industrial e comercial.
5. Outras fotografias foram obtidas para ajudar na elaboração deste trabalho como: igrejas concorrentes (nas cidades Porto Alegre, Cachoeirinha e Gravataí), Igrejas Católicas no centro da capital, escola e museu.
6. Após o registro, revelação e escolhas das fotos elas foram digitalizadas através de scanner para serem classificadas de acordo com as análises em questão.
7. Será encartado um álbum com as fotos numeradas para consulta nas descrições.

Neste trabalho foram feitos vários mapas, organogramas e imagens *print-screen* para favorecer a explicação mais detalhada dos assuntos relacionados na pesquisa e separados em grupos:

1. Acoplamentos
2. Tecnologias

3. Espaço externo
4. Espaço interno.
5. Cronograma genealógico Neo-Pentecostal.
6. Mapa do site das Igrejas Universal.
7. Capa dos sites da IURD e suas concorrentes.

2.7.2 Pesquisa Bibliográfica

Na bibliografia usei diversos autores que separei por assunto, entre eles: sociologia, antropologia, antropologia da religião, religião, mídia e religião, semiótica, filosofia, lingüística, antropologia do imaginário, comunicação social, discurso, mitologia, televisão, dispositivos, artigos sobre comunicação, dissertação sobre tele evangelismo.

Pode ser que os enunciados pesquisados existam em outras obras do mesmo assunto, ou tenham passado despercebidos, mas dentro de meus critérios houve um esforço grande para não sonegá-los. (bíblias, revistas e livros, identificados nas referências bibliográficas).

2.7.3 Procedimentos de Análise

No que se refere aos dados coletados nos procedimentos de análise seguimos a estrutura do processo de teorização de Miguélez (2004): categorização, estruturação, contrastação e teorização já citados acima. Este foi o meio para atingirmos nossas metas e resultados, através de uma dialética assim discriminada:

Como ya hemos senãlado, la categorización, el análisis y la interpretación de los contenidos no son actividades mentales separables. Nuestra mente salta velozmente de uno a outro proceso tratando de hablarle um sentido a las cosas que examina; se

adelanta y vuelve atrás con gran agilidad para ubicar a cada elemento em um contexto y para modificar esse contexto o fondo de acuerdo com el sentido que va encontrando em los elementos. (MIGUÉLEZ, 2004)

No livro *Ofício de Sociólogo*, ao tratar da pedagogia e metodologia da pesquisa, Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004, p. 60), encontramos afirmação semelhante em relação à teorização do objeto: “Até mesmo as operações mais elementares e, na aparência, as mais automáticas do tratamento da informação implicam escolhas epistemológicas e mesmo uma teoria do objeto”.

3 Espaços, tecnologias e disposições dos templos

Nesta etapa da pesquisa, abordaremos a descrição física dos templos da IURD, no que se refere aos espaços e suas localizações, suas fachadas e interiores.

2.8 Localização e acessos

2.8.1 Igreja Universal do Reino de Deus

Observando como a IURD situa-se e coloca seu dispositivo físico para os acessos na Cidade de Porto Alegre, Capital do Estado do Rio Grande do Sul, seria ingênuo afirmar que ela estaria ali por força das circunstâncias. Percebemos um planejamento estratégico para facilitar os acessos e toda a sua infra-estrutura para a melhor comodidade do fiel, um melhor acesso ao consumo dos bens simbólicos religiosos. Plantada de frente à rodoviária, (foto 3) ela está ali na “boca da cidade”, por onde passam quase todos os ônibus de acesso ao centro, táxis, lotações, além dos oriundos das cidades vizinhas e de todo o Estado, todos os pontos de convergência se direcionam à ela. Podemos ainda acessá-la por meio do metrô e seus túneis que entregam os fiéis na porta da igreja, (Fotos 6, 7 e 8) na Av. da Conceição ou Avenida Júlio de Castilhos, 607, endereço este que é sempre divulgado no programa Ponto de Luz, através de letreiros e palavras, veemente convidados para visitar. Com o endereço bem reforçado nas suas fáceis referências para a população, dispondo assim os acessos rodoviários, metrô, avenidas, ruas, passarelas que facilitam a chegada ao templo. (Fotos 4, 5 e 72)

São locais ainda marginalizados, pontos da cidade que convivem no mesmo espaço e ruas, casas de prostituição, cinemas pornôs, estacionamentos (Fotos 9, 10, 11, 16, 85), tudo junto à concorrência religiosa. A IURD oferece ainda um amplo estacionamento grátis nos fundos da igreja, que permite ao fiel entrar e sair gratuitamente pela Rua Comendador M. Pereira, e adentrar na catedral ao lado do altar sem correr riscos ou estar sob intempéries (planta 06, p.26) com capacidade para abrigar 400 carros, (Foto 26). Na Igreja Universal da Azenha, o estacionamento faz parte da arquitetura da Igreja, situa-se embaixo do templo, com entrada pelo lado direito (foto 27) e a saída pelo lado esquerdo (foto 28), facilitando o fluxo dos veículos. Mas o estacionamento não é uma preocupação somente da IURD, a sua concorrente, Igreja Mundial do Poder de Deus, disponibiliza estacionamento grátis anunciado em um cavalete na calçada, através de convênio com uma garagem particular (foto 29). A Igreja Pentecostal Deus é Amor, também possui seu próprio estacionamento ao lado (foto 15), além da possibilidade dos fiéis deixarem seus carros em estacionamentos particulares que se concentram ao redor da mesma. Na grande Porto Alegre, não foi difícil achar templos iurdianos, eles encontram-se nas principais avenidas de acesso. Em Cachoeirinha, na Avenida General Flores da Cunha (foto 93) e em Gravataí na Av. Dorival C. de Oliveira (foto 90), com imenso tráfego, estão ali dispostas com boas possibilidades de estacionamento. Não afirmo aqui a inexistência de estacionamentos nos templos católicos, mas me refiro à intenção da IURD de incluí-los no conjunto arquitetônico, dentro do espaço templário favorecendo conforto ao fiel.

A Catedral Metropolitana de Porto Alegre está situada no centro de Porto Alegre, em um local topograficamente privilegiado, alto, entre os edifícios dos tempos atuais. Podemos observar sua cúpula e torres através de algumas brechas (foto39) ou visitando a Praça Marechal Deodoro (foto 44), um ponto turístico da capital gaúcha. Nesta praça, a Igreja Matriz Católica marca seu espaço em forma de cruz, na própria construção, como mostra a

ilustração da (planta 01, p. 22), marca também sua presença diante dos órgãos de poder e cultura do Estado, vizinhando com o Palácio Piratini (foto 41), museus, Palácio Farroupilha, sede da Assembléia Legislativa do Estado (foto 38), Teatro São Pedro (foto 42), Palácio da Justiça (foto 43), Ministério Público (foto 40), sede estadual de partido político (foto 40), e secretaria de Estado da Cultura (foto 40). O acesso à igreja é mais restrito, dispõe de poucas ruas e conta com as impossibilidades e restrições de ruas mais estreitas e complicadas. O estacionamento é público e pago, ao redor da praça, dependendo muito da sorte para achar uma vaga.

Shopping Praia de Belas

Situado ao lado de um enorme parque de lazer, o Marinha do Brasil, este prédio de aparência quadrada parece maior, com acessos pelas Avenidas Borges de Medeiros, Ipiranga e Praia de Belas (planta 12, p.19), está entre a saída do centro e corredor de acesso à zona sul da capital, um local concentrado com muitas mansões e uma parcela da elite econômica da capital. O shopping também possui seu estacionamento inserido na arquitetura do prédio (foto 25), são quatro acessos com entrada e saída pelas Avenidas Praia de Belas e Borges de Medeiros. O estacionamento pode até ser grátis, dependendo do valor gasto em compras pelo visitante. O que distingue este estacionamento é o critério do conforto; o consumidor não se expõe às intempéries, não caminha, desembarca no local. A segurança do consumidor também está em jogo, livre de assaltos ou admoestações dos “flanelinhas”.

2.8.2 As Fachadas

2.8.3 A Fachada da Catedral da Fé (IURD)

Para melhor entender minhas hipóteses de análise fui também buscar nas fachadas, elementos que possam gerar pistas. A fachada da IURD é toda com vidro temperado espelhado na cor bronze. No meio da fachada uma cruz de metal de cor marrom, sem o cristo morto, bem no topo delta o logotipo da Universal, símbolos globalmente convencionados, uma pomba branca centralizada no coração vermelho, abaixo a frase “Jesus Cristo é o Senhor”. A pomba branca neste caso é o símbolo do Espírito Santo, mas em outros casos poderia simbolizar a paz, a fidelidade na união conjugal. O coração, neste caso, é um sintagma do amor, indicia o amor universal de Cristo. A Igreja Universal modificou as fontes do seu logotipo, antes era o estilo gótico, agora foram trocados pela fonte *flareserif* 821 LtBT, mais fácil para a leitura e reprodução, limpo, sem vínculos ao gótico alemão de raízes luteranas (Foto 66). Abaixo a inscrição “Igreja Universal do Reino de Deus” na fonte *arial bold*, sem serifas. (foto 5). A cruz divide três meias colunas estilo dóricas, para cada lado. A opção de usar colunas na IURD é ornamental, estética, nesta fachada da Catedral da Fé ela não sustenta nada, já na Catedral da Azenha ela cumpre uma função de sustentação do pórtico de entrada, além das mais colunas não são usadas somente por instituições religiosas, podemos encontrá-las também em colégios ou museus (Fotos 18 e 19). Na parte de baixo da Igreja encontramos três portas de vidro fume preto que estão sempre abertas. A IURD abre as suas portas pela manhã bem cedo e só fecha em torno das onze horas da noite, na ponta da direita existe outra porta para o acesso ao estúdio, todas elas sob uma marquise iluminada (Foto 31).

Ao lado da Catedral da Fé existe, em anexo, um prédio. No térreo existem três vitrines, pois é ali que se situa a livraria e loja. Nos outros andares estão auditórios e salas para os projetos sociais, evangelização, grupo de jovens, um local para os pais deixarem as crianças na hora do culto, etc., mas além destas finalidades serve também para fixar as antenas de transmissão e recebimento de imagens (Foto 2, 3 e 31). No lado que dá para a Avenida Conceição, de frente para a rodoviária estadual, estão o slogan “Jesus Cristo é o Senhor”, e “Igreja Universal do reino de Deus (Foto 6).

Durante a noite é usado dispositivo moderno de exposição desses símbolos através de luzes, o prédio é iluminado com luz neon de baixo para cima.

“O neon aparece pela primeira vez nos EUA em 1923. Por ser iluminado e flexível, o neon causou grande interesse, porque poderia criar silhuetas, letras, figuras num leque de combinações de cores infinitas. George Claude, além de inventor, possuía o monopólio de fabricação dos tubos de neon. Nessa época, a propaganda dizia: "a última e mais artística forma de iluminação em propaganda luminosa".

O neon foi chamado de "A CHAMA VIVA". Era a tecnologia produzindo arte; sua elegância e refinamento vieram determinar o que era atual e de bom gosto.

O primeiro painel luminoso aparece anunciando a marca "Packard" em Los Angeles, no ano de 1923. A novidade foi tamanha, que causou fama à marca e um congestionamento que, naquela época, era fantástico devido ao número de veículos que paravam para apreciar. Este painel permaneceu inalterado até o ano de 1974.

A Chama Viva, o neon, continua sendo preferida nas fachadas dos grandes estabelecimentos, pelo seu baixo consumo de energia, ampliando seu campo de ação como elemento decorativo em shows, lojas comerciais e residências. (Fotos 112, 113 e 114).

Os logotipos também possuem auto-iluminação, a cruz possui uma luz que surge detrás, só para ela. Todo este efeito das luzes chama a atenção de longe, destacando-a dentro

da cidade iluminada. (Fotos 31 e 32).

2.8.4 A Fachada da Catedral Metropolitana

A Catedral Metropolitana de Porto Alegre pertence à paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus, foi projetada pelo arquiteto romano João Batista Giovenale e a construção foi iniciada em sete de agosto de 1921 e concluída e inaugurada em 10 de agosto de 1986. Seu estilo arquitetônico é da primeira Renascença romana, conservando as antigas ordens e formas da arte greco-romana, com seu frontispício, colunas, capitéis e arcos. Seus pórticos de entrada são inspirados nas antigas construções incas no Peru, principalmente no Templo do Sol, de Lima.

A Catedral mede 80m de comprimento e 47m de largura nas absides laterais; as absides laterais; a cúpula, 65m de altura e 18m de diâmetro; as torres, 50m de altura e a fachada, 30m. O projeto dos mosaicos da fachada foi executado pela academia de Mosaicos do Vaticano, contando o material empregado com cerca de dez mil nuances de colorido, de vidro de Murano de Veneza. Inúmeras cores foram empregadas, destacando-se o azul cobalto, o azul turquesa e o marinho misturados com o dourado. No painel central, a imagem oferente da Mãe de Deus; à direita São Francisco de Assis e os três mártires riograndenses: Roque Gonzáles, Afonso Rodrigues e Juan Del Castilho. À esquerda, São Pedro, Padroeiro da Província do Rio Grande do Sul, S. Pio X criador da Arquidiocese, e Santa Tereza de Ávila com o forte, que leva o seu nome, numa das mãos. (Foto 21 e 110).

Nos painéis menores, acima das portas laterais, a Anunciação e a Crucificação. No tímpano, que ancora a fachada, o Pantocrator, - Cristo que julga e abençoa ladeado pelos Tetramorfos, que são símbolos dos quatro evangelistas. Todo o granito empregado na

construção e no piso foi extraído das pedreiras dos morros que circundam a cidade. As imagens dos Patriarcas, que se destacam no coroamento do corpo central e nas torres, medem três metros de altura. No interior das torres, seis sinos, um dos quais, com 3.800 quilos¹⁰.

A Catedral também possui várias colunas jônicas nas entradas, agora protegidas pelas grades de ferro, ficando apenas aberta diariamente, a entrada principal (Foto 79). Como fiz minha descida ao campo na época de Natal, observei que a Catedral montou um presépio no meio da praça, à noite ele fica todo iluminado (Foto 44).

Na Avenida Independência, está situada a Igreja Nossa Senhora da Conceição, (Foto 1), de estilo barroco, com suas duas torres típicas para o sino, instrumento sonoro que serve conforme seus números de batidas e intensidades de toques, para advertir os fiéis, dar as horas, comunicar os falecimentos, etc. (Foto 71). Ali pertinho da IURD, suas portas permanecem fechadas (Foto 16), com uma placa dizendo: Horário de missas. Segunda-feira a Sábado 18 h, Domingos 8 h – 18 h. (Foto 17).

As torres, além de facilitar a identificação e localização do templo, têm uma serventia que é a de alojar o sino com todos os seus mecanismos e engrenagens, possuem também uma acústica para a propagação do som, e elas podem ser simples ou bem ornamentadas como a torre da Igreja Santa Terezinha (Foto 96). À noite a catedral é iluminada por quatro holofotes localizados em postes na praça, clareando assim toda a sua fachada (Foto 33).

2.8.5 A Fachada do Shopping Praia de Belas

O Shopping tem uma fachada lisa, sem muitos ornamentos, possui colunas lisas, duas torres, uma delas para expor logotipos das lojas mais importantes que estão situadas no seu

¹⁰ Fonte: Folder da Catedral Metropolitana de Porto Alegre

interior. Acima notamos um delta arredondado de estrutura metálica e nos cantos a entrada e saída do estacionamento (Foto 23). Quem observa o shopping lateralmente pode ver no teto de vidro três torres envidraçadas (Foto 24 e 78).

A iluminação noturna externa do Shopping Praia de Belas é concentrada nas entradas, com muitos ornamentos e *neons*, anunciando de longe os logotipos das lojas conveniadas (Foto 30).

2.8.6 A Fachada da Concorrência Pentecostal

No outro lado da Rua Júlio de Castilhos 492, quase em frente a IURD, (Foto 9), vamos encontrar a principal concorrente hoje da IURD: a Igreja Internacional da Graça de Deus. Esta inscrição está na fachada com letreiros menores, chamando a atenção o seu enorme outdoor colorido inserido um pouco abaixo com o *slogan* “Show da Fé”, além da foto do missionário R. R. Soares (Foto 13). É uma fachada de um antigo cinema desativado. Quem passa desatento nem nota que é uma igreja. Durante a noite é iluminada por *spot* de lâmpadas alógenas (Foto 34). Ao redor da IURD encontraremos junto com a Graça de Deus, mais quatro igrejas pentecostais (mapa 15, p.21), das quais descrevo aqui suas fachadas. Por ser um forte concorrente iurdiano e apresentar especificidades peculiares, achei necessário inserir, em nota, a biografia da Igreja Internacional da Graça de Deus¹¹.

Em 02 de dezembro de 1984, Soares leva sua crença para o Horário Nobre da TV. Os custos altíssimos não o fazem desistir, até que em 03 de dezembro de 1997, pela primeira vez na televisão brasileira, ele anuncia Jesus em horário nobre pela rede CNT de Televisão.

¹¹ No dia 01 de novembro de 1977, iniciou-se pela rede Tupi de Televisão o ministério de evangelismo pela televisão brasileira, de Romildo Ribeiro Soares, que foi criado na pequena cidade de Muniz Freire, no Espírito Santo, em abril de 1964. Romildo Ribeiro Soares chegou ao Rio de Janeiro, no ano de 1968, começando sua vida religiosa. Desistiu do que antes fora o seu sonho, que era estudar Medicina. Em 1980, começa o ministério da Igreja Internacional da Graça de Deus, na Rua Lauro Neiva, no Município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Ali foi inaugurada a primeira Igreja Internacional da Graça de Deus.

No dia 26 de maio de 2002, começou a transmissão da Rede Internacional de Televisão, (RIT).

A RIT desenvolve inúmeros programas. Além da Rede Internacional de Televisão, a Igreja da Graça também tem alcançado milhares de fiéis por outros veículos de comunicação. A revista Graça e os livros publicados pela Graça Editorial têm atingido milhões de pessoas em todo o País. Desde que foi fundada em 1983, a Graça Editorial já publicou centenas de títulos, entre eles, Como Tomar Posse da Benção, do Missionário R. R. Soares, que ultrapassou a marca de dois milhões de exemplares.

As Rádios foram mais uma oportunidade para a divulgação do Evangelho. Pertence à Igreja a Rádio Relógio, de alcance nacional, e a Nossa Rádio FM, com estações no Rio (89,3), São Paulo (91,3) e Minas Gerais (97,3), que atingem os ouvintes por meio das músicas e mensagens de fé. Nesse mesmo pensamento, a gravadora Graça Music alcançou os mais de 70 títulos de CDs, lançados desde 1999.

Essa estrutura de consumo da evangelização é financiada pelos patrocinadores do ministério da Igreja da Graça, um exército de mais de 500 mil pessoas convidadas para sustentar a obra, tanto aqui no Brasil como ao redor do mundo.

Atualmente, a Igreja Internacional da Graça de Deus tem mais de mil templos abertos em todo o mundo. Desse número, mais de cem igrejas se encontram no Rio de Janeiro. A Igreja da Graça de Deus com 24 anos, hoje é conhecida pela projeção que obteve através da TV brasileira. Além dos templos abertos, o Brasil conta com o Show da Fé, através da Rede Bandeirantes de Televisão, um programa em horário nobre com vários quadros como: A Novela da Vida real, o Missionário responde os louvores, a mensagem de fé e a oração.

A Igreja Pentecostal Deus é Amor, fundada pelo Missionário Davi Miranda, está localizada atrás da rodoviária de Porto Alegre, em um enorme templo usando formas simples, com inspiração árabe. Suas dez janelas frontais são basculantes de vidros coloridos, sua frente

é toda gradeada com cerca de ferro. Na frente, avistamos o nome da Igreja com seu logotipo pintado diretamente na parede, à mão, iluminada por dois pequenos *spots*. No lado direito do templo, existe outra placa também pintada à mão e iluminada de baixo para cima (Foto 15).

Pertinho dali, vamos encontrar um pequeno investimento religioso em um prédio na Rua Voluntários da Pátria, rua notoriamente conhecida pela prostituição de calçada, vizinha de outra que à noite se transforma em zona do meretrício, a Avenida Farrapos: A Igreja Deus é Santo, fundada pelo Pastor Davi Messias. Quando passei ali estava cheia de fiéis, é um prédio de uma empresa desativada, trabalhando com a cortina pela metade para o sol não castigar seus membros. Seu logotipo também é pintado à mão na fachada (Foto 14). Eles não se importam de iniciar em prédios abandonados ou fora dos padrões conceituais de igreja. A IURD iniciou em um coreto numa praça (Foto 67), depois se instalando em uma funerária desativada (Foto 69), e o estilo de pregar é o mesmo de Edir Macedo, com um microfone e um púlpito improvisado (Foto 69), com assentos em cadeiras de PVC para jardins.

Em outra rua próxima vamos encontrar o Santuário Bom Jesus dos Milagres, na Rua Garibaldi, fundada pelo Bispo Prudêncio. A IEPC (Igreja Evangélica Pentecostal Cristã) (Fotos 10 e 11) mistura-se aos prédios da rua como normal, não chama a atenção como Igreja. Tem uma placa pintada com pincel e não possui iluminação no letreiro. Na sua calçada inúmeras prostitutas fazem ponto.

Na Rua da Conceição, esquina com Avenida Alberto Bins, está instalada a Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada pelo bispo Waldemiro Santiago, ex-bispo Iurdiano, (Foto 12). Na parte térrea de um prédio abandonado ela colocou uma faixa plotada na frente, além do nome da Igreja, aparece o slogan “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre”. Podemos observar o comércio de produtos evangélicos que também são atraídos para esta região, uma livraria na Rua Ernesto Alves (Foto 22), e um distribuidor de material evangélico na Júlio de Castilhos (Foto 83).

2.8.7 O Lado Interno dos Templos

2.8.8 O Interior do Templo Iurdiano

Descrevo agora a distribuição do espaço interno da Catedral da Fé (Croqui 6). Nas portas de vidro temperado marrom-bronze com listas adesivadas e logotipos da IURD, entramos no templo que está aberto diariamente de segunda à segunda-feira, das 07h00 min da manhã às 23h00min, da noite. Uns poucos degraus e acessamos um hall de entrada amplo. A igreja é toda de piso em mármore. Do lado direito temos uma banca com dezenas de jornais Folha Universal vendidos. À esquerda encontramos um bar que vende guloseimas, etc. À esquerda, antes de entrar no templo, estão os banheiros, limpos, todos de mármore, não falta papel, toalhas e sabonetes, um homem cuida com esmero o local. No canto, separado com vidro temperado na cor bronze, está a livraria e loja que dispõe para a venda de livros, CDs, DVDs, Bíblias, camisetas, bonés, lembranças e presentes evangélicos, como louças e batons. A IURD fornece ainda o Cartão Evangélico (Foto 51 e 52), com ele o fiel compra com descontos nas redes de lojas conveniadas (Foto 54), com a Lista dos Fiéis, uma espécie de páginas amarelas iurdiana.

No *hall* de entrada existe uma rampa facilitando o acesso de todos, principalmente os portadores de deficiência física. Dali avistamos todo o templo através de uma parede de vidro, também na cor bronze. As portas se abrem automaticamente e, onde aparece vidro, vemos o logotipo da universal e abaixo, uma lista bicolor com as cores da IURD, vermelho e azul. Bem acima da porta avistamos um púlpito que dá acesso aos estúdios de rádio e TV. O

tamanho impressiona, como disse o pastor Misael em um programa, é o maior auditório de Porto Alegre, as paredes são limpas, não há tranqueiras, colunas, dificuldades de trânsito. Existe um *layout* funcional para a acomodação das 4.200 poltronas almofadas na cor gelo, reclináveis como as dos cinemas. Elas estão distribuídas em ziguezague, ninguém atrapalha ninguém ao entrar ou sair, e as fileiras se tornam mais curtas. Depois do longo e largo corredor nos deparamos com um enorme altar, com altura aproximada de 1,50 metros, possuindo duas entradas, uma pelo lado esquerdo e outra pelo direito, uma fileira com cinco cadeiras para os bispos e pastores, no centro um púlpito na forma oval, uma mesa composta pela *menorah* de metal.

“A *Menorah* significa candelabro, suporte para lâmpadas. Presume-se que a primeira *Menorah* tenha sido feita para o Tabernáculo no Deserto pelo artista e artesão Bezalel, obedecendo às instruções de Moisés. Na *Menorah* há 07 lumes de lâmpadas, uma haste central e 03 braços que saem de cada lado” (Fotos 125 e 126).

No lado oposto um órgão eletrônico, uma mesa de som e luz, além de várias caixas de som espalhadas. No lado direito, o palco possui um acesso para a garagem.

A climatização é feita por 108 saídas de ar condicionado central, é um clima agradável, quando se entra na igreja fora na hora do culto, podem se observar vários fiéis sentados conversando, outros até dormindo. A luz é abundante na IURD, através do esquema de dispositivos de iluminação (planta 9, p.28) podemos avaliar o investimento em luz e a sua distribuição. No teto, está distribuído 178 *spots* embutidos, além de uma enorme cruz de vidro colorido martelado auto-iluminada (Fotos 62 e 64). Nas paredes laterais se encontram os vitrais, também de vidro martelado colorido, são nove de cada lado, possuem apenas dois sintagmas religiosos se alternando, a Cruz Cristã e a Estrela de Davi judaica (Foto 37 e 86). O palco possui 10 *spot* de luz grande também embutido, além de 8 refletores externos dependurados ao redor do palco no teto. Ainda no palco temos os vitrais auto-iluminados,

estas imitações de vitrais possuem no primeiro desenhos com cenas do antigo testamento, no segundo quadro vamos encontrar o novo testamento e no último, desenhos atuais que vão desde a bomba atômica, antenas de transmissão por satélite, etc.

2.8.9 O Interior do Templo Católico

Podemos acessar o interior da Catedral Metropolitana de Porto Alegre (planta 02, p.23) através de três portões gradeados acima das escadas (Foto 79), porém só o portão central está disponível, os outros dois estão fechados, abertos somente para ocasiões especiais. No átrio encontraremos também três portas abertas com esculturas de Marcelino Schimitz. Na porta principal um enorme biombo de vidro e madeira que permite a saída pelos lados direito e esquerdo, mas pode ser aberto em cerimônias com mais público (Foto 81). No corredor um tapete vermelho se estende até o altar (Foto 76), cercado pelos bancos de madeira em cerejeira com capacidade para acomodar 1.100 fiéis (Fotos 76 e 49). Entre os bancos se distribuem as colunas de mármore no estilo jônico com pequenas caixas de som dependuradas (Foto 80). À direita encontraremos os túmulos dos quatro arcebispos, inclusive o fundador da primeira diocese do Rio Grande do Sul. Os confessionários estão dois de cada lado (Foto 50), um pequeno órgão eletrônico acompanha as cerimônias, o potente e antigo de fole foi para o concerto, seu frete e montagem, segundo um padre, é mais caro do que comprar um novo, tornando-se inviável. Sete ventiladores de pedestal procuram dar conta de refrescar todo o ambiente (Foto 77). Assisti uma missa às 18h30 min, com cerca de quarenta pessoas, ela é ministrada por três sacerdotes, um coroinha ajuda no cerimonial, além de músicos com violão que cantam os hinos, duas senhoras falam no microfone citando algumas partes da missa. É uma cerimônia calma, lenta, sem pressa, com muita harmonia. Em um momento da missa

duas senhoras com caixinhas recolhem as ofertas espontâneas, elas não pedem nada. Na entrada há um cofre para quem quiser fazer depósito (Foto 82), e um cartaz pedindo dízimo. A catedral oferece missas de segunda à sexta-feira: 7h30min e 18h30min, aos sábados: 17h e 18h30, aos domingos: 8h30min, 10h, 17h30min e 19h. O horário de visitas é de segunda a sexta-feira das 7h às 18h, aos sábados das 9h às 19h e aos domingos das 8h às 19h.

No altar vamos encontrar uma enorme mesa onde ficam os cálices e um microfone, atrás desta mesa as cadeiras dos padres, que permanecem sentados a maior parte da missa, revezando-se. Na frente, dois pequenos púlpitos de madeira entalhados também com microfones. Ainda no altar avistamos os ambões, o trono do arcebispo, o sitial dos cônegos e a Via-Sacra, que são obras do escultor Giulio Tixe, a pintura que emoldura a imagem da Padroeira no prebistério é da autoria de Aldo Locatelli (Foto 84).

No segundo andar da catedral estão os corredores, no lado direito é o ossário, um local destinado ao aluguel de pequenas gavetas para guardar os ossos de fiéis, no lado esquerdo será construído um museu (planta 01, p. 22); na frente da catedral, o coro, que agora está desativado, tampado com uma cortina (Foto 81). Fui informado de duas igrejas que usavam o coro, um na Igreja São José, no centro de Porto Alegre (mapa 15, p.21), encontra-se um coro e um órgão de fole usado nos casamentos, sábados e domingos (Foto 100), nas suas colunas estão dispostos seis aparelhos de televisão 20 polegadas (Foto 99), para transmitir este evento internamente aos fiéis poupando-os do torcicolo. O outro coro, nós vamos encontrar na Igreja Santa Terezinha (Foto 95), também usado nas cerimônias dos casamentos religiosos.

A Catedral ainda possui lugares especiais, os camarotes, destinados às autoridades e seus familiares (Foto 76), o que ela não possui é o púlpito lateral esquerdo, um dispositivo com escadas que servia para o padre falar aos fiéis, especialmente na hora do sermão, também encontrado na Igreja São José (Foto 99) e Santa Terezinha (Fotos 97 e 98).

A luz na catedral (planta 04, p.24) vem de fora através dos vitrais que circundam as paredes, os principais estão nos braços da catedral, do lado esquerdo Santa Rita (Foto 36), e do lado direito São Miguel (Foto 35). A cúpula (Foto 48 e 46) ilumina o altar, o restante da igreja é iluminada por dez lustres (Foto 81).

2.8.10 O Interior dos Templos Concorrentes

A Igreja Internacional da Graça de Deus apaga todos os símbolos religiosos, o único lugar que achei uma cruz foi no panfleto da Igreja. No logotipo original a cruz sai do mapa do Brasil em um globo (Foto 111). Dentro do templo também não existe nada que ligue ela a uma corrente conhecida, se é pentecostal, neo-pentecostal, é a que mais se parece com um auditório de cinema, 1.120 poltronas lineares distribuídas em quatro filas, almofadas tipo recepção de escritório, separadas com portas-braço. Na entrada uma loja com venda de CDs, revistas, livros do missionário, bíblias e mini-bar de cafezinho. No lado esquerdo uma enorme mesa de som e seu operador. Mais atrás uma sala para secretaria e banheiro masculino, o feminino fica na frente ao lado do palco. No altar não existe nada de símbolo religioso, somente um enorme cenário de um céu com nuvens, réplica do programa televisivo das 20h, que é transmitido pela Rede Bandeirantes de Televisão, com cobertura em todo o território nacional. Uma bateria e um órgão, um púlpito e cinco caixas de som para retorno. No lado direito, uma sala para os pastores e obreiros. Ainda conta, para conforto dos fiéis, com quatro bebedouros e banheiros ao lado do palco, o ar refrigerado vem de pequenos ares condicionados espalhados pelo templo. (planta 11, p.30).

Na Igreja Deus é amor, tudo é muito simples, muitas cadeiras, o altar, e um enorme espaço para os fiéis. Não é diferente na Igreja Deus é Santo, Poder de Deus e IEPC, as

cadeiras são todas de PVC, aquelas brancas de plástico fornecidas para jardim ou piscina, o pequeno púlpito, as caixas de som, os instrumentos musicais, o microfone e os panfletos informando o horário, endereço e as correntes (Fotos 53, 104, 103, 111 e 101). O conforto é precário, não existe ar condicionado, talvez pela adaptação do lugar, prédios antigos, empresas desativadas e pavilhões de fábrica.

A forma de cobrar pelos serviços prestados é a mesma usada em todas as pentecostais e neo-pentecostais. Elas fornecem o envelope para as pessoas colocarem o dízimo que é recolhido através de sacos na frente do altar pelos obreiros em cada corrente (foto 56, 102). Outro envelope é distribuído para recolher a oferta no momento em que o fiel ou visitante está assistindo o culto na Igreja (Foto 55, 56 e 105).

2.8.11 O Interior do Shopping

Segundo o site do Shopping Praia de Belas, ele tornou-se em pouco tempo o Shopping com a maior venda por metro quadrado do sul do país, por isso seu espaço interno é dividido para que o consumo seja garantido (mapa 12, p.19). Encontramos no primeiro piso lojas grandes, médias, pequenas e quiosques, todo o seu redor é constituído de pontos de venda. No início encontraremos uma praça com escadas rolantes nos dois lados, no meio um palco (Foto 75) e no outro lado uma enorme árvore de natal ornamentada sem símbolos religiosos (Foto 45). Seguindo adiante vamos encontrar no centro do prédio um jardim com coqueiros, aliás, pequenos jardins e plantas são inúmeros dentro do shopping. Na outra ponta novamente um jardim com chafariz e escadas rolantes para o segundo piso. A limpeza, a higiene dos banheiros, o clima é agradável, ar frio no verão e quente no inverno, a iluminação de dia é natural, através de telhados de vidros (Fotos 73 e 74), a noite não deixa nada a desejar com

uma luminosidade excelente (Foto 47). Na parte de baixo encontramos poucos bancos para sentar, os corredores são planejados para a circulação dos consumidores nos diversos tipos de consumo, seja tangível ou intangível, e em qualquer lugar que ele estiver vai haver uma vitrine ou um produto disponível.

Subindo no segundo piso (mapa 13, p.20), pelas escadas rolantes ou elevador, continua a mesma distribuição das lojas pelas paredes, achei somente dois bancos para os consumidores descansarem, a circulação se torna obrigatória, ou então se acomoda nas cadeiras das praças de alimentação e restaurantes. Para os pais com crianças estão disponíveis fraldários, carrinhos ou então recreação infantil paga enquanto o pai faz as compras.

2.8.12 O Templo Iurdiano Comparado a Uma Casa de Espetáculos

O templo da IURD tem toda uma infra-estrutura técnica para proporcionar um espetáculo. Os seus microfones e sistema de som, música executada ao vivo ou por *play-back*, controlada por mesa de som pelo obreiro organista que aumenta e diminui o som. Esta mesma mesa de som controla o apagar e ascender das luzes e holofotes para gerar efeitos especiais luminosos. Todos estes efeitos são manipulados durante o culto, talvez o fiel não se dê conta ao cantar ou assistir uma cena mais pesada de expulsão do demônio. Além destes fatores ainda possui o auditório e o palco, não deixam de serem parecidos com os grandes teatros europeus (Foto 115) ou ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro (Foto 116 e 117).

2.8.13 A Teatralidade no Culto Religioso

A identificação da IURD com o teatro pode ser percebida seja nos seus cultos ou mesmo na arquitetura dos templos. Ela possui vários sintagmas que se identificam com os espetáculos teatrais. Em muitas correntes eles constroem cenários e os fiéis participam como atores. Em um deles, eu observei o investimento na elaboração das peças, eram sete enormes corações de veludo vermelho iluminados, ali as pessoas passavam por dentro com seus namorados (as) ou esposos (as), onde colavam um selo auto-adesivo no coração cheio de véus no dia da corrente (Foto 65). No próprio drama dos relatos através da colocação da voz, ou na performance do bispo e pastores, os gestuais parecem uma dramaticidade peculiar teatral, nos usos da indumentária, por ex.; na corrente da sessão do descarrego todos atuam de branco, como é uma corrente que de certa forma trabalha com a expulsão dos espíritos, eles se vestem de pais-de-santo, talvez para demarcar um certo espaço de competência e apropriação religiosa afro-mediúcnica. O deslocamento dentro do palco, a afinidade e segurança com a lente da câmera, o tempo da fala, as estratégias de interação e intimidade com a platéia, a inibição, muitas palmas batidas para Jesus, muitos objetos de cena como a arca da aliança (Fotos 118 e 119), e a árvore da vida¹² (Foto 120).

Ainda podemos identificar as próprias correntes com suas temáticas particulares onde o fiel faz parte do espetáculo (Foto 104), através deste convite ele ganha um par de protetor de tecidos TNT (tecido não tecido) para proteger os pés. Ali, o fiel o calça para atravessar em um caminho de luzes, depois destaca o convite que será queimado em uma fogueira. Essas correntes podem ser consideradas espetáculos de curta temporada, mas que surgem um após o

¹² A Árvore da vida é uma das duas árvores especiais que Deus colocou no centro do jardim do Éden. A outra árvore é a Árvore do Conhecimento do bem e do Mal que Adão e Eva supostamente teriam comido

outro sempre com novos cenários convites, brindes, etc. A qualidade do som, a trilha sonora escolhida e cantada pelo bispo, platéia, o corpo e braços estão sempre em movimento e existe um gestual combinado que muda conforme a letra e ocasião no culto (Foto 59). A iluminação às vezes é total, conforme o caso os holofotes do palco também acendem valorizando o momento, aumentado e diminuindo a intensidade (Fotos 121, 122 e 123).

Verificando algumas fotos da Catedral Mundial da Fé de Del Castilho no Rio de Janeiro (Foto 70), e comparando com uma ilustração de um teatro romano (Foto 109), observa-se uma semelhança de estilo, que revela em sua imponência a derivação do teatro grego (Foto 108). Mas não é somente a parte externa que se parece com um teatro (Foto 124), a interna (Foto 60, 63 e 107) tem em comum na edificação e arquitetura o mesmo estilo, a elevação da platéia, a disposição em formato semicírculo, o palco, a acústica.

2.8.14 A Produção Religiosa Midiática no Templo

Para compreender a dinâmica da IURD e a sua produção religiosa midiática foi necessário freqüentar todas as correntes que ela distribui durante a semana, que também é padrão no Brasil todo para encaixar nas agendas das mídias. Escolhi a Sessão do Descarrego por possuir mais elementos teatrais e religiosos diante dos apelos iurdianos de libertação e cura, além dos de prosperidade. Ela mesma investe mais nesta corrente por gerar mais polêmica e chamar a atenção na tela da TV.

Entre outras serventias, as correntes realizadas com ritmo ininterrupto fornecem um vasto horário de produção para a televisão.

Esse culto é usado como a principal matéria prima geradora de propaganda, é mostrada como interferência do “plano espiritual”, atribuindo a todas as religiões afro-

mediúnicas, espíritas Kardecistas como sendo as grandes vilãs, o motivo da causa de todos os males da vida das pessoas, matrizes do sincretismo e do hibridismo religioso.

Quando o bispo entra no templo a estrutura midiática também se movimenta e articula-se através dos dispositivos técnicos. É a Lâmpada vermelha que acende o monitor da câmera que focaliza as imagens, a grua que se movimentam, as luzes, o som e os técnicos que manipulam estes instrumentos. O bispo é o mesmo apresentador do programa Ponto de Luz, com sotaque carioquês, entra com música de um enorme e potente órgão elétrico tocado por um pastor, ele canta e se movimenta de um lado para outro no altar. Está vestido de branco junto com mais uns vinte pastores. Chamou-me a atenção às alfaias de um deles, tipo jaleco usado nos Centros Espíritas Kardecistas. Sabemos que os pais-de-santo e médiuns espíritas usam branco nas suas indumentárias (*axós* para os freqüentadores e médiuns umbandistas e candomblé), mas também há nisso uma produção de guarda-roupa dos teatros.

O bispo entra orando uma versão um pouco modificada da oração do Pai nosso católico, acrescentando a frase “Igreja do Reino de Deus”. Gesticula muito no altar, em cima do que eles também chamam de púlpito, um balcão de forma circular (mini-altar) onde se encontra a bíblia aberta, mas que agora acomoda uma enorme trouxa de tecido branco. Ele saúda os visitantes dizendo que vai ofertar um envelope do dízimo do descarrego (Foto 105) e que no término do culto todos na saída ganharão dos obreiros um punhado de sal para colocarem dentro deste envelope, pois na próxima terça-feira deverá ser devolvido com a décima parte de tudo que ganharem.

Os envelopes são distribuídos por dezenas de obreiros. Então, o bispo pede a atenção do pessoal para seguir as recomendações:

Pessoal, amanhã de manhã, quando você abrir o seu comércio, sua casa, despeje este sal na porta, ele vai tirar toda a inveja, todo o mal olhado, fará uma descarga de tudo o que é

ruim, mas não deixe ninguém ver, senão vão pensar que você é batuqueiro. Pelos poderes que Jesus atribuiu a mim, eu tenho certeza que seus caminhos vão se abrir!

As câmeras, já posicionadas, filmam tudo, ligadas no automático. Os operadores estão com um olhar na multidão por cima das câmeras, sempre procurando algo que chame mais a atenção, no jargão jornalístico, algo noticiável.

O diretor de tudo é o bispo, ele é quem comanda os pastores, os obreiros, dá as ordens, dirige as cenas, canta, vende, manda, tem o controle de todo o espetáculo onde os fiéis nem percebem a “atuação realizada”, não se vê nenhum roteiro. Ele não lê nada, segue a risca, tem feeling, o culto às vezes passa um pouquinho do tempo, mas geralmente acaba no tempo estabelecido, tudo sai bem, parece que foi ensaiado, todos participam como nos shows ao vivo de auditório da TV, gerando produto para as filmagens que serão editadas, mas se a transmissão fosse ao vivo, não teria problemas, pois não ocorreu nenhum incidente durante a direção do bispo com toda aquela multidão de figurantes.

Após recebermos os envelopes do dízimo, ele chama a atenção para o manto de luz que será passado sobre as pessoas, que todas que ali se encontram devem tocar para receber luz divina.

Ordenou aos pastores que esticassem o pano com dimensões gigantescas, mais ou menos um duzentos por cinquenta metros, pede para os pastores não deixarem encostar-se ao chão, por que sujo, não teria mais validade, pois Deus é puro como a cor branca.

Pede às pessoas que coloquem as mãos sobre a cabeça, e diz para encostarem as mãos no manto quando ele passar, adverte que ao tocarem, as pessoas que estiverem com encosto, esses espíritos se manifestarão e terão que se render.

O grande tecido é esticado, o bispo fica só no altar, auxiliado por outro pastor que fala somente na hora do exorcismo onde começa a excomunhão dos espíritos, o som é ensurdecedor, é elevado no último grau, alternado com altos e baixos, trechos de música,

muita gritaria dos fiéis, um êxtase, uma catarse, os dois, o bispo e um pastor, no palco revezam-se gritando, berrando, xingando os espíritos com nomes típicos da umbanda e do candomblé em particular.

O pastor de sua posição privilegiada orienta a caçada:

- Pega, pega ali, lá tem outra, não deixa escapar, aqui eles vão se dar mal, pega! Pega!

O manto branco vai sendo carregado como uma enorme proteção, as pessoas vão passando a mão, umas se incorporando com as mãos para trás, amarradas, no jargão iurdiano, outras desmaiando, e o tal manto aos poucos cobre toda a igreja, vindo por etapas, sendo enrolado e retirado na última fila dos bancos, sem deixar ninguém de fora, é como se fosse um rodo, também é uma forma de todos participarem, este é o ápice da produção.

No altar, o bispo manda subir dezenas de pessoas que manifestaram os encostos, todas com as mãos para trás, curvas, de cabeça para baixo, urrando, algumas gritando, são colocadas umas ao lado das outras, uma exposição do sucesso da empreitada é transmitida no telão.

O bispo então diz que vai distribuir a todos o livro sagrado do manto de luz, nesse livro é para escrever os problemas que devem ser resolvidos, Depois é para destacar uma página a cada retorno nas outras seis sessões, que será depositado dentro de uma sacola branca, onde ele unirá e na última sessão já estará tudo resolvido, desde que se tenha fé.

Ele se posiciona de frente para a câmera da grua a sua esquerda, um feixe de luz vindo dos holofotes desce sobre eles para iluminar a cena, escolhe uma mulher sensual e bonita, pede para ela chegar próximo dele e começa uma entrevista:

- Bispo: - Pessoal esta senhora tem um testemunho para dar. Eu estava observando a senhora e notei que tem algum encosto, alguma coisa não está

indo bem na sua vida, a senhora quer dizer aos nossos irmãos? Têm ou não têm? Eu já sei que tem...

- Entrevistada: - Tenho bispo.
- Bispo: - Fala minha irmã (sempre postado, de lado olhando para a câmara, com o microfone na mão).
- Entrevistada: - Eu estava com dificuldades no meu casamento, estou vindo aqui, é a segunda sessão do descarrego, hoje me senti mal ao ficar debaixo do manto.
- Bispo: - Eu sei, eu estava te observando, tu és um dos casos mais tenebrosos que passa por aqui, o espírito que te acompanha é muito esperto, não se manifestou, mas ele está aí e eu vou provar isso e mostrar como este livro tem poderes, vou colocar em cima da tua cabeça para ver o que acontece.

O câmara-men da grua ajusta sua objetiva e pega movimentando o pêndulo no tripé com rodas para fazer uma tomada, pois é um assunto midiaticizável. O bispo encosta o livro na sua cabeça e a mulher grita, berra e gesticula.

- Bispo: - Eu não disse pessoal, eu percebi que o seu encosto estava aqui, olhem, é Maria Padilha, é ou não é?

Com uma voz rouca e modificada, a entrevistada agora fala incorporada, confirma que sim.

- Bispo: - O que você quer com ela?
- Entrevistada: - Estou arrumando homem para ela, vou acabar com o casamento dela, acabar com a vida dela.
- Bispo: - E como foi que te contrataram?
- Entrevistada: - Foi no cruzeiro, com uma foto.

O bispo dirige-se à platéia, pára na beira do palco, com a metade dos pés para fora, equilibra-se, parece que vai cair, e grita apontando para a platéia:

- Nós vamos ajudar a nossa irmã! Vamos ou não vamos pessoal?

A platéia é unânime: - Vamos!

- Bispo: - Em nome de quem?

- Platéia: - Em nome de Jesus! (com euforia total)
- - Ta vendo pessoal? Aqui na nossa frente está uma irmã, possuída pelos espíritos imundos, em troca de um champanhe, de umas guimbas de cigarro e de uma foto já ia desgraçar a vida da nossa irmã, mas com o poder que Jesus Cristo me deu, pelo seu sangue e com a ajuda de Deus eu vou expulsar ele, para queimar no lago de fogo.

O bispo então coloca as suas mãos em cima da cabeça dela e começa a orar:

- - Oh! Meu Deus! Tira esse espírito do mal do corpo dessa irmã, que está à beira da separação, não deixa, oh pai, destruir essa união que você uniu e com todo poder que tu me destes. Oh meu Deus, eu ordeno em teu nome, em nome de Jesus que esse mal saia agora, eu ordeno que abandone essa pessoa, pelos teus poderes a mim conferidos e ordeno que saia, saiiii! Saiiiii! Sai! Sai! E tira bruscamente as mãos da cabeça dela. Este estribilho final a platéia sabe de cor, e acompanha junto com o pastor com as mãos esticadas para frente, dando as mesmas ordens.

A pessoa endemoniada fica meio tonta e ele volta a entrevistá-la:

- Bispo: - Como a senhora está se sentindo agora?
- Entrevistada: - Estou me sentindo bem, aliviada.
- Bispo: - Você viu minha irmã, o diabo estava se instalando na sua vida, mas nós o mandamos de volta para o inferno, aqui ele não tem vez, nós fizemos unidos, uma oração forte e ele foi queimado! Mas tem uma coisa minha irmã, você vai ter que fazer toda a corrente, senão ele volta. Aleluia meus irmãos, em nome de Jesus! Todos batem palma.

Enquanto isso as outras pessoas estão sendo “libertadas” em pleno altar, diante das câmeras, este show serve para vários olhares, especificamente para o olhar midiático.

Agora o bispo chama a atenção para outro envelope que ele vai mandar os obreiros entregarem, é o envelope da oferta, é uma quantia que você dá espontaneamente para a Igreja.

Ele narrou a parábola da figueira que Jesus secou por estar instalada nela o mal, e que ele então ia distribuir uma raiz de figueira para cada um dos presentes que deveriam deixar esta raiz em cima da cabeça, pois ela ia secar todo o mal que estivesse acompanhando a

pessoa. Assim foi distribuído para cada pessoa um envelope com a tal raiz, e ele então fez uma oração unguindo o amuleto.

Feita esta parte, ainda faltava algumas pessoas para serem libertadas do capeta, o bispo escolheu mais uma mulher alegando estar inspirado pelo Espírito Santo.

A entrevistada era do interior, da cidade de Erechim, que se encontrava ali após várias tentativas de visitar a Igreja, mas sempre acabava sendo afastada por um motivo ou outro. O bispo então começa sua investida contra o tal espírito.

- Bispo: - Eu notei que a senhora está com muitos problemas, sua vida está boa?
- Entrevistada: - Não, bispo, não está nada boa.
- Bispo: - Está tudo enleado não é minha irmã? Mas eu vou resolver seu problema hoje mesmo, agora, ou não me chamo mais de bispo se eu não tirar a causa dos seus males e deixarei de ser bispo, vou fazer outra coisa. Agora eu vou colocar a figueira em cima da sua cabeça e todo o mal vai secar, assim como Jesus expulsou o espírito do mal que estava nela.

O bispo colocou a raiz em cima da cabeça da mulher, virou-a de lado para a câmera e tentou liquidar o encosto. Mas não foi bem sucedido, o espírito não se entregava, a mulher vinha a si e ele dirigia as perguntas, mas não acontecia o que ele queria ouvir para encerrar o quadro, então ele a fez ficar de joelhos, forçando a mão direita em cima de sua cabeça para baixo, com muito custo ele deu um jeito naquele demônio, ela levantou-se e ele perguntou se ela estava bem, se sentia um alívio, se era outra pessoa, ela vacilou nas respostas, então ele se concentrou para valer e mandou ver:

- Bispo: (gritando) - Seu desgraçado, imundo, exu do lodo, eu me invisto com todo o poder que Jesus me deu e ordeno que saia, que queime no inferno, e olhando para a platéia incita as pessoas a olharem para ela e lança um convite para a queima do diabo.
- Bispo: - Vamos queimar esse diabo pessoal?
- Platéia: - Vamos! Queima..., queima..., queima... E todos com movimentos das mãos para traz dizem em coro: - saaaai! Saaaai! Sai.

O que me chamou a atenção nesta entrevista com o diabo foi que os cinegrafistas todos largaram as câmeras e fizeram também os gestos.

- Bispo: - Em nome do senhor Jesus, sai! A senhora está se sentindo melhor?
- Ele então se dirige à platéia e estufa os peitos e diz: - Viram pessoal, o poder de Jesus?

Entra agora uma música alegre com o refrão “sai, sai, capeta!” Todos relaxados cantam, enquanto as pessoas descem do altar e retornam aos seus assentos. As músicas que são cantadas ou executadas no culto estão todas à venda em CDs, os fiéis cantam em coro.

O bispo agora diz que vai distribuir uma fitinha branca para cada freqüentador que ali se encontra colocar no braço de uma pessoa que esteja necessitando de libertação e trazê-lo para a Sessão do Descarrego e é para insistir, pois certamente você estará fazendo um grande bem para seu amigo. Aproveitando o momento ele também distribuiu um cordão com uma pedrinha para retornar no domingo e o batismo nas águas, para estar limpo e nascer no Espírito Santo.

Neste momento, as câmeras são desligadas pelos seus operadores, não interessa à mídia registrar como são cobrados os serviços espirituais no templo, a parte da arrecadação financeira é apagada. O pastor, então, com desenvoltura de leiloeiro, atua na venda dos produtos da Universal. Anuncia a chegada do momento do recolhimento do dízimo. Uma grande maioria vai até os obreiros postados na frente do altar com sacos brancos esperar o depósito. Feito o recolhimento, o pastor pede agora a melhor oferta, ele pede diretamente quem tem de cem reais para cima para mostrar a gratidão a Jesus. Poucas pessoas comparecem. Ele então diz que vai dar um livro do Bispo Macedo, Orixás, Caboclos & Guias, deuses ou demônios. Pede lance de R\$ 50,00. Muita gente vai, ele salienta que mesmo que a pessoa já tenha o livro, pegue e deixe com uma obreira para ser doado a quem não tem.

O leilão vai baixando até o livro chegar aos R\$ 10,00, onde uma multidão vai e retorna com o livro. Logo ele oferece também a Revista Plenitude por R\$ 5,00 e os jornais por aquilo que você pode pagar.

O bispo, após as vendas, se despede dos fiéis com uma oração e se retira do altar rapidamente. O culto termina, mas o atendimento continua, são pessoas querendo uma bênção ou mesmo informações dos pastores e obreiros que ficam à disposição.

2.8.15 A Incitação ao Consumo na IURD e nas Igrejas Pentecostais Concorrentes

Além da IURD possuir pontos de vendas dentro do templo, bem como a maioria de suas concorrentes pentecostais, percebe-se uma oferta de produtos materiais típicas da nossa sociedade de consumo, e elas estão impressas nos panfletos (Foto 53 e 101), ou nos envelopes do dízimo (Fotos 55, 56 e 57). Fora a intangibilidade destas ofertas, vamos encontrar as possibilidades reais de consumo através do portal, lá uma loja virtual de desdobra em *links* geradores de ofertas de produtos, favorecendo o comércio religioso através de e-mails e da mídia impressa. (organograma 14, p. 32)

2.9 As tecnologias usadas para o consumo religioso

Não é fácil organizar o organograma dos dispositivos tecnológicos e midiáticos da IURD, mas sabemos que ele começa na Igreja, lá é gerada a produção dos produtos simbólicos midiático religiosos, passando para o estúdio de TV e Rádio que fica em cima da catedral. Gera-se o Programa Ponto de Luz, responsável pela finalização das coletas simbólicas midiáticas no templo, além da publicização e convocação para as visitas ou acessos por e-mail, site, telefone e fax. Existe aí uma Max-midiatização que envolve

televisão, internet, telefonia fixa e celular, rádio AM e FM, jornal, revistas, livros, CD ROM, DVD e CD musical (organograma 14, p.32).

O Programa Ponto de luz gera em torno de si um esquema de diversas tecnologias para ser acessado (organograma 07, p.31), podendo ser assistido ou ouvido, as rádios AM e FM o retransmitem em rede, quando ele é produzido no estúdio já existe este cuidado de dupla finalidade de transmissão de meios. O programa pode além da TV possuir outras interações tais como: internet, através dela o telespectador participa do programa enviando um e-mail diretamente para o bispo Darlan através do endereço falecom@bispodarlan.com.br, se o telespectador não possuir este dispositivo pode usar telefonia celular hoje mais difundida ou mesmo através da fixa, podendo enviar um fax, acompanhar na TV ou ouvir no rádio.

2.9.1 O Portal da IURD na Web

O portal arcauniversal.com.br, inaugurado com o propósito de propagar o evangelho, é um portal identificado como forma de estar atualizado com a globalização da Igreja, e também para consolidar liderança em inovações tecnológicas. A meta da IURD é a de levar o Evangelho aos lugares mais longínquos do planeta através do portal. Para a Universal, a internet não é um meio de comunicação diabólico, os internautas de todo o mundo têm acesso podendo se comunicar, trocar testemunhos, experiências e principalmente evangelizar, sem esquecer outro grande detalhe: as compras. Sim porque o site também é um meio de fazer compras.

Inaugurado no dia 30 de abril de 2001, sob a direção do bispo Natal Furucho, tem suas instalações no Rio de Janeiro. Segundo o bispo João Mendes de Jesus, coordenador tecnológico da Web, Deus tocou no coração do bispo Macedo, que passou a acreditar que a

internet será a Igreja Mundial, onde o portal está nos cinco continentes ao mesmo tempo, sem fronteiras, alcançando usuários de várias línguas.

Há sites da IURD nas versões inglês, francês e espanhol para que ninguém fique de fora e deixe de receber a “palavra de Deus”. O arcauniversal.com abriga todos os sites da IURD mundiais, são aproximadamente 20 pessoas envolvidas em tempo integral oferecendo serviços e informações como: Revista Arca onde estão contidas informações do Brasil, internacional, esportes, política e agência de notícias Unipress. Também tem a TV arca, nela está disponível para o acesso toda a programação, possibilita conferir o destaque artístico e no Repórter Record se assiste um vídeo da notícia. Além disso, existe a galeria de fotos e vídeos. Plantão *arcaneews* com as últimas notícias aparecendo na hora que foi editada, sempre com as últimas manchetes.

O site possui uma enquete, perguntando sobre um assunto pertinente, dicas de teatro, artigo comentado por um pastor, propaganda do Centro de Ajuda Coletiva com telefone do serviço disponível 24 horas. Os endereços das catedrais no Brasil e no mundo aparecem em mapas, basta você passear com o mouse em cima dos Estados e aparece o endereço completo.

Para ouvir a Palavra amiga do bispo Macedo basta fazer um *download* no Universo Cristão, além disso, contém ainda outros *downloads* para ouvir o Santo Culto do Bispo Macedo, mensagem do dia e Terapia do Amor.

Nos canais temos a Arca Culinária com as receitas mais famosas do Brasil, o EB, e um espaço para a garotada. Tecnologia, que fala sobre TV digital no Brasil e o mercado de trabalho; Pode-se acessar a Folha Universal, Hoje em Dia, Revista Éster e Plenitude. No shopping estão à venda 4 tipos de Cds com mensagens de fé evangélicas e que edificam além da terapia do amor, todos já na edição II, que estão entre R\$13,00 e R\$ 17,90. Banners animados divulgam serviços da Super arca um provedor próprio da Universal, outro anuncia cursos profissionalizantes de férias em cálculo trabalhista e legalização de empresas.

Como se tudo isso não bastasse, o internauta pode acessar: matérias especiais, artigos, citações, tempo, mercado de trabalho, direito do consumidor, variedades, temas e tópicos, arca *mail*, papo 10, TV Arca, Line Records, Rede Record, rede Aleluia, Rede Mulher, Rede Família, Bispo Macedo, IURD, juventude *on-line*, Projeto Nordeste, Universal Produções, Mensagem do dia, caixa de promessas, reflexões, FIA, estudos, faça você mesmo. Em parceiros pode-se *linkar* com o Submarino.

Arca religião: são notícias com fotos e manchetes, no shopping tem duas seções: Evangelismo: anúncio do livro do Pp. Clodomir, Mensagens Evangélicas II. Profissional: anúncio do Livro do Pp. natal Furucho: Como ser bem sucedido na vida profissional.

O portal está direcionado para a doutrina e vendas, todos os assuntos estão conduzidos para o seu foco: assuntos referentes à religião, notícias escolhidas com intenções bem definidas. O portal possui uma equipe de jornalistas voltada apenas para a internet, outra para cuidar do banco de dados e uma que desenvolver os projetos da rede. Quatro designers trabalham na modernização do portal além de uma equipe de conteúdo, animação e multimídia. O bispo afirma que trabalham unidos, cientes de que seu objetivo principal é ganhar almas.

Para o bispo João Mendes de Jesus (Jornal Folha Universal 22/01/2003) coordenador de tecnologia da *web*, a Igreja e a internet não podem estar desassociadas, citando o que Jesus disse em Marcos 16.15: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”, afirma ainda que se Jesus estivesse aqui, um dos recursos utilizados por ele para evangelizar seria a internet.

O pastor on-line é um serviço exclusivo, inovador, idealizado pelo bispo Edir Macedo, que permite à pessoa acessar uma página e escolher um pastor on-line para conversar e ser orientada, cada pastor credenciado tem uma senha exclusiva. Quando ele efetuar seu *login* no portal, através do seu computador, o nome dele aparecerá na tela principal. Quando o usuário

solicita uma sala de atendimento virtual, uma janela se abre e o nome do pastor aparece na barra superior. Não há risco de comunicação com pessoa que não seja credenciada. Para cada pessoa que estiver on-line, que desejar informação, haverá um pastor à disposição, a qualquer hora, em qualquer lugar do mundo para tirar dúvidas ou buscar informações.

O arca universal é também uma forma de evangelização tecnológica. É uma evangelização sem fronteiras, onde a dificuldade de evangelizar em outros países é superada através da internet, mensalmente, mais de 10 milhões de *page views*, atingindo assim o topo entre os portais evangélicos. A tecnologia bem avançada permite aos milhares de usuários ficarem conectados com segurança e qualidade, para interagirem com pessoas de vários países.

Por ser um portal de grande porte, ele agrupa vários sites: Igreja Universal do Reino de Deus, Bispo Macedo, Projeto Nordeste, Terapia do Amor, Juventude on-line, Folha Universal e Plenitude, Rede Aleluia, Rede Record, Rede Mulher, Programa Fala que Eu Te Escuto e a Universal Produções.

As religiões, em destaque a Universal, é a mais agressiva, ela não ignora a força da internet, não possui uma visão apocalíptica, ela acompanha os avanços tecnológicos midiáticos e quebra preconceitos dentro do campo religioso, onde as outras ainda estão mais acanhadas.

2.9.2 Televisão

Desde que passou a ser administrada pela Igreja Universal, a Rede Record de Televisão fez várias mudanças na programação. A emissora oferece programas de denúncias, músicas, entrevistas e informações, garantindo assim bons índices nas pesquisas de opinião. Com um jornalismo atuante, a Record registra os principais fatos ocorridos no Brasil e no mundo. Os investimentos em equipamentos e profissionais têm sido constantes na emissora.

Outro grande passo foi à implantação do núcleo de teledramaturgia. No segundo semestre de 1998, mais seis minisséries, foram ao ar, além da superprodução "Desafio de Elias", que teve a participação de importantes nomes da teledramaturgia brasileira. A minissérie foi vendida ao México, Chile, Panamá, Equador, Venezuela, Colômbia e Porto Rico.

Na área técnica, a Rede Record tem investido no que há de melhor e de mais moderno. Estúdios, transmissores com maior potência, unidades móveis. "*Silicon Graphics*", equipamentos digitais com câmeras de última geração, som e iluminação para uma imagem perfeita no ar, e o aumento da potência do transmissor, que passou de 30 KW para 60 KW. A expansão da rede não pára. Atualmente, a Rede Record conta com 67 emissoras, entre próprias e afiliadas, centenas de retransmissoras por todo território nacional.

Pioneira, a emissora realizou a primeira exibição em sistema digital no Brasil. Em 08 de julho, no Memorial da América Latina, aconteceu a primeira transmissão de um programa em HDTV (*High Definition Television*), exibido para um público selecionado pelo sistema norte-americano ATSC.

Para agilizar seus telejornais, a Record adquiriu também um dos mais modernos helicópteros do mundo. "O Águia Dourada" tem quatro câmeras, sendo duas internas e duas externas. Embaixo da aeronave fica um transmissor de microondas, permitindo transmissões ao vivo, que são enviadas às torres da emissora ou a qualquer veículo receptor. O helicóptero possui ainda monitores, mesa de corte e edição.

A direção da Record está sempre diversificando e reciclando a programação da emissora, para oferecer ao telespectador: shows, jornalismo, novelas, esporte, filmes, séries tradicionais, programas infantis e femininos. Além de toda esta vasta programação, a Record apresenta grandes clássicos da Bíblia, que relatam a história da inabalável fé dos homens que confiaram em Deus.

O telespectador dispõe, também, de programas evangélicos, como o "Despertar da Fé", esse e outros são instrumentos usados na evangelização, já que pastores escolhem aleatoriamente algumas pessoas do auditório que dão seus testemunhos de vida.

Além da Record, a IURD possui outra rede de televisão, a Rede Mulher¹³, mas não faz questão de divulgar muito a posse, passa ser mais discreta. A história da Rede Mulher começou nos anos 70. Uma época em que a Rádio Mulher fazia sucesso entre as ouvintes de todas as idades e teve o comando de apresentadoras como Hebe Camargo, Cidinha Campos e Claudete Troiano. Em 1994, a televisão ganhou mais uma opção, a idéia era criar uma emissora que alcançasse nas telas o mesmo sucesso da Rádio Mulher, com uma programação diferenciada e voltada para o universo feminino. No dia 8 de agosto, nascia a Rede Mulher de Televisão. Daí em diante, a empresa se expandiu para todo o Brasil, por meio de sistemas de TV a cabo, antenas parabólicas e canais abertos. Hoje, com mais de dez anos de existência, a Rede Mulher recebe investimentos nas áreas técnica, profissional, de cobertura e programação, além de implantar novos sistemas.

2.9.3 Rádios AM e FM

Com programas em dezenas de emissoras de rádio em todo o Brasil, a Igreja Universal procura levar uma programação ao fiel, pois sabe que o rádio também é muito popularizado no território brasileiro.

As Rádios Copacabana, Record e FM 105, no Rio de Janeiro; Record, em Campos; Capital AM e 90,3 FM, em Brasília e Atalaia 805 AM, no Paraná, O primeiro programa de rádio da Igreja Universal foi transmitido pela Rádio Metropolitana, "O Despertar da Fé", com 15 minutos de duração.

¹³ Fonte: <http://www.redemulher.com.br/institucional/historia/>

Mais tarde, a igreja assumiu, no Rio de Janeiro, a Rádio Copacabana (que alcançou índices de audiência surpreendentes), a Rádio Record (antiga Rádio Ipanema) e a FM 105. O mesmo ocorreu em outros Estados. Esse trabalho também é feito no exterior, onde a Igreja aluga espaços nas emissoras para a divulgação do Evangelho. Em Porto Alegre duas rádios AM transmitem programas locais a Rádio Capital e a Rádio Catedral, além da Rede Aleluia FM. Através desta rede, a Igreja Universal do Reino de Deus se tornou a pioneira na divulgação da música evangélica para todo o Brasil, graças à grande rede de rádio, via satélite, que liga vários Estados no País. Num só momento, as diversas rádios divulgam mensagens do Evangelho e unem pessoas dos lugares mais remotos, procurando encurtar distâncias.

A Rede Aleluia nasceu em 06 de Junho de 1998 de um desejo de unir o povo evangélico em uma só sintonia. Com isso, a FM 100.5 tornou-se cabeça de 17 emissoras. Atualmente, são mais de 30 emissoras de rádio, espalhadas por todo o Brasil, que formam uma única sintonia: a Rede Aleluia - de bem com a vida.

Transmitindo, simultaneamente, a programação da Igreja e música *gospel*, a Rede Aleluia tem um perfil cristão, caracterizada por uma programação voltada para os evangélicos com estudos bíblicos, novelas baseadas em fatos reais, testemunhos e mensagens baseadas na bíblia. Na época, a geradora do sinal se localizava no Rio de Janeiro, 105 FM, ficando até 2002.

No segundo semestre de 2002, a geração passou a ser a Rádio 99,3 FM, em São Paulo, cujos transmissores são os mais avançados e seus estúdios equipados com a mais alta tecnologia.

A Rede Aleluia iniciou com 19 afiliadas, conta atualmente com 56 emissoras localizadas em todas as regiões e abrangendo uma área correspondente a 75% do território nacional, presentes em todas as regiões, localizadas estrategicamente em 22 Estados, capital e

interior, que transmitem informações e entretenimento a todos os que a sintonizam, com uma área de abrangência que cobre 75% do território nacional.

A programação é composta por canções que levam mensagem de paz, amor, harmonia e tranquilidade. Com selecionadas canções internacionais, orquestradas e o melhor do nacional cristão. Além de testemunhos de sucesso e experiências produtivas, servindo de exemplo para a conquista de uma vida com qualidade. Informação precisa, dicas de saúde, economia, entre outros completam a programação diária. A programação da Rede Aleluia é composta por canções selecionadas do Cristão Nacional e Internacional, mais flash-back que marcaram época e melodias instrumentais, procura ser uma rádio de qualidade para som-ambiente, devido suas canções que remetem à reflexão e estado relaxante.

Informações jornalísticas e orientações, a cada duas horas, diluídas na programação musical compõem a grade. Orientações de saúde, beleza e cultura também procuram cativar o ouvinte.

2.9.4 CD, DVD e CD Rom.

A gravadora *Line Records*¹⁴, criada em maio de 1991, é considerada uma das pioneiras na modernização do mercado fonográfico evangélico, é através dela que são produzidos e lançados os CDs, DVDs e CD ROM encartados nos livros religiosos. A revista norte-americana *Billboard*, em dezembro de 1992, descreveu a gravadora como o maior selo *gospel* brasileiro. Hoje, reúne em seu elenco grandes nomes da música evangélica.

A cada ano, a música *gospel* vem ampliando o seu papel no mercado fonográfico. Através das letras, a mensagem do Evangelho é propagada em forma de música, a música

¹⁴ Fonte: <http://www.linerecords.com.br/>

evangélica tem ultrapassado barreiras e rompido antigos preconceitos. Atualmente, os louvores são cantados nos mais diversos ritmos, atendendo às culturas locais e regionais.

2.9.5 Mídia Impressa: Folha Universal, Revista Plenitude e Revista Ester.

O jornal semanal Folha Universal, uma publicação da Editora Gráfica Universal Ltda., sediada no Rio de Janeiro, com doze anos de existência atingiu a tiragem de 1.558.250 exemplares, impresso pela Ediminas S/A em Belo Horizonte.

O jornal tem distribuição nacional dirigido a homens e mulheres de todas as idades, de classes ABCD, com cobertura em 5550 municípios brasileiros, de Norte a Sul do País, distribuído em todos os templos da IURD alcançando mais de cinco milhões de leitores semanalmente. Além disso, o jornal conta com o acesso no site onde já alcança mais de um milhão de *hits* mensais pela página www.folhauniversal.com.br. Isto o torna o maior jornal evangélico do planeta. A Folha Universal on-line é visitada por pessoas de todo o mundo. É dividido em dois cadernos e a palavra dos bispos.

A Universal Produções é a editora da Revista infantil do Ebinho, Revista Plenitude e Ester, edição semanal direcionada ao público feminino. Além das revistas ela é encarregada de editar livros com CD ROMS para facilitar o fiel a explorar melhor os assuntos do livro, ela edita alguns dos seguintes livros: Nos Passos de Jesus, Aliança com Deus, Orixás Caboclos & Guias Deuses ou Demônios? , O Despertar da Fé, Estudos Bíblicos, todos do bispo Edir Macedo. As Mulheres que marcaram as Escrituras de Wanderval dos Santos e As Maravilhas que Deus Fez em Mim de Mara Maravilha, ex-apresentadora de programa infantil também cantora convertida da IURD.

2.9.6 Mídias em Rede

Os acoplamentos entre espaços, linguagens e tecnologias.

Há na Catedral da Fé um investimento de dispositivos para captação e transmissão de imagens, um acoplamento do midiático com o ambiente religioso (planta 05, p.25). Quando assistimos a um culto na IURD notamos uma movimentação também de obreiros técnicos tomando seus postos nas câmeras e guias. No corredor cabos da câmera dois, localizada no corredor sobre um tripé de rodas e um cavalete para lhe dar altura, esta câmera cobre a metade do templo, o monitor está sempre focalizando o altar. No púlpito de entrada situa-se a câmera um, também sobre um altar, ela cobre todo o templo. Lá na frente, ao lado do altar a câmera três instalada na grua, operada por um obreiro através de monitor e comandos eletrônicos manuais para dar os comandos de zoom, planos, etc. A grua (Foto 61) possibilita um deslocamento aéreo e a possibilidade da câmera fazer passeios rápidos localizando uma cena interessante ou fazer tomada de panorâmica de todo o interior da Igreja, a grua está sob a direção do bispo no altar, de onde ele infere várias ordens, vou citar uma: Durante a entrevista de uma mulher grávida na sessão do descarrego, após ela ser exorcizada e passar mal, o bispo consegue dominar a situação, a mulher grávida de gêmeos, com uma gravidez de risco é orientada pelo bispo a abandonar os médicos e acreditar de hoje em diante nele, no seu poder de homem de Deus. Sempre com o microfone na mão, ele pede para ela olhar para a câmera e fazer o relato, o bispo pede para a câmera filmar, ela começa a falar, a *câmera-mem* ainda está distante com a imagem que o bispo acompanha no telão, ele pede para a Senhora parar de falar, repreende o câmera alegando que sempre que precisa do registro de um testemunho importante está longe. O câmera nervoso custa a acertar o plano, só depois o bispo retorna à entrevista, pedindo para a grávida retomar sua história.

No teto do palco está pendurado um projetor multimídia grande que reproduz o culto ao vivo através de cenas captadas pelas três câmeras, selecionadas no estúdio e enviadas ao enorme telão pendurado no altar (foto 61). Inúmeros telões são distribuídos na Catedral

Mundial da Fé de Del Castilhos para facilitar o acompanhamento do culto devido ao tamanho do templo (Foto 63). Na entrada do templo a câmera no ombro capta as entrevistas feitas pela repórter com os fiéis. Acima na parte da frente do templo o estúdio de rádio AM, FM e TV. No estúdio de TV há duas câmeras, uma tela de plasma com quem o bispo dialoga com o *call center* e as matérias coletadas dentro e fora do templo. No terraço do prédio ao lado as antenas de transmissão e recepção dos programas via satélite. Outro acoplamento percebido é o som na catedral, muito bem distribuído. No esquema de dispositivos sonoros (Croqui 8) observamos 21 caixas grandes e potentes de som dependuras no teto (Foto 64); no altar vamos encontrar caixas de som de retorno e duas gigantes, com aproximadamente 1,50 metros de largura por 2,00 metros de altura. O som é controlado pelo organista, que aumenta ou diminui, de acordo com a necessidade; por ex: no culto tem um momento em que o Bispo está expulsando os demônios, ocasião em que o som é elevado, também quando todos ordenam para o capeta sair. Em determinados momentos do culto o som é tão alto que vibra o corpo da gente. O número de microfones é bem restrito, só há um, sem fio, que fica com o bispo, com ele faz as entrevistas e todo o restante da cerimônia.

O altar-palco possui vários itens acoplados (planta 10, p.29). No centro o telão que deve medir aproximadamente quatro por três metros de área, abaixo os vitrais com auto-iluminados, ao lado do telão duas janelas com vidro fume - marrom espelhado, que possibilitam a visão só para quem está do lado de dentro da sala, acima dois outdoors iguais com impressão digital, de fundo azul, com versículos impressos em fonte *arial bold* vermelhas e cercaduras brancas para destacá-lo do fundo, entre eles uma cruz de metal e o slogan Jesus cristo é o Senhor, também de metal na cor marrom, com fonte *flareserif* 821 LTBT. O altar-palco é grande e possibilita uma movimentação sem tranqueiras.

Na Igreja Internacional da Graça de Deus não é diferente (planta 11, p.30). Agora ela está instalando uma emissora de rádio, Nossa Rádio 96.7, e a TV RIT, ambas ao lado, em um

prédio alugado. Dentro do templo vamos encontrar uma enorme mesa de som controlada por um pastor, além de instrumentos musicais, aparelhagem de som, etc. Assim é em todas as outras igrejas pentecostais, uma preocupação com a técnica eletrônica.

2.10 O programa ponto de luz - as disposições.

No programa Ponto de Luz, o lugar de âncora está reservado ao bispo, quando este não está, assume o pastor. Atualmente o bispo Darlan Ávila é o titular de todo o Estado do Rio Grande do Sul, a Catedral da Fé é uma espécie de Igreja mãe. A liderança e o carisma do bispo são fatores preponderantes, mas não pode ser usada para benefícios próprios, a não ser os específicos para a Igreja. Nessa discussão busco em Canavilhas¹⁵ sua opinião em relação ao ator midiático:

Assim distinguimos claramente dois elementos preponderantes no processo de comunicação política: os atores e os dispositivos de comunicação. Os atores são os intervenientes ativos no processo de comunicação, aqueles que pretendem renovar o seu poder através da legitimação da opinião pública.

Este personagem tem como requisito a competência, ser conhecedor dos princípios teológicos iurdianos, da bíblia e ainda entender do funcionamento do espetáculo do palco, direção de TV, possuir um bom discurso, ser ágil nas observações (táticas) e ainda dominar a eloquência.

Um bispo polivalente que dá conta do culto na Igreja faz a direção do ritual com a intenção de registrar para ser transmitido na programação, depois ele ainda apresenta programa de rádio e o da TV.

¹⁵ CANAVILHAS, João. Blogues políticos em Portugal; O dispositivo criou novos actores? Universidade da Beira Interior. Portugal – fonte: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação www.bocc.ubi.pt

Assim o acesso aos media surge como uma questão fundamental, quando espaço público e espaço midiático parecem confundir-se.

Existe um cuidado para um bispo não ficar muito tempo no mesmo local. Segundo alguns fiéis, eles são remanejados para não se acomodar e também não formarem uma liderança forte em um só lugar, despertando preferências. O programa Ponto de luz trabalha com os seguintes enunciados:

Âncora: esta função é exercida pelo bispo ou pastor. Ele dirige o programa, tem liberdade de circular pelo estúdio, senta, levanta, emite opiniões, intervém nas entrevistas, convoca os participantes para falar, distribui as falas dos convidados, chama comerciais e matérias, inicia e encerra o programa.

Entrevistada (o): é um fiel convertido pela Igreja Universal do Reino de Deus. É uma pessoa escolhida para contar sua trajetória de desgraças e vitórias obtidas através da IURD. Ela está ao vivo no programa, fala direto com o bispo ou pastor numa conversa cara a cara no estúdio, através de sua história são feitos *links* para outros assuntos e comentários.

Ex-mãe de encosto: é uma senhora que assessora o bispo nos assuntos de bruxaria e assuntos afro-mediúnicos. No estúdio ao vivo, participam somente estes três enunciadore, que interagem entre si, além do *call center*, o SOS espiritual, uma sala onde estão sentados vários pastores que fazem o atendimento por telefone, às vezes há um revezamento entre as esposas dos pastores. Se o caso é interessante é passado para o pastor levar ao ar e intermediado por um encarregado, um pastor que fala ao bispo através de uma tela de plasma fixada na parede, o bispo se dirige sempre a ela. As entrevistas realizadas no templo também são transmitidas ali nessa tela.

Os testemunhos: são entrevistas gravadas no estúdio ou no templo por pessoas que estão indo pela primeira vez ou já são convertidos. São todos filmados e editados, mas sempre é feita uma visita ao vivo no templo, onde o repórter questiona o que a pessoa veio buscar na Igreja, o que obteve de onde vem, etc., geralmente este tipo de conversa informal é feito antes de iniciar a sessão. Durante a sessão o pastor mesmo se encarrega de entrevistar.

O processo enunciativo do programa Ponto de Luz é interessante, pois vários sujeitos estão envolvidos na responsabilidade deste processo, é uma produção coletiva, os enunciadores são afinados na mesma intenção, a de convencer, mas quem assina como produção é a própria IURD. Não dá para deixar de lembrar as interpelações que a IURD faz para convocar as pessoas a irem ao templo participarem das correntes, a meta maior do programa que tem como pauta as suas mensagens, os textos-programas, os produtos.

O Programa Ponto de Luz se difere dos demais na TV aberta, é um programa que não tem patrocínio de empresas, ele é subsidiado pela Igreja, por isso fala só de si, mas a sua lógica não é diferente de seus concorrentes, eles têm o apoio financeiro de seus fiéis patrocinadores através dos dízimos e ofertas, além das compras de produtos como: DVDs, CDs, livros, jornais, revistas, souvenirs, etc.

Para que tipo de pessoas é feito o programa Ponto de Luz? De acordo com o seu horário podemos pensar nas senhoras, donas de casa que estão no serviço doméstico, desempregados, aposentados, idosos, enfermos, etc. É um horário para pessoas mais adultas e necessitadas assistirem, pois nos outros canais estão assim distribuídas as grades de programação:

Rede Globo: Vídeo Show até 14h30 min., após o programa Vale a Pena Ver de Novo, reprisando a novela Laços de Família.

SBT: seriado americano até as 14h15 min., logo após reprise da novela mexicana Café com Aroma de Mulher.

Rede Record: filme americano.

TV Guaíba: programa de variedades até as 14h25 min., logo após matine com filme enlatado americano.

TVE: programação infantil até às 14h30min, logo após Castelo Ratimbum.

MTV: clipes musicais.

Rede Vida: programa de entrevistas sobre assuntos variados.

O programa dispõe de várias linhas de telefone para o telespectador participar e esta mesma participação acaba servindo de matéria para preencher o programa, como a transmissão é ao vivo, esta participação altera o programa. Carlón (2004) chama atenção para esta prática na televisão.

El dispositivo televisivo, que registra em directo um evento real, es um facilitador del intercambio que parece estar em um lugar “intermedio”, entre um evento real, locutores, comentaristas y espectadores reales y activos que, cuando operan otros dispositivos – por ejemplo, el telefono, pueden modificar com su intervencion el curso de lo que el dispositivo está captando. (CARLÓN, 204, p. 79)

3 Análises relacionais

3.1 O dispositivo templo catedral da fé (iurd) em comparação com a catedral metropolitana e o shopping praia de belas

Para entender o que é dispositivo: Quando passamos na frente da Igreja Universal do Reino de Deus na Avenida Júlio de Castilhos, 607, Centro de Porto Alegre, não nos damos conta da sua complexa forma de organizar as coisas, da transformação das realidades, da sua tecnologia de ponta para transmitir e dos seus meios estratégicos para produzir o consumo de bens simbólicos transformados, apropriados, hibridizados, sincretizados. Para congregar tudo isto ela se estrutura em um conjunto de elementos que transformam, marcam e mudam os relacionamentos, reagenda o espaço e muda os sentidos, a tudo isto poderemos chamar de dispositivos. Com sua localização funcional, a arquitetura hibridizada do pavilhão de fábrica com shopping, ela se propõe a ser um filtro na “boca do lixo” da cidade, torna-se assim um dispositivo de disciplina, produção e distribuição midiática, além do de vendas que é totalmente assumido. Antes recorro ao significado etimológico da palavra dispositivo para depois voltar às abordagens.

Dispor. [Do Latim *disponere*.] 1. Arrumar, colocar em lugares próprios, adequados, convenientemente. 2. Aplicar, assentar; arrumar. 3. Colocar em certa ordem; arrumar de determinado modo. 4. Preparar, arrumar, organizar. 5. Pôr em ordem ou no devido andamento. 6. Planejar, planear, planificar, programar. 7. Imaginar, criar, conceber.

Disposição. [Do latim *dispositione*] 1. Colocação metódica; distribuição ordenada; arranjo. 2. intento, propósito, desígnio, determinação. 6. emprego, uso.

Dispositivo. Adj. 1. que contém disposição, ordem, prescrição. 2. regra, preceito, prescrição. 3. artigo de lei. 4. mecanismo disposto para se obter certo fim. 5. conjunto de meios planejadamente dispostos para com vistas a um determinado fim. 8. modo peculiar como se acham dispostos os órgãos de um aparelho.

O que ela dispõe? Contudo observa-se que estes dispositivos iurdianos podem servir para várias finalidades além do estritamente religioso. Passam por essa instituição tecnologias que organizam as coisas e transformam a realidade, um conjunto de elementos estruturadores, reagenciamento dos espaços, na mudança de sentido, este relacionamento é marcado e mudado através dos dispositivos.

Pistas para entender a localização e os acessos: Está disponível o templo maior em uma localização privilegiada de acessos, é o centro onde convergem todos os tipos de conduções que transitam a cidade, o fluxo de trânsito passa por todos os lados da Igreja, sem contar ainda com as referências, de frente para a rodoviária, perto da estação metrô, referências populares, pois quem anda de ônibus e metrô no conceito de cidadão brasileiro é o povo, então a IURD está direcionada para facilitar o acesso do povo, ela vai até ele, se disponibiliza, ainda chama a atenção a sua exibição na entrada da cidade, não é mais aquelas torres enormes da Igreja Católica com sinos que recepcionavam os visitantes, agora é a Igreja Universal com seu prédio majestoso que se exhibe e impressiona pelos apelos de tamanho, arrojo arquitetural da fachada, luxo; torres de antenas midiáticas, é a troca da lógica do mediático para o midiático acenando para os transitadores, transforma-se assim em uma Igreja urbana, midiática e popular. Contudo não podemos também esquecer que ela está fundada

numa região “marginal” da cidade, vizinhando com mercadorias baratas, boates, cinemas pornô, motéis e hotéis de “sem estrelas”, rodeada por prédios e sobrados antigos, abandonados, que à noite se torna um ambiente ermo, ameaçador para quem não está acostumado. Cheiros típicos de um consumo barato, popular, de uma higiene precária, o aroma de urina com a fumaça de churrasquinho, do molho do cachorro-quente, pontos de ônibus abarrotados de pessoas, é neste contexto que a Igreja Universal está envolta.

Dentro desta nova configuração de localização, a Catedral da Fé disponibiliza-se para estas classes sociais menos favorecidas. Ela foi atrás, facilitando a chegada de todos, anuncia por todas as suas mídias como chegar, além de ficar aberta o dia todo, até altas horas da noite, não importa o turno que o fiel sai de seu trabalho, ele sabe que vai ter durante toda a semana a corrente funcionado, e na terça-feira será somente a sessão do descarrego, se ele trabalhar de manhã, poderá ir de tarde, é o fiel que faz seu horário, e a mesma repetição do dia da corrente ocorre nos acessos midiáticos, seja na internet, no rádio, na televisão, é tudo *standardizado*, adequado para não deixar ninguém de fora. Os acessos também são pensados em relação à mídia, o programa ponto de luz, por exemplo, é emitido no horário após o almoço, quem faz contato por telefone é aquela pessoa que após o almoço está lavando a louça, é o desempregado, o doente, um excluído, enfim é um horário para captar fiéis que estão sem um compromisso, estão disponíveis e quem sabe precisando da ajuda de um pastor que se oferece para ajudar sem parar para pessoas que não possuem os organismos tradicionais de amparo à cidadania. É ali que acontece, na frente da televisão e nos outros meios, principalmente o rádio, o convite, a demonstração de resultados feitos pelos testemunhos, também desgraçados antes de conhecer a IURD. Observa-se que os testemunhos são elos importantes, pois como afirma Rodrigues¹⁶ (2000) em relação aos convidados:

¹⁶ RODRIGUES, Adriano Duarte. **A Pragmática da comunicação** in: comunicação e Cultura A experiência Cultural na era da informação.

No entanto, situado dentro do espaço enunciativo do telejornal, o discurso dos convidados adquire um estatuto diferente daquele que teria se estivesse situado noutro quadro enunciativo. As palavras dos convidados não se apresentam, neste contexto, como a livre expressão de idéias ou de opiniões, mas como a palavras de um especialista ou de um perito, como testemunho de observadores privilegiados. (2000, p. 152)

A propósito a IURD não deixa de fora os mais afortunados, as classes mais favorecidas ou mesmo a “emergente iurdiana” que agora já possui seu carro, para isso ela inova na arquitetura das suas Igrejas e o estacionamento faz parte da mesma como no shopping, o fiel entra de carro, sai ao lado do altar, sem apanhar intempéries, ser molestado por “flanelinhas” ou insegurança de roubo contra o bem, e além de tudo ainda é de graça.

3.1.1.1 A fachada como espelho do mundo do consumo.

Na época das religiões tradicionais poderíamos separar os dois mundos em o sagrado e o profano. Nos nossos dias podemos afirmar que se dividem da seguinte forma: O sagrado e o consumo. O sagrado dentro dos assuntos que se referem à religião e ao consumo em relação aos indicadores midiáticos, tais como logomarcas, elementos de midiatização, sendo seu expoente o néon como articulador entre midiatização e sociedade consumista. Além da iluminação e toda a Igreja no formato de shopping, formatando uma sociedade de consumo.

A catedral tem que ser vista o tempo todo, para isto ela faz investimentos na sua fachada e na sua exposição, atraindo a atenção do público. De dia ela espelha através de seus vidros uma sutil leveza e transparência, um lugar onde você pode se ver, ostenta uma grandiosidade estética funcional; à noite se converte em “cassino” roubando a cena de outras fachadas comerciais, de outras luzes, em tom lilás ela gera a luz. Durante o dia ela reflete uma “limpeza”, claridade, luz que para a IURD é um elemento muito precioso nos seus discursos, é o programa Ponto de Luz, a corrente da sessão do descarrego com o caminho da luz. Ali naquele lugar sombrio ela se torna a própria luz, assim também são iluminados os seus

logotipos, a cruz cristã, sem o corpo morto do Cristo, se torna uma logomarca iluminada, representando um poder simbólico como colocou Bourdieu (1990):

O poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. É somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem. (BORDIEU, 1990, p. 167)

As fachadas servem como folha de rosto, capa, portal, um recorte de acesso a um mundo a parte, um espaço dentro do outro, dois mundos antagônicos, mas que se afinam no consumo. A marca IURD, hoje globalizada possui investimentos publicitários muito fortes, nessa discussão Zozzoli (1998) ajuda-nos a refletir melhor sobre o tema:

O fenômeno de venda com marca, oposto à produção anônima, pode ser considerado como um dos principais fatos da economia moderna, pois a lógica da marca (re) modela, hoje em dia, as trocas. Atualmente a marca não constitui mais uma informação que vale por si só, como signo da natureza das coisas ou como puro signo da garantia de um saber. Descobriu-se que seu valor existe enquanto tem gente que lhe confere confiança.

Ao tempo em que não são diretamente disponíveis a seu respeito. Verifica-se também que, ao papel de caução da marca, acrescenta-se ao fato de que uma marca pode ser procurada por ela mesma. Seu valor reside, pois, na sua significação simbólica. Só tem vida no mercado porque compartilha em sua comunicação. É o lugar que ocupa na mente do homem (social e precisamente societário) que determina seu valor. Homens e produtos definem-se reciprocamente. (ZOZZOLI, 1998, p. 55)

A marca da IURD tem inserida um coração vermelho como sintagma mundialmente convencionado, e no centro uma pomba que para os pentecostais significa o Espírito Santo, mas para outras pessoas que não interpretam este signo, ele pode possuir outras interpretações, a propósito deste tema Durand (1997) aparece para nos ajudar:

O pássaro é desanimalizado em proveito da função. Uma vez mais não é para o substantivo que o símbolo nos remete, mas para o verbo. A asa é o atributo do voar, não só o pássaro ou do inseto. Os psicólogos ensinam-nos que as interpretações de pássaros e borboletas formam um grupo bem distinto dos outros símbolos teriomórficos, salvo talvez o caso dos pássaros noturnos e do morcego, simples produtos das trevas. As imagens ornitológicas remetem todas para o desejo dinâmico de elevação, de sublimação.

(...) quanto à pomba, pássaro de Vênus, se aparece muitas vezes implicada num contexto sexual, e mesmo tônico, não deixa por isso de ser o pássaro do Espírito Santo, “a palavra da mãe celeste, a Sofia”. Se, desempenha um papel sexual na mitologia cristã, esse papel é nitidamente sublimado. (DURAND, 1997 p. 131)

Mas um fato é curioso nas fachadas da IURD, se apagássemos as marcas religiosas que estão fixadas lá, certamente não se observaria uma Igreja, passaria despercebida, a que não acontece com as Igrejas ditas históricas.

3.1.1.2 Espaço Interno e suas funções.

A grandiosidade do espaço interno do Templo Maior da Igreja Universal do Reino de Deus impressiona, projetado com intenções mais funcionais, pragmáticas do que estéticas, não possui colunas que possam obstruir a passagem ou o acompanhamento no culto ou mesmo às tomadas feitas pelas câmeras, é o maior auditório de Porto Alegre segundo o pastor Misael do programa Ponto de Luz (16/01/2006).

O conforto das poltronas reclináveis possui algumas funções específicas, os fiéis não se tocam ao sentar-se lado a lado, elas possuem dispositivos para descansar os braços, é cada um no seu lugar, extensão do assistir televisão em casa, do e-mail e computador “pessoal”, enfim de uma mídia individualizadora. No templo ele é ator, consumidor e interlocutor, o lugar é de consumo onde cada um é um, não há um pertencimento da comunidade, é fragmentado, um consumidor singularizado, simultaneamente todos se comportam assim, é um etos, ou *habitus*.

A distribuição das poltronas é igual, nivelada, distribuída democraticamente, em qualquer lugar que se sente pode observar tudo o que se passa, não há privilégios, é de quem

chegar primeiro, e tem lugar para todos, exceto domingo, quando os que estão de pé assistem pelo telão. A sua organização é direcionada para as pessoas circularem sem incomodarem umas às outras ao entrarem em seus lugares. Naquele “mar” de cadeiras é possível o obreiro detectar alguém que está com algum tipo de “encosto”, distribuir e recolher os envelopes de oferta e dízimo, eles chegam rápido quando alguém solicita, o fluxo interno facilita os acessos. Também serve para vigiar se há algum “estranho”, eles não toleram pessoas que vão para pesquisar ou simplesmente observar seus cultos e registrar, os mais visados são as mídias. Eu sempre assisti aos cultos como se fosse um fiel, participando enquanto arquivava mentalmente tudo ao meu redor, depois anotava e no outro dia retornava para sanar dúvidas. Internamente não há possibilidades de fotografar, filmar ou escrever alguma coisa, sempre tem um olhar de um obreiro sobre nós, eles circulam esquizofrenicamente ao redor do pessoal, o próprio bispo Darlan afirmou em um culto que tinha excelente capacidade de guardar a imagem das pessoas quando se referia a uma senhora: - eu já vi a senhora aqui! Campos (1999), ao falar dos estranhos atores indesejáveis observa:

Em virtude da intensa participação da platéia na encenação e de suas brigas com a mídia, a Igreja Universal do Reino de Deus tem-se mostrado cada vez mais desconfiada com pessoas, que queiram fazer algum registro do que ocorre em seus templos. A presença de jornalistas, pesquisadores e curiosos é rapidamente percebida. Há indivíduos que funcionam como “receptores de informações” e transmitem aos “diretores do evento” a existência de anomalias, durante a sessão de culto. (CAMPOS, 1999, p. 110)

A IURD se preocupa com o que o fiel está fazendo lá dentro, por isso vigia, mas ela disponibiliza todos os espaços do templo, como por exemplo, o altar/palco. As pessoas transitam, ele serve como cenário e acolhimento dos que estão “endemoninhados”, ao contrário da Igreja católica e outros cultos onde o altar é sagrado. A IURD transgredir esta lei visando uma finalidade específica, porque o espaço ocupado pelo fiel é pago por ele. O direito de consumi-lo está dentro do custo.

Caillois (1963) ao estudar as relações gerais do sagrado e do profano registra o seguinte:

Deste modo, o profano deve, no seu próprio interesse, esquivar-se a uma familiaridade tanto mais funesta quanto o contágio do sagrado não é menos fulminante pela sua rapidez que pelos seus efeitos. A força que o homem ou a coisa consagrada encerram está sempre pronta a derramar-se para o exterior, a escapar-se como um líquido, a descarregar-se como a eletricidade. Por isso, não é menos necessário proteger o sagrado de todo o comércio com o profano. Este, com efeito, altera o seu ser, faz-lhe perder as suas qualidades específicas, esvazia-o de uma só vez da virtude poderosa e fugaz que ele continha. É por esta razão que se deve ter a necessidade de afastar de um lugar consagrado tudo o que pertence ao mundo profano. Só o padre penetra no santo dos santos. (CAILLOIS, 1998, p. 21)

Diferentemente da Catedral Metropolitana, na IURD não existem ícones nas paredes para serem consumidos, as paredes são limpas, somente emitem luz através de seus vitrôs de estética *kitsch*¹⁷ com vidros martelados coloridos produzidos e distribuídos em série, outra característica da padronização como forma de reconhecimento na sociedade de consumo. Dentro da iconografia religiosa no altar, avista-se somente a cruz sem o Cristo, a frase “Jesus Cristo é o Senhor” e um vitrô auto-iluminado com ilustrações sincréticas do Velho e Novo Testamento misturado com sintagmas do mundo atual.

Quanto ao ambiente, ele é limpo, higiênico, os banheiros impecáveis, o restante do enorme salão não possui adereços, é “*clean*”. Um ambiente que proporciona através de ar condicionado central um local climatizado, uma temperatura agradável, igual ao do shopping. Ajuda a construir um mundo particular, favorece a fixação da pessoa no ambiente, diferencia do “mundo de fora”, proporciona conforto aos que não tem.

É comum nos intervalos dos cultos encontrarmos pessoas humildes com suas sacolas de supermercado ao lado, tirando um cochilo. O ambiente proporciona esta segurança e

¹⁷ **Kitsch** é uma arte falsa, de fácil compreensão, para mero entretenimento e prazer e reprodução de padrões já existentes, a Cultura e a Arte tornam-se Kitsch quando são produzidas em massa e com o objetivo de se adaptar ao público e ao Mercado.
Fonte: <http://www.cultkitsch.org/ser/manifesto.htm>

conforto e ao exemplo do shopping às portas também se abrem para os que chegam, automaticamente.

Para abordar a iluminação é necessário dizer que a IURD não está preocupada em poupar luz. No último culto que assisti em 9/01/2003, o bispo Darlan, ao pedir dinheiro nas ofertas, argumentava para a platéia, que o valor da luz paga por mês é de sessenta mil reais.

É um local muito iluminado, claro, que abre interpretações diversas. Vou fazer três tipos de leitura em relação à questão luz:

1. A luz é o contrário das trevas, das dificuldades, todos se enxergam, ela sai de dentro para fora, até seus vitrais são auto-iluminados, portanto é uma “usina de luz espiritual”.
2. Sendo um espaço destinado para gerar espetáculos, captar imagens, a luz se torna elemento essencial, pois as câmeras ficam diretamente ligadas e todos os cultos são filmados.
3. Como no shopping, a luz faz parte de uma estratégia de consumo. Ela não poderia faltar na Igreja, que realiza as mesmas práticas.

A luz na IURD está em todos os lugares. No teto há uma enorme cruz de vidro colorido sobre as cabeças dos fiéis; no altar, holofotes são direcionados na hora das “cenas fortes” mais espetaculares; nas paredes há iluminação indireta. O palco é controlado por uma mesa de luz, gerando efeitos dramáticos durante o culto. Às vezes podem ser apagadas as lâmpadas sobre a multidão, ficando somente os holofotes do palco. Isso só ocorre quando as pessoas com “encosto” são exorcizadas naquele local.

3.1.1.3 Mediações entre os dispositivos.

O que interessa para nós neste primeiro momento é uma tentativa de compreender a intersecção do pentecostalismo (IURD), catolicismo (Catedral Metropolitana) e consumo

(shopping Praia de Belas), mais adiante eu centralizo na discussão da intersecção dos dispositivos religioso e midiático. Ao considerar muitas diferenças ao comparar o templo iurdiano com o católico e o shopping, (experiências não compartilhadas), mas também muitas identificações entre si, são através destas comparações que vamos chegar aos elementos de mediatização e mediação entre a sociedade de consumo. Retorno aqui novamente ao dicionário para saber o significado da palavra mediação:

Mediação. [Do Latim *mediatione*.] 1. Ato ou efeito de mediar. 2. Intervenção, intermédio. 3. agenciamento, corretagem.

Mediar. [Do Latim *mediare*] 1. Dividir ao meio; repartir em duas partes iguais, 2. intervir como árbitro ou mediador. 3. ficar no meio de dois pontos.

A idéia de que a igreja mediatizada é uma intersecção entre o dispositivo religioso clássico com o dispositivo midiático remete mais a seu lugar de mediação. Passa pelas identificações das marcas que estamos trabalhando, assim juntamos tudo o que é religioso com tudo que é midiático, essa intersecção não é a soma de dispositivo religioso com dispositivo midiático, mas pelo contrário, ela é a diferença dos dispositivos religiosos do midiático, por isso ela é intersecção, ou seja, vai aparecer nos acoplamentos, e simultaneamente este lugar é o deslocamento que domina.

Se pegarmos o conceito de consumo aparecerá várias marcas onde domina o midiático, que se relaciona com a sociedade inserida neste contexto atual. Agora temos uma outra elaboração, existe um nível de mediatização que se dá na intersecção do dispositivo religioso, com a diferença do dispositivo midiático, numa relação que é de proporção simultaneamente um é mais o outro e um é menor membro do outro. Esta relação se constrói quando dentro do espaço midiático a Igreja reproduz suas imagens religiosas re-mediatizadas,

por ex: ao falar com a tela do plasma o bispo comenta imagens do culto da Igreja com ele mesmo pregando ou entrevistando. O programa é mostrado na tela da TV e a tela da televisão revela a tela de plasma mostrando o programa religioso, assim é transformado num outro dispositivo que é midiático onde ocorre uma outra correlação entre dispositivo religioso que não é a anterior.

Isso aponta a complexidade deste processo. Por um lado eu tenho a Igreja que é transformada pela intersecção do dispositivo midiático por subtração e adições de ambos no espaço que a gente já percebe que é da sociedade de consumo, ou seja, o espaço é midiático por dominação.

Diversos dispositivos aqui se entreveram, entre eles o religioso, e o midiático, que se transformam em outros dispositivos como de poder, tecnológico, simbólico e os de informação que passam por técnicos com sua experiência em vários momentos da produção midiática, e no processo de produção para a comunicação. Podemos assim afirmar que a IURD se insere dentro de uma nova gênese de trocas em todos os sentidos, propondo novidades dentro dos dois campos em que está incluída, o religioso e o midiático, ela se aproveita de um etos midiaticizado descrito por Sodré (2002):

A mídia (“meios e “hipermeios”“) implica uma nova qualificação da vida, um bios virtual. Sua especificidade, em face das formas de vida tradicionais, consiste na criação de uma eticidade (costume, conduta, cognição, sensorialismo) estetizante e vicário, uma espécie de “terceira” natureza. À maneira do “anjo”, mensageiro de um poder simultâneo, instantâneo e global exercido num espaço etéreo, as tecnologias da comunicação instituem-se como “boca de Deus”: uma sintaxe universal que fetichiza a realidade e reduz a complexidade das antigas diferenças ao unum do mercado. (SODRÉ, 2002, p. 11)

Dentro deste universo traz para as pessoas possibilidades de usufruir uma fé, uma religião dentro dos padrões mais modernos e contemporâneos na comunicação social.

Vê-se a Igreja Universal atrelada ao que há de mais moderno em meios de acesso e transmissão midiática, mas para isso foi necessário mudar a linguagem do rito religioso, adaptá-lo para a mídia, “enxugá-lo”, apagar as marcas religiosas, tomando assim um cuidado para não se tornarem programas chatos, cansativos e repelidos. Sua tática é ficar nesse limiar sincrético religioso midiático, procurando uma identidade própria onde não querem ser tachados de Igreja eletrônica e ao mesmo tempo religião que incita o consumo, religião paga, estigma que procuram negar sempre. O que ela trás de novo para o meio social é a possibilidade de acessos, sua localização, seus espaços, sua doutrina fácil e a inserção social às possibilidades de consumo dentro de uma sociedade de consumo excludente, a IURD é uma possibilidade para os excluídos, através de suas correntes ela facilita o acesso a sessões em grupos de psicanálise, médicas, auto-ajuda, empreendedorismo empresarial, inclusão social e consumo.

3.1.1.4 Dispositivos de consumo.

A Igreja serve de produção com mecanismos próprios de dispositivos para transmitir, gerar, produzir e arquivar seus produtos simbólicos - religiosos que possuem uma circulação, um fluxo. Desde a sua origem mostrou-se por excelência midiaticizada, talvez se explique o seu grande crescimento em tão pouco tempo, mas também não podemos deixar de lembrar sua inserção no mercado de consumo, para onde direciona suas práticas religiosas, dispondo de um espaço que o fiel participa também como ator midiático. Através da espetacularização do culto na Igreja que está sendo mostrado serve para duas finalidades: valoriza o que está sendo mostrado e agrega valor simbólico religioso e midiático, retornando ao fiel que paga por todos estes produtos, ao se auto-midiaticizar através da TV, internet, rádios, jornais, etc. Essa midiaticização aqui se refere a um conjunto de dinâmicas que são direcionadas para uma empresa midiaticizar. Assim a IURD usa basicamente a estrutura midiática para existir e

socializar. Ela mediatiza a sociedade de consumo, produção de sentido e do lugar da produção de sentido sobre ele, a mídia produz um local de socialização.

3.1.1.5 A arquitetura com seus dispositivos: Uma leitura com Foucault.

Quais seriam os dispositivos instrumentais diferentes ou compartilhados que tem a Igreja com o poder? Como aparece esse poder? Falaremos de poder, mas a idéia de articulação onde se mistura elementos do dispositivo midiático com os elementos do dispositivo religioso deslocando o dispositivo religioso para outro lugar. Para entender esta problemática vou a Foucault (2000) buscar subsídios para a fundamentação.

Parece-me que, no final do século XVIII, a arquitetura começa a se especializar, ao se articular com os problemas da população, da saúde, do urbanismo. Outrora, a arte de construir respondia, sobretudo à necessidade de manifestar o poder, a divindade, a força. O palácio e a igreja constituíam as grandes formas, às quais é preciso acrescentar as fortalezas; manifestava-se Deus. A arquitetura durante muito tempo se desenvolveu em torno destas exigências. Ora, no final do século XVIII, novos problemas aparecem: trata-se de utilizar a organização do espaço para alcançar objetivos econômico-políticos. (FOUCAULT, 2000, p. 211)

Foucault (2000, p. 130) afirma que “A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço, e que para isso ela utiliza diversas técnicas”.

Ao considerar esta afirmação podemos conjecturar que a doutrina neo-pentecostal disciplina os seus fiéis para servir, consumir e corpo diretivo para obedecer. Há disciplina até no deslocamento dentro da Igreja propiciado pela distribuição dos bancos.

Foucault (2000, p. 133) diz que: “A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações”.

As poltronas da IURD possuem uma solidão celular, aqui vista como uma continuidade de uma sociedade individualista, onde cada um cuida de si, como o próprio

pastor falou no último culto que assisti: -“Aqui cada um tem que procurar se salvar, não se preocupe com os outros, faça a sua parte se você quiser ser salvo no juízo final e ficar ao lado de Jesus”.

Para Foucault a disciplina organiza um espaço analítico, chegando a estas práticas:

E ainda ela encontra um velho procedimento arquitetural e religioso: a cela dos conventos. Mesmo se os compartimentos que ele atribui se tornam puramente ideais, o espaço das disciplinas é sempre, no fundo, celular. Solidão necessária do corpo e da alma, dizia um certo ascetismo: eles devem, ao menos por momentos, se defrontar a sós com a tentação e talvez com a severidade de Deus. (FOUCAULT, 2000, p. 131)

Podemos observar na Catedral Metropolitana, junto ao altar, o lugar sagrado do templo, dois camarotes com visão privilegiada dos demais fiéis, são camarotes destinados a autoridades, demonstrando através desta arquitetura e divisão dos espaços, uma estratificação social e também sua relação com as elites do poder, camarotes na sociedade atual existem, qualquer um pode acessá-los, mas para usufruir este privilégio tem que pagar. No templo católico há espaços específicos de poder, o altar que fica restrito as autoridades religiosas, portanto é uma demarcação de autoridade, eles estão na “cabeça do Cristo” segundo o próprio formato arquitetônico, ficam acima de todos com lugares previamente separados. Esta lógica na IURD, como já comentei, é invertida, o altar vira palco e vice-versa, dependendo da necessidade ele se transforma, possui cenário, telão e não obras de arte. O espaço é invadido pela platéia como um espaço de consumo. Outro detalhe demanda questionamentos, o púlpito.

O púlpito no templo católico serve como dispositivo de mediação da voz do sacerdote com os fiéis, instalado na parte lateral esquerda da Igreja “passava o sermão”, era também um momento que ele subia e ficava acima dos participantes, claro que além de ser um dispositivo de controle, também era funcional, para melhorar a distribuição do som, servia também como

dispositivo de poder, era uma “fala escolhida”, que vinha de cima, o pregador fazia a interlocução de Deus, portanto uma mediação.

O púlpito na IURD tem uma função diferente, é um dispositivo para espiar, ver, enxergar, instalado na entrada, é uma espécie de *panóptico*¹⁸ dali o *câmera-mem* registra todos os movimentos com sua potente e moderna câmera digital, com uma visão privilegiada de todo o templo que não possui obstruções arquitetônicas, eles têm acesso através do zoom em qualquer ponto do culto.

Contudo no espaço do Shopping Praia de Belas vamos encontrar uma arquitetura também circular em que é difícil se esconder, estão todos expostos, pessoas e lojas através da distribuição dos dispositivos de consumo. A circulação permite o acesso aos produtos através da visibilidade dos vidros, das vitrines, um observa o outro, não há privacidade, também está bem iluminado pelo teto, a cúpula e as torres de vidro. Notamos no shopping uma inspiração arquitetônica da Catedral. O acesso do shopping possui um detalhe, é estratégico, oferecido só para quem vai de carro, localizado numa região que ir a pé não se torna convidativo, ai fica uma pergunta, não seria uma estratégia para selecionar as classes que só iriam para lá “vitrinar”? Num dia em que visitei o shopping era feriado e o ônibus no dia de feriado em Porto Alegre é de graça para toda a população. Então percebi uma agitação muito grande no interior do shopping, muita segurança, chamava a atenção de centenas de adolescentes que chegavam e andavam em bandos, roupas típicas de “*rappers*”, ao indagar um dos guardas ele me respondeu o seguinte:

¹⁸ O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas na celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente.

- Hoje o trabalho é dobrado, tem ônibus de graça. E como tu podes ver, eles espantam os consumidores.

A arquitetura do shopping é em função da facilidade do acesso e trânsito internos, não interessa para o recinto quem não vêm consumir, é para o lazer pago. Assim encontraremos poucos bancos para se sentar que não estejam os das praças de alimentação, e por incrível que pareça o 3º piso do shopping também é destinado ao aluguel, ao exemplo da Catedral Metropolitana, e não fica só nisso, a fachada também possui torres, e o tamanho impressiona nos três. O palco para o espetáculo está sempre montado no shopping uma estratégia para atrair consumidores, sua fachada é auto-iluminada como a da IURD, a climatização, higiene e iluminação não se diferencia, até a tematização converge para as práticas do consumo, a IURD tematiza suas correntes, e o shopping, as datas religiosas ou não canalizadas para o consumo como: natal, páscoa, dia dos pais, mães, crianças, namorados.

3.2 O dispositivo templo Catedral Metropolitana

Situada e circundada pelos poderes do Estado e da cultura, a Catedral Metropolitana, clássica, elitista, funda sua base em formato de cruz, se exhibe mais para ser consumida pelo lado estético-histórico do que religioso. As pessoas vêm na Catedral, um monumento, sua história, construção, arte arquitetônica, suas obras de arte, sua própria arquitetura é uma obra de arte, um museu, tanto é que no andar de cima está sendo montado um, e ao lado se encontra um ossuário, que arrecada aluguel, espaço que se iguala ao do shopping, espaço para arrecadar dinheiro, e o coro que é um espaço de mediação com o divino, na IURD está instalado o estúdio de TV e rádio para mediatizar o divino, que alcança os fiéis a milhares de quilômetros, mas ao usar o som do sino suas intenções da época não eram diferentes, poderíamos comparar a uma vinheta, como por exemplo, o “*plin-plin*” da Rede Globo, e o

conseguia, pois a religiosidade estava inserida dentro de um contexto social mais local, comunitário, geograficamente limitado com a inclusão da Igreja na comunidade rural, e mesmo se fosse às capitais, estas ainda não sofriam as concorrências de edifícios “arranha-céus” que terminariam por abafá-la nos centros urbanos. A Igreja Católica, com milhares de capelas, Igrejas e comunidades espalhadas pelo território, é uma organização institucional social tradicional, com hospitais, universidades, cemitérios, poder mundial centrado no vaticano reconhecido como um Estado, enquanto a IURD se encontra no nível de Igreja particular, privada, nascida em cartório através de um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas), é a Igreja do Bispo Edir Macedo.

Enquanto a catedral abre suas portas para a visitação e fruição, a IURD abre as suas para o consumo. Nas palavras do padre José, que canta na Catedral Metropolitana é o “Palácio de Deus”. Fincada ali, representa a tradição, o monumento, atraindo turistas e poucos fiéis. Intriguei-me com o fato de a Igreja montar na praça o presépio natalino disputando a atenção dos monumentos ali existentes, não seria mais conveniente levá-lo para dentro do templo para atrair as pessoas? Não seria ela a detentora dos direitos de divulgação do advento do Natal? Que necessidade houve para expô-lo na rua? Enquanto isso na IURD o Natal passa despercebido, mas no shopping está montada uma árvore de Natal gigante, porém com os sintagmas religiosos apagados.

Nas duas missas das dezoito horas que assisti apenas trinta e quatro pessoas num dia e quarenta e sete em outro, nos cultos da IURD a média é a metade da Igreja ocupada, isso gira em torno de duas mil e cem pessoas mais ou menos por culto. Na hora de pegar as ofertas duas senhoras passam com uma caixinha, sem pedir nada, a oferta é livre, na entrada da porta tem um cofre de ferro para depositar as ofertas, já na IURD o sistema de coleta é sistematizado e rápido, é “toma lá dá cá” como diz o adágio popular, o dinheiro é pedido, as pessoas são condicionadas a “dar” a sua melhor oferta, esta insistência se manifesta várias

vezes durante o culto, e paga sem reclamar, prática aproveitada pela IURD dos cultos afro-mediúnicos que também possuem o costume de cobrar pelos serviços espirituais, o que o fiel faz é apenas trocar o fornecedor, nunca se viu os pentecostais falarem mal desta prática de cobrar os serviços religiosos, quando indagados argumentam com a “Palavra de Deus”¹⁹.

O do culto da Universal é dinâmico, com som altíssimo, gritarias, possui uma energia pesada, é gerada uma tensão no ar, há prazos para cumprir, o bispo olha no relógio seguidamente, pois tem que produzir vender, faturar. É o tempo lá de fora, tenso, barulhento, disputado, exigido no âmbito material, nas necessidades de consumo, da sincronia com a atualidade midiática, tempo corrido, inserido nos custos, nas metas e objetivos materiais, é gente que vem do trabalho, são outros que vão para o trabalho, são vários tensionamentos, e a igreja pega esse cidadão no “pique”.

No templo católico três padres se revezam com toda calma do mundo, sem pressa no falar e no agir, o “céu pode esperar”, é um ambiente clínico como bem observou o Professor Jairo Ferreira. Com sua penumbra possibilita a introspecção, a auto-análise, por isso chama a atenção à alteração dos tempos, os católicos estão na dinâmica do tempo integral à devoção, os iurdianos estão inseridos no tempo da produção, do consumo cultural, já a catedral, no tempo contemplativo, inclusive os seus dispositivos luz, som e ambiente na produção diferenciam a produção de sentidos. A luz da Catedral Metropolitana é uma luz que vem de fora, “vêm de Deus” através da cúpula que se situa em cima do altar, lugar sagrado restrito aos fiéis, os lustres ajudam a embelezar com uma iluminação ainda incandescente amarelada, os vitrais são obras de arte mediadora dos santos e anjos celestiais, é uma “iluminação sagrada”, quanto a iluminação externa à noite, ela diverge da do shopping e da IURD, é um iluminação que vem de fora, para iluminar o conjunto da obra, é para exibição e não para conquistar, seduzir.

¹⁹ trouxe todos os dizimos a casa do tesouro, para que haja mantimento em minha casa, e fazei prova de mim diz o Senhor dos exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma benção tal, que dela vos advenha a maior abundância. Malaquias cap. 3 vs 8-10 Bíblia e Harpa Cristã Sociedade bíblica do Brasil - Ed. 1995

A música do shopping Praia de Belas é ambiente, som desestressante tipo o de aeroporto, o da Catedral Metropolitana é formado por um grupo de pessoas voluntárias, que apenas canta pelo prazer, juntam-se ao redor de um microfone cantando canções sacras para uma elevação de espírito, enquanto isto na IURD as músicas que o fiel canta são as músicas *gospel* que ele escuta nas rádios e programas da TV, que lê, compra na loja da Igreja, que todos sabem de cor, adaptada em diversos estilos musicais, que passa pelo forró, rap, sertanejo. As outras Igrejas católicas que visitei (São José e Santa Terezinha) possuem corais e antigos órgãos que possibilitam gerar músicas das épocas gregorianas. A acústica da Catedral está pensada dentro da arquitetura para propagar o som com seus ecos e timbres peculiares, é curioso ver caixinhas de som dependuradas pelas colunas, na Igreja São José os televisores estão sobre suportes, servem para uma transmissão interna dos cantos no coral, mas não adianta, sua vocação é mediática e não midiática, ao contrário da IURD que segundo o Pe. SJ Pedro Gomes argumentou em minha banca de qualificação, já nasceu midiática, está inserida dentro de um contexto midiático usando a TV e o sistema midiático. A presença de ventiladores espalhados pela Igreja católica é interessante, o fiel passa muito calor, não há um sistema de refrigeração, e sua instalação quebraria a harmonia estética, além do mais penso que o templo católico foi inspirado mais para a penitência do que para o gozo.

O espaço interno é um amontoado de mobílias sacras, com bancos pesados e desconfortáveis, dispositivos de penitência e servidão, onde o fiel fica de joelhos em vários momentos da missa, porém eles juntam mais as pessoas, existem um contato, seja através de um pedido de “com licença”, ou “desculpe”, lêem o folheto de canto juntas, suas duas fileiras no passado separavam os gêneros, homens para um lado, mulheres para outro. O confessionário, outro dispositivo que tem como objetivo a dedicação e o controle, essa consideração vem de Steinkamp (2000) em sua tese de doutoramento sobre o poder pastoral:

Para garantir esse conhecimento, a pastoral cristã aproximou-se de dois instrumentos do mundo helenístico: a prática do auto-exame (exame de consciência) e da direção de consciência. Ambos serviam aos pitagóricos, aos estóicos e aos epicuristas para o auto-descobrimento e autodomínio, mas foram reinterpretados e consideravelmente modificados pela prática cristã: a saber, em permanente “direção de consciência” e, sobretudo na confissão! A primeira não mais se entendia e praticava como acompanhamento/aconselhamento pontual ou temporário (mais ou menos como a supervisão de hoje), mas era propagada como permanentemente necessária. “Ser dirigido tomou-se um estado duradouro e quando se tentava escapar dele, a pessoa estava perdida... O objetivo do auto-exame (exame de consciência) não era recolher a consciência própria dentro de si (quer dizer, para cultivar a direção de si mesmo, H.S.), mas de pô-la em condições de abrir-se totalmente ao seu diretor – revelar-lhe as profundezas da alma” A prática da confissão (individual) transforma-se no local institucional do exame de consciência (e da aquisição de conhecimento do pastor!)

Mas a IURD possui confessorário? A prática de confissão da IURD é pelos dispositivos midiáticos, é a lente da câmera, é para ela que o fiel confessa nas entrevistas, no templo e nos programas televisivos, não as carências da alma, mas as misérias materiais, sua exclusão do mundo de consumo, dos produtos, bens e objetos, e ele se confessa para milhões de pessoas, não somente para o pastor, inverteu-se os métodos e os objetivos, ao considerar o assunto Sibilia²⁰ (p.145) opina o seguinte: “Os computadores e as redes digitais surgiram, assim, como mais um cenário para a colocação em prática da antiga ”técnica de confissão”, essa modalidade de construção da verdade sobre os sujeitos que há séculos vigora no Ocidente”.

A propósito o shopping, “catedral do consumo” teria algum tipo de confessorário? Penso que sim, mas dentro da lógica de consumo. A entrevista com a abertura do crediário não deixa de ser uma confissão, ali o consumidor expõe a sua vida creditícia em detalhes, inclusive apresentando provas, não de que é uma pessoa do bem, mas que poderá honrar com seus compromissos ao levar as mercadorias, os produtos, provará que é um bom pagador. E quanto mais capital econômico ele possuir, mais as portas do paraíso se abrirão.

²⁰ SIBILIA, Paula. Artigo. **Os Diários Íntimos na Internet e a crise da Interioridade Psicológica**

3.3 Desdobramento dos dispositivos

A televisão tem a função de rádio, intencionalmente o telespectador pode acompanhar toda a programação só pela audição, seja ele deficiente visual ou mesmo uma dona de casa lavando a louça. Esta dupla função de dispositivo é extremamente verbal, o fato de um programa de televisão ser produzido de tal forma que possa retirar a imagem e mesmo assim entendê-lo, é uma peculiaridade. Estão em anexo os dois programas decupados, todas as imagens possuem locução, existe uma preocupação com a narrativa, o programa não fica somente a mercê de imagens, ao perguntar para o meu orientador se ele já tinha lido a decupagem do primeiro programa, ele me respondeu que parecia que tinha assistido ao próprio programa.

É parte do conceito de dispositivo o fato da TV virar rádio porque, se tivermos um programa televisivo normal sem a imagem, na maioria dos casos não se entende, muitas vezes o que está acontecendo. Então precisamos da imagem. Agora, o fato de podermos, sem a imagem, entender o programa, é uma peculiaridade, é algo que tem que ser pensado: como eles conseguem dar conta de duas linguagens, TV e rádio?

Para isso estão em anexo dois programas Ponto de Luz decupados, que permitem algumas pistas para esta dúvida. O programa não possui espaços sem narratividade, tem sempre uma voz indicando, do que se está falando, sobre que assuntos estão sendo tratados, as pessoas estão sempre sendo apresentadas, chamadas pelo nome, não existem pausas, uma continuidade preenche o programa, até as próprias músicas são com legendas - o que não falta, servindo para indicar endereços, correntes, horários. A música de fundo faz parte, torna o programa mais leve.

O programa ainda possui outra peculiaridade, tirando o áudio não podemos distingui-lo de outros programas da televisão, não sabemos se é religioso ou não, suas marcas religiosas

são apagadas, o que passa no tempo não é mostrado totalmente no dispositivo TV, a IURD oculta mostrar ela mesmo se registrando como *gruas*, *câmeras-mem*, ela prefere dar ilusão ao telespectador da vericção do que está mostrando, apagando as marcas de midiatização, ao contrário do programa Show da Fé de R. R. Soares pela R.I.T., aqui eles mostram toda a equipe captando as imagens, há uma intenção de mostrar como se trabalha pois ela pede dinheiro no ar para pagar as contas da produção e da transmissão, nada mais justo “mostrar trabalho”. Na IURD há um filtro através das edições, recurso essencial quando em mídia possibilita alterar as imagens, Jost²¹ (2004) em seu seminário fez o seguinte comentário que está transcrito no livro Seis lições sobre televisão.

Para a produção, essa fórmula diferenciada tem muitas vantagens: da mesma forma que permite controlar os transbordamentos eventuais ou escolher mostrá-los ou não, ela facilita a construção de uma verdadeira dramaturgia, alterando a apresentação de cenas editadas com aquelas de duração real. Tudo isso se faz ao preço de um espaço temporal do qual o telespectador tem pouca consciência. (JOST, 2004, p. 71)

Tudo é possível, escutar o programa Ponto de Luz às dezoito horas dentro do carro enquanto se dirige, ou ficar com a TV ligada fazendo alguma coisa, sem olhá-la. Talvez a IURD faça isso por uma estratégia econômica, já que coloca o programa que foi gravado ao vivo há às catorze horas, em rede nas suas rádios que cobrem todo o Rio Grande do Sul, e o Brasil através da Rede Aleluia, porém cada Estado produz o programa da sua Catedral local.

Podemos pensar na praticidade da dona de casa que ao fazer seus serviços domésticos pode escutar o programa todo, recheado de histórias, drama, músicas e auto-ajuda. Ou a pessoa que é cega, ela não ficará de fora, ouvirá e compreenderá do que se trata. Já para os portadores de deficiência auditiva, O Show da Fé insere no canto inferior esquerdo da tela uma moça que converte tudo o que está acontecendo em linguagem de sinais para surdos.

²¹ JOST, François. Seis lições sobre a televisão (Orgs. Elizabeth Bastos Duarte, Maria Lilia Dias de Castro) Editora Sulina - 2004

São dispositivos midiáticos com dispositivos cognitivos do pensamento, quem se aprofunda no assunto é Tilburg²² (1994) ao falar do assunto ele chama Barthes para fundamentar sua afirmação:

Além de ser visto, o espaço televisivo é, ao mesmo tempo, percebido pela audição. Os antropólogos observam que a avaliação da situação espaço-visual pelos homens se dá por esses dois sentidos: “tal como para o mamífero o território é demarcado por cheiros e sons, também, para o homem – fato que é freqüentemente subestimado – apropriação do espaço é parte também sonora: o espaço doméstico, o da casa, o apartamento (equivalente, no fundo, ao território animal) é um espaço de ruídos, reconhecidos, que no seu conjunto formam uma espécie de sinfonia doméstica: bater diferenciado das portas, fragmentos de vozes, barulhos da cozinha, das canalizações, ruídos do exterior²³”. (TILBURG, 1994, p. 245)

A sonoridade típica do televisor faz, indubitavelmente, parte desta sinfonia doméstica, complementa ele.

3.4 Um conflito de campos

Quando cheguei à IURD e vi toda a movimentação midiática no templo, confesso que às vezes é difícil separar o midiático do religioso, há uma fusão de campos, o campo religioso invadiu o midiático, ocupa rádios, internet, televisão, etc, mas podemos também considerar este fenômeno uma interpretação de oportunidades pelos neopentecostais.

E não para por aí. Ela quer tomar o espaço também da psicanálise, da medicina através das curas milagrosas, ser consultora empresarial através da auto-ajuda em gestão nos negócios, apressar processos querendo dar conta do campo jurídico, mas o que ela está extrapolando é na camuflagem de midiática, será um conflito de identidade? Afinal pastores transvestidos de apresentadores, e técnicos de outras áreas infiltrando-se pelo religioso. Veja o que afirmam os pastores:

²² TILBURG, João Luís Van. **Televisão e Audiência**. In: Brasil, Comunicação, Cultura & Política (Orgs.) Antônio Fausto Neto, José Luiz Braga, Sérgio Dayrell Porto – Diadorim Editora - RJ - 1994

²³ BARTHES, Roland. **Et alii. “Palavraa”**. Enciclopédia Einaudi, tomo XI, Liboa, Ed. Imprensa Nacional, 1987, p. 137.

- Através do poder de Deus a mim investido, aquela ação judicial que está há anos parada na justiça, será destrancada...

- Eu, como homem de Deus, tenho o poder de te curar...

Nos programas que analisamos (qualificação), eles representam dois papéis, o de pastor e o de apresentador, se mesclam duas especialidades neste campo, com o aparecimento de novas competências surgindo assim o especialista pastor/apresentador, é o que Bourdieu (1992) chama de porta-vozes especializados:

O trabalho religioso realizado pelos produtores e porta-vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder por meio de um tipo determinado de prática ou discurso a uma categoria particular de necessidades próprias a certos grupos sociais. (BOURDIEU, 1992, p. 33)

Para dar conta dentro dos dois campos, afinal ele tem que ter qualidades e capitais tanto no âmbito religioso como no midiático, um depende do outro, porque o religioso está como um parasita no midiático, embora o negue, precisa dele para sobreviver. Esta relação será *ad-infinitum*, pois o dia que ela se tornar somente midiática deixará de ser religião, mas questiona-se até onde as Igrejas neo-pentecostais chegariam se não fosse divulgar sua práticas invadindo o campo midiático? E são por estas afinidades com as mídias que eles são reconhecidos, os “conquistadores midiáticos pelo mundo”, parafraseio Max Weber em Bourdieu (1992) ao comentar a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas, onde busca Weber para lhe ajudar:

Caso se queira caracterizar de modo sucinto os grupos sociais que foram os portadores e os propagadores das religiões universais, pode-se indicar: para o confucionismo, o burocrata ordenador do mundo, para o hinduísmo, o mágico ordenador do mundo, para o budismo, o monge mendigo errante pelo mundo, para o islamismo, guerreiro conquistador do mundo, para o judaísmo, o comerciante que percorre o mundo, para o cristianismo, o camarada artesão itinerante. Todos estes grupos agem não como os porta-vozes de seus ‘interesses de classe’ profissionais, mas enquanto pensadores ideológicos do tipo de ética ou de doutrina da salvação que melhor se harmonizava com sua posição social. (BOURDIEU, 1992 p.52)

3.5 *É um templo ou uma emissora de tv? os acoplamentos*

Não nos damos conta dos dispositivos tecnológicos e midiáticos que nos rodeiam na Catedral da Fé. São as câmeras atentas “a máquina de ver”, como se refere Foucault ao panóptico, elas são famintas, captam closes e detalhes para as matérias publicitárias e entrevistas do Programa ponto de Luz, na frente delas se registra tudo que possa ser interessante para a posterior mostra na Televisão e internet. Em relação a esta tecnologia aliada à arquitetura Foucault (1999) faz dois comentários:

1. Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação da física e da cosmologia novas, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para sujeitá-lo e processos para utilizá-lo.
2. Uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria da fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado – para tornar visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los. (FOUCAULT, 1999, p.154)

Como não bastasse, ainda temos uma Igreja que, contém dentro de si uma emissora de TV e rádio, no passado o local do coro das Igrejas, agora é o local do estúdio, é o deslocamento da mídia para dentro do templo religioso, estão fundidos, hibridizados, sincretizados, o “templo estúdio” que já nasce com uma rádio, uma antena transmissora, ali estão acoplados os dispositivos de captação, transformação e transmissão interna e externa destes produtos simbólicos religiosos, e assim é toda a dinâmica da catedral, seus espaços internos, sua arquitetura direcionada para “agradar aos “tele-fieis” diante de uma lógica de estratégica de marketing empresarial, para a indústria cultural”, sua localização, todos estes elementos são pensados previamente para obter resultados midiáticos. É uma arquitetura nobre, mas desajeitada em comparação com a Catedral Metropolitana, mas seu prédio se torna

um grande instrumento de propagação rápida, inserido nas tecnologias e exigências atuais, é um espaço eficaz, com culto sistematizado, onde se observa ao vivo as suas transformações, e sua capacidade de adaptação. A IURD procura instituir a religião midiática, o que antes era só religião, agora aparece uma discrepância. A Igreja-estúdio, que produz seus produtos culturais simbólicos com etiqueta religiosa, finaliza-os e os vende em formato de mercadorias, desenvolvendo *know how* na forma de fazer religião, tentando se firmar como uma através do anonimato dos telespectadores.

Os investimentos em equipamentos como câmeras, luz, som, estúdios, não ficam devendo nada para as outras empresas de mídia, e a IURD faz tudo com o seu próprio pessoal que vai se especializando nas diversas áreas de produção e finalização. Ao assistir um culto também percebemos este investimento na reprodução do culto através dos enormes telões com projetores multimídia, com isso cumpre uma obsessão da IURD, não deixar de atender ninguém.

3.6 Os atores midiáticos

No programa realizado no estúdio se encontra o bispo ou na falta deste os pastores, ao seu lado os consumidores que são trazidos ao dispositivo midiático, são os testemunhos de fé. No templo ele também atua como testemunho e ao ser exorcizado faz parte do espetáculo, encontramos aqui nesta prática igual ao do suplício que Foucault se refere no seu livro *Vigiar e Punir* (p.18).

Enquanto era feita a leitura de condenação, estava de pé no cadafalso, sustentado pelos carrascos. Era horrível aquele espetáculo: envolto em grande mortalha, a cabeça coberta por um crepe, o parricida estava fora do alcance dos olhares silenciosos da multidão. E sob aquelas vestes, misteriosas e lúgubres, a vida só continuava a manifestar-se através dos gritos horrorosos, que se extinguiram logo, sob o facão.

O bispo provoca uma execução em público do demônio, ele assume o papel de autoridade religiosa, de carrasco, onde o corpo do fiel está servindo de dispositivo do diabo, sua meta é libertá-lo desse algoz invisível, a pena para o espírito é a expulsão e sua conseqüente queima no “mar de fogo do inferno”. Desta ação se extrai o exemplo de quem estava possuído e de que os outros participantes não estão livres também, portanto devem-se vigiar, pois estão sujeitos às mesmas ameaças. Para o espírito não há indulgências, o pastor neutraliza sua periculosidade, aplica a pena, julga e castiga. Observa-se aqui uma economia de papéis com status religioso, investindo assim o pastor de poder, e a conseqüência paralela dos benefícios que este espetáculo proporciona é tornar dóceis os fiéis, amedrontar, criar um discurso, poder.

Ali se dá o seu testemunho reconhecendo o dispositivo, quando ele chega diante das câmeras sua intimidade é natural, faz parte de seus dois mundos, o religioso e o midiático. Todo o cronograma da IURD é *Standard*, fragmentado, editado, com finalidades lógicas para o consumo fácil, é uma religião acessível, sem emaranhados teológicos. Esta produção templária desloca-se para duas metas: fazer um culto ao vivo e ao mesmo tempo gerar um arquivo gravado para ser reproduzido na televisão. No momento do culto o fiel serve também como ator, como observa Barbero:

A deformação opera pela transformação da festa em espetáculo: algo que já não é mais para ser vivido, mas visto e admirado.

Neste espetáculo religioso aparece nas falas do pastor uma inspiração no romance sentimental, ali ele polariza entre os bons e maus, incita o maniqueísmo, as tensões, mas ele vai também buscar na epopéia a figura dos heróis bíblicos que vencem as falanges dos espíritos do mal. (1997, p. 131)

3.6.1 As Igrejas Neo-Pentecostais Concorrentes

As Igrejas concorrentes da IURD são Igrejas com perfil tão midiático que tomam para si lugares de outros dispositivos midiáticos, tais como antigos teatros e cinemas desativados. Quem passa na frente do “Show da fé” nem notará que ali está uma Igreja, parece mais com um cinema pelo tamanho de seu cartaz com a foto do missionário Soares.

Mas a concorrência está de olho no mercado religioso e Edir Macedo está com um forte concorrente, que é o seu próprio cunhado. A IURD não está só, no outro lado da mesma rua a Igreja Internacional da Graça de Deus, o “Show da Fé”, como procura se mostrar para pegar um “gancho midiático” do seu programa diário na TV Bandeirantes, às 20 horas, transmitido para todo o Brasil, em horário nobre, degladiando-se com a Poderosa Rede Globo bem na hora da novela. Ao comentar sobre “Show da Fé” quando apresentei meu trabalho em um de nossos seminários sobre dispositivos, Eduardo Vizer fez uma observação: “há uma razão econômica e arquitetônica, mas o curioso é que este tipo de cartaz (fachada) implica uma magnífica aceitação deles, pois eles poderiam usar outros tipos de letras”. Jairo Ferreira concorda e completa: “Eles poderiam reconstruir o simbolismo já na fachada dos prédios numa perspectiva religiosa, usando torres, pórticos, imagens religiosas, mas nada disso aparece”.

Na observação pessoal de Eduardo Vizer, “todos os estilos respondem a todas as categorias midiáticas relacionadas com o cinema, teatro e show, o estilo é próprio da indústria cultural. É o show”²⁴.

O show da fé propõe através do “espetáculo dos milagres” a cura através do dispositivo televisão, que também é divulgado através de outro dispositivo midiático, o Jornal do Associado²⁵. Neste jornal, a convertida testemunha se cura ao ouvir o programa:

²⁴ Seminário do EPISTEMON, realizado em outubro de 2005, no PPGCOM.

²⁵ Fonte: **Jornal do Associado**. Ano I, nº 9 agosto de 2000.

Certa ocasião, minha filha ligou a televisão no programa da Igreja da Graça, naquele momento, meu marido estava no banheiro. Ele ouviu o missionário pregar e começou a pedir a Deus por sua cura. No momento da oração, a doença desapareceu. Desde aquele dia, ele deixou de queixar-se de dor e não precisou ser operado.

Mas a IURD também não deixa de divulgar seus milagres na mídia expandida, vejamos um caso divulgado na Folha Universal²⁶:

Um exemplo real de determinação, coragem e persistência pode ser visto na vida de Autorina Silva Lopes, que durante 6 anos lutou incansavelmente contra um câncer da mama que de tão grave espalhou-se até um dos pulmões. Não existiu em Porto Alegre, grande Porto Alegre e interior, casa de encosto, espiritismo e macumbaria que ela e sua família não tenham recorrido em busca de auxílio. Completamente desenganada pelos médicos, já sem uma das mamas, ela fazia diversos exames, quimioterapia e passava dias inteiros com dores terríveis sem encontrar solução alguma. Minha vizinha dizia que se eu fosse até a igreja seria curada! Aquelas palavras ficaram no meu coração por dias, até que decide participar de uma reunião. Cheguei à IURD em estado terminal, mas o Deus do impossível fez o milagre acontecer em minha vida. Com muita perseverança, nesses dois anos que estou na igreja, tive minha vida completamente restaurada, assim como toda a minha vida.

Termos usados no âmbito dos negócios são muito usados por R. R. Soares, convocando seus fiéis para serem associados, patrocinadores. São chamamentos inspirados nas práticas modernas do mercado de consumo. Retornando ao assunto concorrente, ao redor da IURD encontra-se vários e pequenos empreendimentos religiosos, embrionários no mercado religioso neo-pentecostal, todos oferecendo o mesmo produto para atrair o fiel até o ponto de venda: o milagre! Eles não se importam de iniciar em prédios abandonados ou fora dos padrões conceituais de arquitetura religiosa tradicional, pode ser uma garagem, um prédio velho, um pavilhão de fábrica desativada, e fazem a mesma disputa em cidades da grande Porto Alegre, disputando lado a lado. A humildade do templo é indiferente para o fiel, o carisma do pastor conta mais, mesmo porque Edir Macedo começou angariar platéias no início da IURD, dentro de um dispositivo musical de uma praça, o coreto da Praça do Méier

²⁶ Fonte: **Jornal Folha Universal**. 02/02/2003.

no Rio de Janeiro, só depois se mudando para uma Funerária desativada, e olha onde ele está hoje? Isso deve servir de estímulo para os seus concorrentes irem atrás do mercado, e dentro da mesma lógica, vence o mais competente. Junto dos concorrentes também surge um mercado de produtos evangélicos, há vários pontos de venda fornecendo todos os produtos evangélicos para consumo.

3.7 Conograma de dispositivos midáticos usados pela iurd

Possuímos um elenco de meios usados pela IURD para fazer sua midiatização, assim foram classificados de tecnologias. Tudo começa pela produção no Templo, é o coração de tudo, de lá se segue para o estúdio de TV e rádio que estão lado a lado. O telefone é muito importante para falar ao vivo com o pastor na hora do programa, é através dele que o telespectador faz um “*teste drive*” espiritual, pelo telefone o pastor/apresentador ora, exorciza, exhibe uma pequena mostra, é um contato e um convite para se visitar a Igreja, lá ele dará atendimento personalizado. O fax é para quem quer fazer uma pergunta anônima por escrito, sem usar a voz; e-mail é uma possibilidade de troca direta com o bispo, através do falecom@bispodarlan.com.br, no portal *web* encontremos meios de acessar todo o complexo iurdiano, é um bom começo para se ter noção do tamanho da Universal, está tudo lá, passeie-se pelo mundo todo através dos *links* que ela possibilita acessar (organograma 17, p. 34 e imagens print do nº 1, p. 35 ao nº 53 p. 93).

Na mídia impressa o jornal Folha Universal a IURD tenta, além das mensagens religiosas escritas pelo pessoal da casa, dar opinião sobre política, como o jornal é distribuído de graça nas Igrejas ele possui maior penetrabilidade no “povo de Deus”. Livros do Bispo Edir Macedo e outros pastores estão nas prateleiras da loja da IURD, com eles disputam um lugar nas vendas revistas, e o mundo da multimídia, se destacando os DVDs de música

gospel, dentro da mesma linha: CD, CD Rom e fitas VHS. Não devemos esquecer que todos estes produtos da indústria cultural estão disponibilizados para compra dentro destas próprias mídias, cada um publica o outro.

Uma outra relação de dispositivos tecnológicos são envolvidos no programa Ponto de Luz, que possui um fluxo de comunicação como forma de acessos, isto é uma preocupação e que a IURD dá conta: Os acessos; por qualquer meio que se queira acessá-la, estará sempre disponível, pode ser no templo, no programa da TV, no *site* há meios de criar vínculos com o pastor, no jornal através de cartas ou fax, ela coloca os dispositivos para facilitar o contato com as pessoas que queiram conhecê-la. O programa Ponto de Luz gerado nos estúdios da Igreja pode ser acessado pela TV Rede Bandeirantes Canal 10, *arcapodcast*²⁷, internet <http://www.arcauniversal.com.br>, email: falecom@bispodalan.com.br, Rede Aleluia FM 100.5, Rádio Capital AM 840 e Rádio Catedral AM 1210, pelos telefones celular, convencional e fax: (51) 2121-0740, como podemos observar ela “cerca” por todos os lados.

3.8 Intersecção dos Dispositivos Religiosos e Midiáticos Direcionados para o Consumo

Para abordar esta problemática é necessário imaginar um percurso onde são interseccionados os dispositivos religioso com o midiático, mas se torna necessário uma lucidez melhor para “clarear” nossas hipóteses, por esta razão o significado de uma palavra com origem nos conceitos matemáticos vistos lá no primário, o que é intersecção?

²⁷ Podcast é um revolucionário meio de distribuir áudio de maneira automática. Quando um site (como este) oferece um feed para podcast você pode Assinar ao podcast utilizando um software específico (conhecido como agregador) e, a qualquer momento que um novo episódio estiver disponível, o arquivo de áudio será copiado automaticamente para seu computador. Se você tiver um tocador de MP3 portátil, o arquivo também será copiado para ele. Você não precisa ter um iPod ou qualquer outro tocador de MP3 para ouvir um podcast. Você pode escutá-lo diretamente em seu computador da mesma forma que você faz com qualquer arquivo .mp3. Se você não quer usar um software específico para copiar o podcast para seu computador, você pode fazer o download do arquivo .mp3 usando um navegador e clicando no link direto para o arquivo. Fonte: TechPod. Site disponível em 20.01.2006.

Intersecção: 1. Operação por meio da qual se forma o conjunto de todos os elementos que pertencem simultaneamente a dois ou mais conjuntos; produto.

Detectamos quatro intersecções com esse propósito:

a) Primeira intersecção: Conjunto com deslocamentos, resultando na transformação do dispositivo religioso clássico em dispositivo midiático:

A igreja incorpora nos dispositivos tecnológicos e arquitetônico, meios para a produção midiática, o templo se torna um ambiente midiaticizador usando elementos eletrônicos para captação e reprodutibilidade de imagens. Verón (1980) quando analisa a relação da circulação do sentido na produção dos discursos faz a seguinte afirmativa:

Se a intersecção do discurso “midiático” com outros mediadores sociais gera um campo de efeitos e esse campo não é definível só do ponto de vista da produção, conhecer a ação das indústrias culturais requer explorar os processos de mediação, as regras que regem as transformações entre um discurso e seus efeitos.

O lugar do sacerdote muda, ele deixa de ser um oficiante do culto tradicional, dividindo seu papel com o de apresentador, preocupando-se em atender também as exigências midiáticas que essa função exige, são executados dois papéis, o de pastor (religioso) e o de apresentador (midiático).

O coro, espaço reservado ao contato com Deus através dos cânticos se transforma em estúdio de tevê, de rádio, de audiovisual.

As testemunhas se deslocam do âmbito religioso para o espaço midiático, tornando-se atores midiáticos, isto acontece nas entrevistas pelo pastor, filmadas no palco do templo, entrevistas pelos repórteres na Igreja e a participação destes fiéis nas mídias dando seu depoimento referente a sua experiência religiosa com a IURD.

O deslocamento do púlpito em relação ao lugar e a função, no ambiente em que ele foi criado, a Igreja Histórica, era um dispositivo visto por todos para a mediação através da fala.

Na IURD ele muda de lugar, fica discretamente escondido invertendo as funções: vê, espia, fala através de microfones sem fio.

Os vitrais também, enquanto na Catedral Católica a luz vem de cima, atravessando as imagens sacras coloridas que mediam com o fiel, no templo Iurdiano é proporcionada por luz elétrica, e as peças não são de arte, mas resultado de produção em série, propondo uma inversão na interpretação dos “céus”.

As torres com sinos, uma exigência arquitetônica identificatória dos templos católicos, na Catedral da Fé são substituídas por antenas parabólicas e de transmissão de sinais.

O altar, lugar sagrado na Catedral da Fé, é livremente profanizado na IURD, com dupla finalidade: altar e palco para a midiaticização da fé.

A transformação do fiel em platéia, com música ritmada para dançar, palmas para Jesus, prática espetacular de exorcismo.

b) Segunda intersecção: o dispositivo midiático deslocado para dentro do religioso;

Estudaremos aqui a inserção dos dispositivos midiáticos dentro espaço religioso, a IURD ornamenta o seu altar/palco com outdoor impresso no sistema digital escrevendo versículos sobre a fidelidade do dízimo.

No telão com recolhimento automático, o projetor multimídia projeta para a platéia espelhando-a, ali ela acompanha o culto através do olhar midiático que ela edita na hora, os passeios aéreos da grua sobre aquela multidão emocionam as cenas, ou o close, o detalhe captado de alguém chorando em desespero por ter se “libertado”.

As câmeras digitais de última geração instaladas sobre tripés e gruas afirmam o templo como lugar de produção, o ambiente religioso é fundido com o midiático, as câmeras filmam do início ao fim do culto, e é uma multiplicidade de olhares sobre o evento.

A luz, música e som potencializados para a midiaticização.

Os logotipos e a luz néon se encarregam da midiaticização em uma sociedade de consumo.

O estúdio de TV e rádios acoplados na Catedral da Fé, uma “simbiose midiática”, vocação nata, nascem juntos, ao edificar um templo, paralelamente se encomendam os aparelhos técnicos. Ainda podemos considerar que a IURD levou tão a sério o campo midiático tornando-se proprietária de duas redes de televisão que não são religiosas, a Rede Record e a Rede Mulher.

c) Terceira intersecção: a Max-midiaticização, ou seja, a mídia re-midiaticizada através de um outro dispositivo midiático.

Este item tem por objetivo observar como a mídia está mostrada dentro de outra mídia. Isto acontece quando durante o Programa Ponto de Luz o pastor, que já está sendo midiaticizado através da tevê, dialoga com a tela de plasma no estúdio, ele chama então as imagens, dialogando com elas, que podem ser:

- Conversa com o *call center* através do pastor que está sendo filmado naquele ambiente.

- O bispo chama a repórter no plasma que também está sendo filmada dentro do Templo Maior.

- O próprio bispo se vê na tela de plasma sendo filmado ao se deslocar no palco da Igreja, o quando ele está entrevistando testemunhos durante o culto.

- O programa de rádio quando retransmite o Programa ponto de Luz, pratica esta re-midiaticização.

- Quando aparece o telão da Igreja passando o culto no programa televisivo pode ser considerado uma intersecção midiática.

d) Quarta intersecção: os dispositivos religiosos, midiático e shopping interseccionados direcionados para o consumo.

Nesta última análise vamos observar as inspirações da IURD junto ao shopping como uma referência de dispositivo de consumo, fechamos assim os três dispositivos interconectados: o religioso, o midiático e o de consumo;

- No dispositivo shopping a IURD equiparou os seus horários de atendimento;
- Portas automáticas
- Higienização dos banheiros
- Comércio interno através de lojas, bar, vendas de produtos culturais durante os cultos, arrecadação de dízimos (pagamento do custo de uso do espaço religioso pelo fiel).
- A fachada moderna e lisa, iluminada com néon e seus logotipos;
- O Ponto/localização de venda estrategicamente escolhido para alcançar resultados consumistas;
- Investimento no conforto interno através da iluminação, espaço para transitar, climatização;
- Disponibilidade para o consumo através de farta oferta de produtos;
- Inclusão do crente ao consumo e crédito através do cartão evangélico e a “teologia da prosperidade”.
- Meios de pagamento: os envelopes para o recolhimento de dinheiro das ofertas e dízimos. (é comum hoje se depositar nos bancos através de envelopes).

4 Conclusões

Através de um esforço seguimos uma trajetória que foi se delineando no percurso da pesquisa, abandonando a idéia inicial de trabalhar com sincretismo midiático, vislumbramos outras possibilidades de investigação. Iniciamos pela genealogia neo-pentecostal procurando situar a IURD no contexto religioso desde o surgimento da reforma até os dias atuais, facilitando uma localização dentro da história das Igrejas Evangélicas. Podemos afirmar que a IURD é uma igreja neo-pentecostal, da linha milagreira, fundamentalista. Logo depois relatamos a história da Igreja Universal sem se desvincular da figura envolvida que é o seu fundador, Edir Macedo, e de como sua igreja veio se tornar um dos maiores empreendimentos religiosos da nossa época, ainda em crescimento pelo planeta. Foi necessário na origem dos precursores do tele-evangelhismo, buscando nos seus pioneiros uma compreensão histórica desta prática, tendo como local os Estados Unidos, neste momento observou-se que as igrejas nos dias de hoje usam muitas técnicas inspiradas naqueles pastores veteranos.

Teoricamente, num primeiro momento recorreremos aos conceitos de Igreja eletrônica, religião, templo e igreja, procurando pistas para entender estes assuntos que estão envolvidos, tão próximos uns dos outros, e, a partir destas interpretações, distinguimos as diferenças que as confundem. Fato similar ocorreu quando adentramos nos conceitos de mediação e midiaticização para compreender os processos midiáticos e seu uso no consumo de produtos midiáticos. Na interface social recorreremos aos campos sociais, religioso e midiático observando ali como a IURD se comporta, e transita entre eles, se beneficiando de suas práticas. Foi necessário buscar subsídios nos conceitos de ritual e também no teatro pois a IURD gera seus programas através de espetáculos religiosos, e o espetáculo anda de mão dadas com a mídia, pois faz parte das estratégias de vínculo com o telespectador.

Os espaços, lugar e temporalidades decorreram de uma percepção de como estas referências são importantes na construção de sentido e na formação de um olhar sobre o dispositivo religiosos e de como eles interagem com os fiéis. Não deixei de fora o hibridismo e o sincretismo, não através de uma percepção religiosa, mas sim midiática. Foi feita uma descrição acurada da localização e acessos da IURD, Catedral Metropolitana e o Shopping Praia de belas, observando suas fachadas, lado interno e externo, além da produção midiática que envolve a igreja e toda sua vocação para produzir programas televisivos. As tecnologias não foram esquecidas, afinal é um pilar importante na estrutura midiática iurdiana. É através dela que a IURD atinge, em velocidade vertiginosa, os fiéis, além de servir para as vendas de produtos ou mesmo de sentido. Por último centramos nos dispositivos por serem eles os principais artífices estruturais midiático, na Igreja fazendo mediações, servindo como aparelho de poder e de disposição de consumo.

Diante de nossa pesquisa podemos fazer várias considerações para conclusivas. Primeiro, de que o investimento midiático da IURD supera de longe o religioso, é, inferimos, dele que provém o poder político, econômico, social e religioso. Isso é, as formas de fazer contato religioso transitam pelos dispositivos midiáticos tendo a televisão como dispositivo principal, mas não o único, na medida em que articulado com outros dispositivos (web, radio e imprensa). Porém, a produção do capital simbólico religioso está em simbiose com o religioso (o tempo, os rituais a Igreja). Seria necessário investigar os entrelaçamentos dessa simbiose, o que não fizemos, na medida em que centralizamos nossa abordagem nos dispositivos.

Os dispositivos midiáticos estão conectados, expandidos, hibridizados direcionados como ponto de vendas. A Catedral da Fé, como dispositivo, tem dupla função: mediatizar e mediatizar o templo estúdio, onde os dispositivos religiosos e midiáticos estão interseccionados, dirigidos para o consumo. Os dispositivos religiosos e midiáticos criam

produtos, além de formas de acesso para consumo. A IURD aproveita a sua estrutura para produzir bens simbólicos e depois vender no mercado religioso. Talvez aqui o vínculo com a questão referida no parágrafo anterior, mas não investigada.

O grande investimento da IURD é o midiático. Essa instituição atua no “*top*” de linha de dispositivos técnicos liderando frente aos seus concorrentes neo-pentecostais. A comparação da Igreja Universal do Reino de Deus com a Igreja Católica Apostólica Romana aponta para contrastes e distanciamentos entre ambas. As tentativas “tacanhas” de investimentos midiáticos que a católica procura fazer em seus templos demonstra uma falta de “vocação midiática” difícil, pois sua vocação religiosa ainda é contato com a família e a comunidade, ela é uma religião, enquanto a IURD existe em relação com um público anônimo, disperso e individual, sua eficiência.

5 Bibliografia

ALEXANDER, Bobby. Tele evangelismo – Ritual compensatório dentro de um amplo drama social. In: *Rethinking media, religion and culture*. Londres: Sage, 2002.

ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada. Edição Para Evangelização.** Sociedade Bíblica do Brasil – São Paulo – 1995.

_____. **A Bíblia e Harpa Cristã.** Co-Edição: Sociedade Bíblica do Brasil e casa Publicadora das Assembléias de Deus – São Paulo – 1995.

ANTONIAZZI, Alberto; MARIZ, Cecília Loreto; SARTI, Ingrid; FILHO, José Bittencourt; SANCHIS, Pierre; FRESTON, Paul; VALLE, Rogério; FERNANDES, Rubem César; GOMES, Wilson. **Nem Anjos Nem Demônios Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo.** Ed. Vozes. Petrópolis – RJ. 1994

ARISTÓTELES, **Arte retórica e arte poética.** Edições de Ouro. RJ. 1967

ASSMANN, Hugo. **Igreja Eletrônica e Seu Impacto na América Latina.** Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 1986.

AUMONT, Jacques. **A Imagem** Papyrus Editora. 3ª ed. 1999

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** 3ª ed. Martins Fontes. SP. 2000

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 7ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1995

_____. **Questões de Literatura e de Estética (A teoria do romance).** 3ª ed., São Paulo: Ed. Hucitec/Unesp, 1993

BARBERO, Jesus Martin. **Dos Meios às Mediações Comunicação, Cultura e Hegemonia.** Ed UFRJ - 1997

_____. **Razón Técnica y Razón Política: Espacios/tiempo no pensados.** Ponencia em el Congreso Internacional “Nuevos Paradigmas Transdisciplinarios em Las Ciências Humanas”, Universidad Nacional, Bogotá, Abril 7,8 y 9 de 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Ed. 70. Lisboa – Portugal. 1977

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil Contribuição a uma Sociologia das Interpretações de Civilizações.** Ed. Livraria Pioneira. SP. 1985

BERGER, Peter L.; LUKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade Tratado de Sociologia do Conhecimento** Ed. Vozes. Petrópolis. 1996

BOÉTIE, Etienne de La; CLASTRES, Pierre; LEFORT, Claude; CHAUI, Marilena. **Discurso da Servidão Voluntária** 2ª ed. Editora Brasiliense. 1982

BOURDIEU, Pierre, CHAMBOREDON, Jean-Claude, PASSEON, Jean-Claude. **Ofício de Sociólogo Metodologia da pesquisa na sociologia**. Ed. Vozes. Petrópolis. 2004

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Ed. Perspectiva 3ª ed – SP, 1992

_____. *Coisas Ditas* Ed. Brasiliense. 1990

_____. *Le Sens Pratique*. Paris, Minuit, 1980, p. 381

_____. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1986.

_____. *O Poder Simbólico*. Traduzido por Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

_____. *Questões de Sociologia*. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro. Marco Zero. 1983.

_____. *Sobre a Televisão. A influência do jornalismo e os jogos olímpicos*. Jorge Zahar Editor. RJ – 1997.

_____. *A economia das Trocas Lingüísticas. O que falar é dizer*. EDUSP – 1996.

_____. *Lições da Aula*. Trad. Egon de Oliveira Rangel. Ed. Ática. 2ª ed. São Paulo – 1994

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução Às Ciências da Informação e da Comunicação**. Ed. Vozes – Petrópolis – RJ - 1994

BRAGA, José Luiz. **Sobre a Conversação** Artigo publicado em “Brasil – Comunicação, Cultura & Política”, (orgs. Antônio Fausto Neto, Sérgio Dayrell porto e José Luiz Braga). Ed Diadorim, RJ. 1994. – p 289-308.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento Humano de Gutemberg a Diderot**. Jorge Zahar Editor. 2003

CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Ed. Edições 70. RJ. 1998.

_____. *Os Jogos e os homens. A máscara e a vertigem*. Edições Cotovia – Lisboa – 1990.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de Um Empreendimento Neo-Pentecostal**. 2ª ed. Ed. Vozes, Sompósio Editora e Umesp. 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. EDUSP. 1998

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da Comunicação Visual**. DP&A Editora. RJ. 2001

_____. **Sincretismos Uma Exploração das Híbridações Culturais**. Ed. Studio Nobel. SP. 1996

CARLÓN, Mario. **Sobre lo Televisivo Dispositivos, discursos y sujetos**. La Crujía Ediciones. Argentina. 2004

CARROLL, John B. **Psicologia da linguagem**. Zahar Editores. 2ª ed. RJ - 1972

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 6ª ed. Ed. Vozes, Petrópolis, 2001

CHARAUDEAU, Patrick. **Language et Discours. Éléments de sémiolinguistique (théorie et Pratique)** Classiques Hachette 79, boulevard Saint-Germain, Paris 6 – 1983

_____. **O Discurso da informação midiática: A construção do espelho social**. Paris: Nathan, 1997. (mimeo).

_____. **De la competencia social da la comunicación a las competencias discursivas**. Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, Venezuela. 1 (1):7-22, 2001.

CINTRA, Raimundo. **Candomblé e Umbanda O desafio brasileiro**. Ed. Paulinas. SP. 1985

CORREIA, João Carlos. **O Poder do Jornalismo e a Mediação do Espaço Público**. Universidade da Beira Interior. Portugal. 19/07/2004

COSTA, Wiegratz; WALTER Alberto. **Tela Crente Apresenta – Rede Record: A Igreja Eletrônica de Edir Macedo**. (Dissertação de Mestrado, IMS-PÓSCOM) São Bernardo do Campo. 1997.

CRISTIANO, Presb. Paulo; MARTINEZ, Pastor João Flávio. **Crescimento Evangélico no Brasil**. Centro Apologético Cristão de Pesquisas. Disponível: <http://www.cacp.org.br>

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. RJ – Zahar, 1979

DAGRON, Alfonso Gumucio. **Voices of People: A report on experiences of participatory communication for social change**. <http://www.comminit.com/VoicesofPeople/sld-3475>

- DEMANT, Peter **O Mundo Muçulmano** Ed. Contexto. SP.2004
- DREHER, Martin Norberto. **Para Entender o Fundamentalismo** Ed. Unisinos. 2002
- DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão Ensaios Metodológicos** Ed. Sulina. 2004
- DUBOIS, Philippe. **Cinema, Vídeo, Godard.** Libros Del Rojas – UBA, Buenos Aires - 2001
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Introdução à arquetipologia geral** Ed. Martins Fontes. SP. 1997
- _____. **Mito, Símbolo e Mitologia.** Editorial Presença. Lisboa - Portugal
- DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa.** Paulinas. SP 1989.
- ESTEVES, João Pissarra. **A Ética da Comunicação e os Media Modernos.** Legitimidade e poder nas sociedades complexas. Fundação Calouste Gulbenkian. 2002.
- EVANS, Pritchard, Edward Evan. **Antropologia Social da Religião.** 1986.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social.** Brasília: Unb, 2001
- FEREAUDY, Roger. **Umbanda, Essa Desconhecida... Umbanda esotérica e cerimonial.** AGE Editora – Porto Alegre – 1999
- _____. **Serões do pai Velho. O Catecismo de Umbanda.** 3ª ed. AGE Editora. Porto Alegre - 1996
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 2ª ed. Ed. Martins Nova Fronteira. 1986
- FERREIRA, Jairo. **O Conceito de Dispositivo: explorando dimensões de análise.** In: Ecos revista. Revista da Escola de Comunicação Social V.7, N.2, Jul.-Dez/2003 UCPel
- _____. **Os processos midiáticos como lugar de entrada para as relações entre comunicação e sentido.** Texto para discussão. NP EPISTECOM. 2006.
- _____. **Mídia e Conhecimento: Objetos em torno do conceito de dispositivo.** Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa, XXV Congresso anual em Ciências da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05 setembro de 2002.
- FILHO, Hermilo Borba. **História do Espetáculo.** Edições O Cruzeiro. RJ. 1968.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 15ª edição. Ed. Graal. RJ. 2000

- _____. **Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão.** 11ª Ed. Editora Vozes. Petrópolis. 1994.
- _____. **História da Loucura na Idade Clássica.** 5ª Edição. Ed. Perspectiva. São Paulo. 1997
- _____. **Doença Mental e Psicologia.** 3ª ed. Edições Tempo Brasileiro. RJ –1988.
- _____. **História da Sexualidade I. A vontade de saber.** Edições Graal. RJ 1990.
- _____. **História da Sexualidade II. O uso dos prazeres.** Edições Graal. 7ª ed. RJ – 1994.
- _____. **História da Sexualidade III. O cuidado de si.** Edições Graal. 1ª ed. RJ – 1985.
- _____. **O Nascimento da Clínica** Ed. Vozes 1ª ed. RJ – 1963.
- _____. **A Arqueologia do Saber** Ed. Vozes 1ª ed. RJ – 1969.
- _____. **A Ordem do Discurso** Ed. Vozes 1ª ed. RJ – 1971.

FRY, Peter. Para Inglês ver. **Identidade e política na cultura brasileira.** Zahar Editores. RJ. 1982

GOMES, Pedro Gilberto. Coordenador. Daniel Chu, Denise Silveira, Alexandre Tremarin e Tiago Pereira. **Processos Midiáticos e a Construção de Novas Religiosidades. As dimensões Históricas** In: Tópicos de teorias da comunicação. São Leopoldo: Unisinos. Cap. I. 03/2002 – 02/2004

- _____. **O Jornalismo Alternativo. O projeto popular.** São Paulo: Paulinas, 1990.
- _____. **Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema.** In: Cadernos Teologia Pública. Instituto Humanitas Unisinos, Ano 2 – Nº 11 – 2005.
- _____. **Cultura, Meios de Comunicação e Igreja.** São Paulo: Loyola, UCBC/OCIC-Br/UNDA-Br, 1987.

GUTIÉRREZ, Luiz Ignácio Sierra. **A Télé-fé: Estratégias de Reconhecimento e Efeitos de Sentidos Religiosos de Telefêis da Rede Vida de Televisão em Porto Alegre, RS.** Texto de tese de doutorado apresentado para a qualificação no PPGCOM Unisinos em 24/03/2006, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes, SJ.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** DP&A Editora. RJ. 7ª Ed. 2002

HANI, Jean. **O Simbolismo do Templo Cristão.** 2ª Ed. Edições 70. Lisboa, Portugal. 1962.

HARTMANN, Atílio, ZUANAZZI, Suellen & SCHUWARK, Daniel. **Religiosidade Midiática: Uma nova agenda pública na construção de sentidos.** S/d. Mimeo.

_____. **Comunidade de Fé Eletrônica. Uma nova utopia no horizonte religioso?** São Paulo: ECA/USP, s/d.

_____. **Religiosidade Midiática. Uma nova agenda pública na construção de sentidos.** São Leopoldo: Cadernos IHU, Ano 2, nº 9. 2004

HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa? Doutrina de Kant dos princípios transcendentais.** Edições 70 – RJ -

HOBSBAWM, E. e Ranger, T. (orgs.) *The Invention of Tradition.* Cambridge: Cambridge University Press. 1983

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura.** Ed. Perspectiva – São Paulo

JAHODA, Gustav. **A Psicologia da Superstição.** 2ª Ed. Paz e Terra. 1978

JAMESON, Frederic. **Espaço e Imagem Teorias do pós-moderno e outros ensaios** Editora UFRJ. 1995

Jornal Zero Hora. **As Igrejas de Cristo - Sábado e Domingo 24/25 Dez.** 2005

KARDEC, Allan. **O Que é O Espiritismo?** Federação Espírita Brasileira – Brasília – DF 1983

_____. **A Gênese.** 27ª Ed. Federação Espírita Brasileira – Brasília – DF – 1984

_____. **O Livro dos Médiuns.** 52ª ed. Federação Espírita Brasileira – Brasília – DF – 1985

_____. **O Livro dos Espíritos.** Petit Editora – 1999

_____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo** 284ª ed. Instituto de Difusão Espírita – 2003

_____. **O Céu e o Inferno.** Federação Espírita Brasileira – Brasília - DF

KATZ, Daniel e Leon Festinger. **A Pesquisa na Psicologia Social.** Editora Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1974

KILPP, Suzana, **Ethicidades Televisivas. Sentidos identitários na tv: moldurações homológicas e tensionamentos.** São Leopoldo: UNISINOS. 2002

LEROI-GOURHAN, André. **As Religiões da Pré-história.** Edições 70. 1964.

LOYOLA, Maria Andréa. **Pierre Bourdieu. Entrevistado Por Maria Andréa Loyola.** Rio de Janeiro. Eduerj. 2002

LOTMAN, Yuri. **Cultura y Explosión.** Lisboa: Gedisa, 1989.

_____. Boris Uspenski, V. Ivanóv. **Ensaio de semiótica soviética.** Livros Horizonte 1981 – Lisboa - Portugal

MACEDO, Edir. **Orixás, Caboclos & Guias. Deuses ou demônios?** Ed. Gráfica 14ª Ed. 2004.

_____. **Nos Passos de Jesus.** Ed. Gráfica Universal. RJ - 2001

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & Pós-cinemas.** Papyrus Editora SP - 1997

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação** Cortez Editora 2ª Ed. RJ. 2002

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião.** Edições 70. Lisboa – Portugal. 1984.

MARRE, Jacques A.L. **A Construção do Objeto Científico na Investigação Empírica.** Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná Fundação Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Cascavel, PR – 16 a 18 outubro de 1991.

MEDEIROS, Vanise Gomes. **Dizer a Si Através do Outro** (do Heterogêneo no Identitário Brasileiro). 2002.

_____. **Ressonância e Dissonâncias de um Enunciado Fundador no Identitário Brasileiro.** 2002.

MEN, Hunbatz. **Segredos da Religião-ciência Maia** – Ed. Ground. São Paulo – SP. 1986

MÉTRAUX, Alfred. **A Religião dos Tupinambás. E as suas relações com a das demais tribos Tupi-guaranis.** 2ª ed. Ed. Universidade de São Paulo - SP

MIGUÉLEZ, Miguel martínez. **Processo de Teorización Visión de Conjunto.** Ago/04

MOLINA, N.ª **Sarava Seu Zé Pelintra.** 3ª Ed. Ed. Espiritualista - RJ

NETO, Fausto Antônio. **Processos Midiáticos e a Construção das Novas Religiões:** dimensões discursivas. UNISINOS/CNPq. Relatório de Pesquisa. São Leopoldo. 2004.

_____. **A Igreja Doméstica: Estratégias televisivas de construção de novas religiões.** São Leopoldo: Cadernos IHU, Ano 2, nº 7. 2004

_____. **Comunicação e mídia Impressa – Estudo sobre Aids.** São Paulo: Hacker Editores, 1999.

_____. **Ensinando à televisão: Estratégias da recepção da TV Escola.** João pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

NETO, Rivas. **Exu. O Grande Arcano. (Nas magias dos Exus)** 3ª ed. Cone Editora – São Paulo - 2000

OLIVEIRA, Erick Felinto de. **O Sagrado no Profano: relativismo, espetacularidade e comunicação na religiosidade do fim do milênio.** Departamento de Teoria da Comunicação. UFRJ. 1998

ORO, Ari Pedro, André Corten, Jean-Pierre Dozon (Orgs). **Igreja Universal do Reino de Deus. Os Novos Conquistadores da Fé.** Ed. Paulinas. São Paulo. 2003

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** Ed. Brasiliense 2ª edição. São Paulo – 1994.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso. Uma crítica à confirmação do óbvio.** Campinas: Unicamp, 1988.

PIERUCCI, Antônio Flávio e Reginaldo Prandi. **A Realidade Social Das Religiões No Brasil.** Ed. Hucitec. SP. 1996.

PROSS, Harry. **Estructura simbólica Del poder.** Ed. Gustavo Gili – Barcelona, 1980

RICOUER, Paul. **Interpretação e Ideologias.** 4ª ed. RJ – Ed. Francisco alves, 1990

_____. **Teoria da Interpretação.** Lisboa: Edições 70, 1987.

RIBEIRO, Erislaine. **O Direito e O Averso do Discurso Contra a Proposta de Reforma da Previdência.** *Revista Linguagem em (Dis)curso.* V.4, n.2, Jan./Jun., 2004.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Reflexões Sobre o Mundo Contemporâneo.** UFPI Ed. Revan – 2000

_____. **O Discurso Mediático.** Lisboa, 1996, mimeo

RUBIM, Antônio Albino C., Ione Maria G. Bentz, Milton José Pinto (orgs.) **Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos.** Co- edição: Ed Vozes e Compôs. RJ 1998

RÜDIGER, Francisco. **Apocalípticos, Integrados e Pós-modernos: a problemática da tecnologia na Teoria da comunicação contemporânea.** 1995

SABÓIA, Lygia. Artigo **Implicações Hipertextuais na obra “Balinese Character – A Photographic Analysis” de Margaret Mead e Gregory Bateson** In: Ecos Revista – Revista da escola de Comunicação Social Ed. EDUCAT V.7, N.2, Jul.-Dez./2003

SACKS, Oliver. **O Homem Que Confundi Sua Mulher Com Um Chapéu**. 2ª ed. Imago Editorial. RJ - 1988

SANTOS, Milton. **O Lugar e o Cotidiano**_in: A Natureza do Espaço Técnica e tempo. Razão e emoção ASP ed. 2002

SHULTZE, Quentin J. **Defining The Eletronic Church** (in.) ABELMAN, Robert & Hoover, Stewart. M. Religious Television: controversies and Conclusions. Norwood. New Jersey: Ablex Publishing corporation, s/d, p.41. 2001

SIERRA, Gutiérrez Luiz Inácio. **Para Uma Epistemologia dos Processos Midiáticos**. Trabalho final. Seminário Avançado de Comunicação II. PPGCom Unisinos, 2004/2.

SILVERSTONE, Roger. **Mediação**. In: *Por Que Estudar a Mídia?* Edições Loyola. 2003.

SODRÉ, Muniz. **Eticidade e Campo Comunicacional** (sobre a construção do objeto) V Congreso Latino-Americano de Ciências de La Comunicaciòn – ALAIC – Santiago do Chile. Abr/00

SODRÉ, Muniz; PAIVA; Raquel. **O Império do Grotesco**. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

STEINKAMP, Hermann. **O Poder Pastoral. A Provocação de Michel Foucault à Teologia Prática**. Tese de doutorado – Alemanha. 2000.

TOMPAKOW, Roland e Pierra Weil. **O Corpo Fala**. A linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 54ª ed. Ed. Vozes. Petrópolis – RJ. 2002

TRÓPICO, **Enciclopédia Ilustrada**. Vol. IV - Livraria Martins Editora Ltda. 1976.

VERÓN, Eliseo. **A Produção de Sentido**. Ed. Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo. SP. 1980

_____. **La semiosis social**. Buenos Aires: Gedisa. 2001

_____. **Ideologia, estrutura e comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. **Fragmentos de um Tecido**. Ed. Unisinos. São Leopoldo – 2004

_____. **Los públicos entre producción y recepción: problemas para una teoria de reconocimiento**. Cursos da Arrábida 2001.

VISER, Eduardo A. **La Trama (in)visible de la vida social: Comunicación, sentido y realidad.** Buenos Aires: Ed. La Crujía, 2003.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** 11ª Ed. Livraria Pioneira Editora – São Paulo - SP

WHITE, Robert A. **Religião & Mídia – Na construção de culturas** In: HOOVER, Stewart M. & LUNDBY, Knut. Rethinking media, religion, and culture. Tradução do PPGCOM Unisinos. Thousands Oaks/ Londres/Nova Deli: Sage Publications. Inetrantional Educational and Professional Publisher, 1997.

WULFHORST, Ingo. FLM Estudos. Espiritualismo/Espiritismo: **Desafios para a Igreja na América Latina.** Ed. Sinodal/Federação Luterana Mundial. São Leopoldo - RS. 2004

ZOZZOLI, Jean-Charles Jacques. **Compreensão da Significação Marcária.** A marca, instrumento e reflexo da produção social de sentido: transformação e transação. In: Produção e Recepção dos sentidos Midiáticos. (Orgs.) Antônio Albino Canelas Rubim, Ione Maria G. Bentz, Milton José Pinto. Ed. Vozes. Petrópolis. 1998

Sites na Web

ARTENEON. <http://www.arteneon.com.br/index1.htm>. Disponível em 03.12.2005.

EVANGÉLICOS. <http://www.brasilsite.com.br/religião/evangelica/#evangelicos> –Evangélicos. Disponível em 10.07.2004

CALDER. <http://www.calder.org>. Disponível em 11.02.2006.

FOLHA ARCAUNIVERSAL. <http://www.folha.arcauniversal.com.br>. Disponível em 26.02.2006

FOLHA UNIVERSAL. <http://www.folhauniversal.com.br> Disponível em 18.01.2004

MENORAH. <http://www.hermanubis.com.br/Artigos/BR/ARBRAmenorah.htm>. Disponível em 27.01.2006

IGREJA UNIVERSAL. <http://www.igrejauniversal.org.br>. Disponível em 14.12.2005.

ONGRACE. <http://www.ongrace.com/rrsoares/ministerio.php>. Disponível em 27.01.2006

RDE ALELUIA. <http://www.redealeluia.com.br/>. Disponível em 14.01.2006

THEATRO MUNICIPAL RJ. <http://www.theatromunicipal.rj.gov.br> Disponível em 18.01.2006

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
MESTRADO

ALEXANDRE DRESCH BANDEIRA

**INTERSECÇÃO DOS DISPOSITIVOS MUDIÁTICOS E RELIGIOSOS:
A MUDIATIZAÇÃO COMO LÓGICA DO CONSUMO NA IGREJA UNIVERSAL DO
REINO DE DEUS**

VOLUME II
APÊNDICE – LISTA DE ILUSTRAÇÕES

São Leopoldo

2006

